

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**NAS TERRAS DE *TAQUARA-PÓCA*: CULTURA CAIPIRA NA
OBRA DE FRANCISCO MARINS**

CRISTINA DALLANORA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre junto ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof.º Dr.º João Klug.

**FLORIANÓPOLIS
2010**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

D144n Dallanora, Cristina

Nas terras de Taquara-Póca [dissertação] : cultura caipira na obra de Francisco Marins / Cristina Dallanora ; orientador, João Klug. - Florianópolis, SC 2010.
117 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. Marins, Francisco, 1922. 2. História. 3. Caipiras.
4. Literatura. 5. Vida rural. I. Klug, João. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em História. III. Título.

CDU 93/99

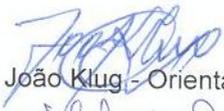
**Nas terras de Taquara-Póca: cultura caipira na
obra de Francisco Marins**

CRISTINA DALLANORA

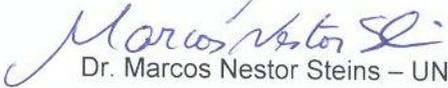
Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua
forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

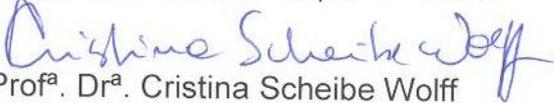
Banca Examinadora


Dr. João Klug - Orientador e Presidente – UFSC


Dra. Eliane Santana Dias Debus – UFSC


Dr. Marcos Nestor Steins – UNIOESTE

Dra. Eunice Sueli Nodari – Suplente – UFSC


Prof^a. Dr^a. Cristina Scheibe Wolff
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 25 de fevereiro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Durante meu (longo) mestrado muitas foram as contribuições e convivências que permitiram a efetivação da pesquisa e escrita desta dissertação.

Devo muito ao meu orientador, João Klug, pela confiança e incentivo que me fez acreditar e ter mais certezas das incertezas inerentes à pesquisa e ao trabalho acadêmico. Como também a possibilidade da realização de estágio de docência, oportunidade que me permitiu amadurecer como professora.

Aos meus professores, que no primeiro ano do mestrado me colocaram diante de leituras e discussões que contribuíram para esta dissertação. E também aos colegas do LABIMHA, pelo companheirismo.

A Eliane Debus e ao Jó Klanivcz, pelas sugestões e críticas realizadas no exame de qualificação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pela concessão da bolsa que me permitiu cursar o segundo ano do mestrado de maneira mais plena.

Ao escritor Francisco Marins, pela atenção e colaboração no processo de pesquisa em seu arquivo. Assim como a conversa informal que, depois de gravada e transcrita, tornou-se uma importante fonte de pesquisa. Também agradeço a sua esposa, Dona Elvira, por ter-me recebido com especial atenção e carisma. A Andréia, secretária do escritor, por intermediar a pesquisa no arquivo e os contatos via e-mail.

Apesar de o processo da escrita parecer um trabalho solitário, muitos foram os amigos que fizeram parte do meu cotidiano (real e/ou virtual) e deram o fundamental apoio emocional nos maus e bons momentos. Agradeço a Domitila Costa Cayres, Vinícius Possebon Anaissi, Wesley de Paula, Rafael Dias, Guilherme Mondardo, Jaime Silva. Especialmente a Greyce Kely Piovesan, cujo convívio diário me fez criar um ritmo mais consistente de estudo. E a Laura Castegnaro, com quem dividi morada nos últimos tempos antes do término do texto, por me incentivar nos momentos difíceis e por me encorajar sempre a dar um ponto final.

Aos meus pais, Ivo e Vera, pelo apoio e amor incondicional e por acreditarem na carreira que escolhi. À minha irmã, Adriana, por estar sempre presente apesar da distância. Ao meu cunhado e amigo, Fernando, por me fazer perceber que certos instrumentos de trabalho são essenciais e que não devemos protelar a sua aquisição.

... a exaltação que acompanha certas leituras tem uma influência propícia sobre o trabalho pessoal, cita-se mais de um escritor que amava ler uma bela página antes de se pôr a trabalhar.

Marcel Proust. *Sobre a leitura.*

A vida no campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.

Raymond Williams. *O campo e a cidade: na história e na literatura.*

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| CAPÍTULO 1 | |
| DE PRATÂNIA – “Ê TERRA PRA BROTAR CAIPIRA SÔ” | 25 |
| CAPITULO 2 | |
| MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CAIPIRA EM FRANCISCO MARINS | 48 |
| 2.1 “Quem conta um conto aumenta um...”: contos da juventude | 50 |
| 2.1.1 <i>Ritinha</i> : o primeiro conto, do primeiro encanto e um primeiro desencanto | 58 |
| 2.1.2 <i>Mulita</i> : entre guascadas e safanões | 61 |
| 2.1.3 <i>Antes tarde... do que nunca</i> | 62 |
| 2.2 “Taquara que estoura, pôl, pôl: Taquara-Póca” | 67 |
| CAPÍTULO 3 | |
| CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE MONTEIRO LOBATO E FRANCISCO MARINS | |
| 3.1 Monteiro Lobato e Francisco Marins: aproximações e distanciamentos | 76 |
| 3.1.2 Sobre a trajetória intelectual e literária de Lobato e Marins | 79 |
| 3.2 A construção do “Jeca Tatu”: “dissecação, a talhos fundos, do pobre parasita da terra” | 82 |
| CAPÍTULO 4 | |
| A RECONSTRUÇÃO DO “JECA” E UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO | 90 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| 6 FONTES | 111 |
| 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 112 |

RESUMO

Francisco Marins é autor de vários livros, cuja temática principal é o campo e o cotidiano da pequena propriedade rural, destinados a crianças, jovens e adultos. Ficou conhecido principalmente por suas histórias infantis ambientadas no sítio *Taquara-Póca*. O objetivo desta dissertação consistiu em analisar como o mundo rural e o “caipira” são abordados na sua literatura. Através da análise dos contos *Ritinha*, *Mulita* e *Antes tarde... do que nunca* e do livro *Nas terras do Rei Café*, publicados entre os anos 1938 e 1945, procurou-se destacar as manifestações da cultura caipira e como as histórias das personagens são marcadas pela ruralidade. Assim como o diálogo da sua literatura com os projetos maiores que intelectuais propuseram para o campo e que circularam no âmbito do Estado e da elite nacional no período do Estado Novo do Governo de Getúlio Vargas.

Palavras-chave: Francisco Marins; mundo rural; Estado Novo; “caipira”; história; literatura.

ABSTRACT

Francisco Marins is the author of several books. His main theme is the rural world and the daily life on small rural properties. He is most famous for his children's stories set in a place called Taquara-Poca. The objective of this dissertation was to examine how the rural world and “caipira” are seen in his literature, through analysis of the stories *Ritinha*, *Mulita* and *Antes tarde... do que nunca* and of the book *Nas terras do Rei do Café*, published between the years 1938 and 1945. The focus was on the rural culture manifestations and how the stories of the characters are marked by this rural culture. The relation of his literature with larger projects of other intellectuals have proposed to the country and circulated within the state and national elite during the New State Government of Getúlio Vargas was also focused.

Keywords: Francisco Marins; rural worlds; Estado Novo; “caipira”, history, literature.

INTRODUÇÃO

Há uma figura de linguagem na Língua Portuguesa, chamada metonímia, que justifica o emprego de um termo por outro e à qual se recorre quando há semelhança ou possibilidade de associação entre os termos. Isso explica, por exemplo, substituir uma idéia por outra mais familiar, usar a parte no lugar do todo, a obra no lugar do autor como também o uso de estereótipos. No processo de representação de linguagem que produz efeito sobre as expressões, um deles é a perda do referencial, prevalecendo um traço significativo da expressão que passa a significar toda a expressão.

“Jeca Tatu”, possivelmente, é o maior exemplo na literatura brasileira considerando o efeito produzido. Nesse sentido, para muitos brasileiros, o “Jeca” não é mais uma personagem do seu criador, mas sim o próprio indivíduo sobre o qual foi inspirado e caricaturado: o “caipira”. E isso resulta de um processo de produção de significação sobre o mundo rural, num amplo sentido, que se fez presente não apenas na literatura, mas em diversos discursos, em vários momentos da história do Brasil, sob diferentes perspectivas.

O termo caipira é usado cotidianamente para fazer referência ao homem simples e rústico do campo. No entanto, nos estudos que se dedicam especificamente às comunidades tradicionais o termo implica uma categoria de análise mais complexa, exprimindo um modo de ser e não uma designação racial ou étnica.

A intenção inicial desta pesquisa foi estudar as manifestações da cultura caipira na literatura do escritor Francisco Marins e procurar entender de que forma ela se inseriu (e dialogou) no contexto mais amplo dos projetos para o mundo rural que circularam no âmbito do Estado e da “elite nacional” durante o governo de Getúlio Vargas.¹ A amplitude do tema exigiu concentração em determinado período, o que nos levou a delimitar os textos a serem analisados como também os debates e as propostas que permeavam as discussões a respeito do campo e do seu homem.

O principal objetivo desta dissertação consistiu em analisar a abordagem das concepções referentes ao mundo rural e ao caipira presente nos primeiros contos publicados nos anos 1938 e 1939 e o seu primeiro livro infantil intitulado *Nas Terras do Rei Café*, que iniciou a

¹ Por elite nacional entendemos, de um lado, os ruralistas e, de outro, intelectuais preocupados em desenvolver estratégias para desenvolvimento do campo, principalmente no âmbito da educação.

série *Taquara-Póca* no ano de 1945. Como também o diálogo da sua literatura com os projetos maiores que intelectuais propuseram para o campo e que circularam no âmbito do Estado e da elite nacional no período do Estado Novo de Getúlio Vargas.

A despeito das diferentes apropriações feitas do homem do campo e do mundo rural, concentramo-nos no período do Estado Novo, cuja apropriação se deu de forma positiva, relacionando-o à nacionalidade, portanto, como um elemento de brasilidade.

O interesse em estudar a literatura de Marins surgiu durante a minha graduação e consistiu em meu trabalho de conclusão de curso. Autor de vários livros cuja temática principal é o campo e o cotidiano da pequena propriedade rural, a sua produção literária destinou-se a crianças, jovens e adultos. Na monografia, utilizamos os livros cujo público alvo são as crianças, em particular, as quatro histórias que formaram a série infantil *Taquara-Póca: Nas Terras do Rei Café* (1945), *Segredos de Taquara-Póca* (1947), *O Coleira-Preta* (1949) e *Gafanhotos em Taquara-Póca* (1950).² O objetivo do trabalho foi identificar a relação da série com o mundo rural que ela representava e certa noção da ruralidade presente nas histórias de Marins. Concluída a monografia, para além do universo rural idealizado e romantizado com o qual nos deparamos, outras questões foram suscitadas, o que nos incentivou a dar mais um passo na pesquisa.

Durante o mestrado, ao cursar a disciplina Migrações, Construções Sócio-Culturais e Meio Ambiente, elaborei um artigo no qual contrapus a abordagem do mundo rural e do caipira presente na literatura de Marins à do “Jeca Tatu”, presente na literatura de Monteiro Lobato. Mas além de eu contrapor imagens que se fizeram presentes em períodos e em gêneros diferentes, percebi que havia semelhanças e diferenças que precisaria desenvolver pontualmente. Sabendo das diferentes possibilidades temáticas que poderiam ser desenvolvidas a partir da abordagem encontrada nos dois escritores e do senso comum de que a localização fora do espaço urbano sempre foi prática comum na literatura infantil, passamos a considerar que a abordagem do espaço rural implicava algo mais que um mero cumprimento de uma tradição literária.³

² DALLANORA, Cristina. **Taquara-Póca**. O Brasil rural de Francisco Marins. 2006. 63f. Monografia (Graduação em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

³ Observação recorrente em estudos de literatura infanto-juvenil, como, por exemplo, em LAJOLO, M. P.; ZILBERMAN, R.. **Literatura Infantil Brasileira**. História e Histórias. São Paulo: Ática: 1984, p. 61.

Na produção infantil de Marins, como também nos contos selecionados, em nenhum momento a sua abordagem do mundo rural esteve dissociada do trabalho agrícola, dos afazeres inerentes à sobrevivência no campo, em especial, das pequenas propriedades agrícolas. Aspecto que não pode ser considerado válido para a literatura de Monteiro Lobato, na qual o trabalho agrícola foi apresentado sempre envolto por uma outra alternativa mais promissora.

Apesar de uma diferença temporal no que diz respeito à construção do “Jeca” propriamente dita entre Monteiro Lobato e Francisco Marins, os dois escritores escreveram no período que coincidiu com Estado Novo (1937-1945). Momento que se caracterizou pela ausência de prerrogativas democráticas e pela implantação de um modelo de modernização conservadora. E, principalmente, pela instalação de um governo que deu atenção especial à utilização de recursos de propaganda e de divulgação ideológicas, em busca de consenso e de legitimidade.⁴

O período do Estado Novo também teve como principal característica do implemento de políticas voltadas para a industrialização. Sobre este aspecto, há uma idéia recorrente na historiografia que se baseia no fato de que com o processo de desenvolvimento industrial o campo e o homem rústico teriam sido deixados de lado. Essa abordagem também se fez presente em pesquisas sobre obras de literatos que concentraram suas histórias no espaço rural.

Ao analisar a literatura infantil brasileira produzida nos anos 1930 e 1940, incluindo a do escritor Francisco Marins, Marisa Lajolo e Regina Zilberman afirmaram que:

Na época em que o Brasil dispara na direção de um projeto industrial de grande envergadura, a fim de garantir a continuidade no processo de modernização com o qual tinham se comprometido os republicanos, a literatura infantil advoga uma causa de outra índole. Voltando a localizar parte considerável dos heróis das histórias em sítios e fazendas, torna-se porta-voz de uma política econômica que considera a agricultura a viga mestra de sustentação financeira do país, e o homem do campo, seu principal agente.⁵

⁴ GOMES, A. M. C.. O redescobrimento do Brasil. In OLIVEIRA, L. L.; GOMES, A. M. C.; VELLOSO, M. P. **Estado novo**: ideologia e poder. Zahar Editores, Rio de Janeiro: 1982, p. 109.

⁵ LAJOLO, M. P., ZILBERMAN, R.. Op. cit., p. 96.

A afirmação da apologia do rural em contraposição ao projeto brasileiro em curso no período, do desenvolvimento industrial ecoa essa idéia recorrente na historiografia sobre o período Vargas, do abandono do campo. A análise do historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva sobre governo Vargas e a questão agrária, apresentou-nos um contraponto.

Segundo Silva, os anos de 1930 consolidaram parte substancial do imaginário que até hoje povoa a mente dos brasileiros sobre o seu passado rural e sobre a vida no campo.⁶ Ainda de acordo com Silva, num contexto em que o uso de imagens positivadas do homem do campo e de seu trabalho tornou-se estratégia do governo para incorporar o mundo rural à política nacional, outros “produtores de imagens” alinharam-se ao Estado como fontes de pensar e expressar-se sobre o mundo rural. Partindo dessa hipótese, pensamos ser possível estudar as manifestações da cultura caipira, e o sentido da “ruralidade”, através da literatura de Marins no campo que se estende em direção à “cultura”.

Datadas historicamente, as obras literárias carregam indícios de historicidade e exigem do historiador algo a mais que o conhecimento do contexto histórico da sua elaboração. Como também algo a mais que a descrição do seu conteúdo. As fontes literárias carregam em si além da voz do narrador, vozes em interlocução.⁷ Nos últimos anos, os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.⁸

A História Cultural, portanto, tem se voltado para uma interpretação que considera as fontes literárias capazes de nos dizer algo sobre o período em que foram produzidas. Não apenas textos escritos, mas também as representações que a sociedade faz de si mesma, captadas através das mais diversas linguagens – ilustrações, imagens, arquitetura, registros sonoros, enfim, tudo o que possa ser identificado como um produto da sociedade que o fabricou, ganhou estatuto de

⁶ SILVA, F. C. T. Vargas e a questão agrária: a construção do fordismo possível. In: **Diálogos**: Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, v. 2, nº 2, p. 113-128, 1998, p. 123. Outro ensaio de Silva também sugere essa hipótese é possível verificar em SILVA, F. C. T. Conflito e conservadorismo numa sociedade agrária. In: SANTOS, R. N.; CARVALHO, L. F.; SILVA, L. C. T. (Org.). **Mundo Rural e Política**: ensaios disciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 3-19.

⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Questões da literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Ed. UNESP/HUCITEC, 1998.

⁸ FERREIRA, A. C.. A fonte fecunda. In **O historiador e suas fontes**. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, T. R.. (Org.). São Paulo: Contexto, 2009.

documento.⁹

Por isso, na música, na pintura, na literatura e em outras formas de arte, acreditamos ser possível analisar a concepção a respeito do mundo rural e do caipira. Nesse sentido, partimos da hipótese de que pela perspectiva do mundo rural presente nas narrativas de Francisco Marins é possível visualizar certo diálogo com o debate mais amplo acerca do mundo rural e do homem do campo entre os anos de 1938 e 1945.

Vale abrir um parêntese e frisar que não queremos afirmar que só existe uma única arte que se expressa indiferentemente em qualquer uma dessas linguagens. Mas na origem de toda vocação artística, “há uma certa escolha indiferenciada que as circunstâncias, a educação e o contato, só mais tarde irão particularizar. E não há dúvida que as artes de uma mesma época se influenciam mutuamente e são condicionadas pelos mesmos fatores sociais”.¹⁰

No decorrer da pesquisa, Francisco Marins recebeu-me gentilmente em sua residência em Botucatu (SP) e ao longo dos dias 15, 16 e 17 de março de 2008, tive a oportunidade de entrevistá-lo como também de consultar seu arquivo pessoal. Marins organizou ao longo de sua vida, um arquivo e uma biblioteca pessoal cujos documentos estavam dispersos até meados de 2007, quando resolveu reunir o material no *Tempo e Memória. Arquivo e Biblioteca Francisco Marins*.¹¹

A pesquisa no seu arquivo colocou-nos diante de inúmeras possibilidades de pesquisa. A partir de 2007, recém edificado, encontramos o arquivo organizado em estantes, cujo material apresenta-se identificado por pastas e assuntos.

A primeira questão que a pesquisa no arquivo suscitou foi como trabalhar a partir dos fragmentos que compõem um arquivo pessoal. Segundo a pesquisadora Luciana Quillet Heymann, a pluralidade do material deve ser submetida a um padrão de descrição. Pois é a descrição do pesquisador que se transforma em veículo que dá acesso à memória documental do titular. Mas viabilizar o fornecimento de

⁹ PENTEADO, A. E. A.. **Literatura infantil, História e Educação**: um estudo da obra Cazuzza, de Viriato Correa. Campinas, 2001. 219 f.. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001, p. 13.

¹⁰ SARTRE, Jean-Paul. **O que é a Literatura?** 3ª ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. Editora Ática: São Paulo: 2004, p. 9-10.

¹¹ O arquivo está localizado na residência do escritor, no Condomínio Vale do Sol, em Botucatu, no Estado de São Paulo. Ainda está em processo de organização pelo próprio titular, mas permanece aberto para possíveis pesquisas.

informações não significa conformar-se em abarcá-la na sua totalidade.¹² É preciso selecionar o que são fragmentos de memória para o que é, ou será, história.¹³

O material organizado em pastas segue a denominação dos locais onde Marins trabalhou e atuou, como por exemplo, “Câmara Brasileira do Livro 1”; “Câmara Brasileira do Livro 2”; “Academia Paulista de Letras (APL)”, entre outras pastas referentes aos seus locais de trabalho e atuação. Mas estas não foram as que nos chamaram mais atenção. Heymann advertiu que a existência de um senso comum histórico, que torna obrigatório o destaque de temas de relevância consensual, não deve impedir que uma série de outros documentos ou temas, de caráter mais “corriqueiro” e conteúdo “menor”, seja submetida aos mesmos padrões de descrição dos primeiros.¹⁴

De um lado, a quantidade de documentos arquivados nestas pastas, principalmente nas intituladas “Câmara Brasileira do Livro 1 e 2” refletem a atuação de Marins dentro das políticas de publicação do livro, como a sua importância no campo da valorização do livro. De outro lado, a observação de Heymann fez-nos refletir também sobre os cartões, cartas ou felicitações, que são tipos de documentos encontrados quase exclusivamente nesse tipo de arquivo.

A importância desse tipo de documentação se dá na medida em que nos possibilitou traçar as redes de relações pessoais do titular, dando-nos chaves para compreender aspectos fundamentais do funcionamento de sua vida intelectual, política e literária. Apesar de neste estudo não priorizarmos esta documentação, implicitamente elas foram importantes para dedução dos seus interesses no campo literário ao longo dos anos, sobretudo no que concerne à Filologia no Brasil.¹⁵

O arquivo pessoal, portanto, expressa a “vontade de guardar individual” do titular, uma forma de “guardar para se guardar do

¹² HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. In: **Estudos históricos**. Indivíduo, biografia e história. Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997, p. 50-51.

¹³ A autora está se referindo especificamente ao trabalho arquivístico ou ao trabalho do documentarista, mas também é uma questão que se estende aos demais pesquisadores.

¹⁴ HEYMANN, L. Q.. Op. cit., p. 59.

¹⁵ O que verificamos em algumas correspondências trocadas, por exemplo, entre o escritor e o filólogo Antonio Houaiss, a respeito das palavras proparoxítonas do nosso vocabulário. Segundo Marins, a falta do acento nestas palavras, como previa o último Acordo Ortográfico (iniciado em 1990), implicaria dificuldade de tradução dos seus livros para outros idiomas, principalmente em se tratando dos vocábulos caipiras que carregam um forte laço com o português arcaico. E, encontrando dificuldade nas traduções, estaria aí um caminho para o desaparecimento de uma forma de linguagem.

esquecimento”. E visto deste prisma, o arquivo disponibiliza pistas dos interesses, participações, rotinas e contatos do titular.

Após a pesquisa no arquivo, procuramos dar atenção para as pastas de naturezas diversas e não apenas as relacionadas ao “trabalho oficial” do escritor. A pasta “Francisco Marins – Entrevistas” contém entrevistas concedidas pelo escritor e revisadas, supondo que certamente voltaram-lhe uma cópia para a sua revisão e autorização.

A pasta “Correspondência Avulsa - leitores mirins” é composta por correspondências de leitores mirins e foi significativa e tentadora a leitura delas. Mesmo que não as tenhamos utilizado para esta pesquisa, mas por sugerir a forma como os professores (em sua maior parte de São Paulo) utilizavam e ainda utilizam as histórias do escritor nas aulas de português, geografia e história, num exemplo da presença concreta da manifestação da leitura.

Em uma das pastas, sem nome, estavam os artigos e contos manuscritos, entre os quais, alguns que o escritor reuniu e republicou em 2001 no livro *O curandeiro dos olhos em Gaze e outros contos*. São artigos e contos escritos entre 1930 e 1940 voltados para a história, para a formação do “povo brasileiro” e para o registro dos costumes e crenças do “caipira” ou do “sertanejo”. Foi a partir desta pasta que escolhemos os três contos que são analisados no segundo capítulo desta dissertação.

Após a realização da pesquisa no arquivo e conversas com o escritor, o encantamento inicial teve de ser acompanhado por certa cautela. Os arquivos privados pessoais definem-se, principalmente, pelo fato de todos os documentos do acervo possuir como marca identitária uma relação direta com o nome próprio do titular do arquivo. A pesquisa no arquivo sugeriu-nos que sua construção ancorou-se a partir de acontecimentos que balizaram a trajetória do escritor. Num arquivo pessoal, é o nome do titular que cria a identidade fundamental do acervo constituído. E é a partir dele que se organiza a série de documentos acumulados.

O risco que corremos ao pesquisar em arquivos privados é o de se acreditar que eles traduzem uma visão mais verdadeira do indivíduo na medida em que foi organizado pelo próprio titular. Cria-se a falsa noção que identifica os conjuntos documentais de origem pessoal a uma manifestação concreta e objetiva da memória individual de seus titulares.

A reflexão do sociólogo Pierre Bourdieu, em relação às histórias de vida, tornou-se pertinente para pensarmos uma determinada “ilusão biográfica” gerada pelos arquivos pessoais. Para além da crítica

em relação à naturalização do sentido de continuidade da trajetória pessoal conferido às histórias de vida, Bourdieu alertou que o indivíduo, ao contar sua vida ou expor suas memórias, atuaria como ideólogo de sua própria história. Uma vez que seleciona certos acontecimentos significativos em função de uma intenção global e estabelece entre eles conexões adequadas a dar-lhes coerência. Trata-se, portanto, de um esforço de representação, ou melhor, de produção de si mesmo.¹⁶

Nesse sentido, levou-se em consideração que os indivíduos não põem suas vidas “em conserva” de qualquer maneira. Phillippe Artières observou que eles fazem antes um acordo com a realidade, manipulam a sua existência, omitem, rasuram, riscam, sublinham e dão destaques a certas passagens.¹⁷ Arquivar a própria vida, portanto, é “se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio”, e por isso o arquivamento do “eu” pode ser considerado “uma prática de construção de si e de resistência”.¹⁸ Segundo a abordagem de Artières o arquivo também poderia se tornar objeto de investigação. Apesar de o arquivo de Marins sugerir uma dimensão autobiográfica, não nos detivemos na análise de sua construção. Fez-se uso do material pesquisado, procurando nos preservar da ingenuidade frente a esses tipos de arquivo e das entrevistas, que ao longo da pesquisa, colocaram lado a lado fonte oral e fontes escritas.

A partir das observações de Bourdieu e Artières, no primeiro capítulo desta dissertação pretendeu-se apresentar o escritor Francisco Marins na forma de um breve esboço biográfico. Buscou-se incorporar outras reflexões fundamentais quando se remete à história de um indivíduo e que encontramos também em Giovanni Lévi e Sirlineli. Não se pretendeu trazer aspectos da sua vida pessoal para explicar a sua obra ou vice-versa. Mas sim buscar um equilíbrio entre a trajetória pessoal e o que constituiu o seu entorno, associado à sua trajetória social e intelectual onde se pode visualizar elementos que vieram agregar para a compreensão da sua concepção sobre o caipira e o mundo rural.

No segundo capítulo focou-se na análise das manifestações da cultura caipira nos três primeiros contos escrito por Marins e intitulados *Ritinha*, *Mulita* e *Antes tarde... do que nunca*. Também dedicou-se parte da análise à influência da obra *O Dialecto caipira* do escritor Amadeu Amaral. Por suas histórias estarem impregnadas de termos e expressões

¹⁶ BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 183.

¹⁷ ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. In **Estudos Históricos**. Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, vol. 10, n° 21, 1998, p. 11.

¹⁸ ARTIÈRES, P. Op. cit., p. 11.

do dialeto caipira, entende-se que Marins foi um intermediário desse vocabulário não vernacular. O que se converteu em um indício de que a sua literatura tem um lugar tanto na construção como na preservação do dialeto caipira.

Em seguida analisou-se o livro *Nas Terras do Rei Café*, que, por se tratar de outro gênero, tratamos em subitem. No que se refere às manifestações da cultura caipira, destacamos primeiramente a oralidade na literatura infantil. Mesmo dedicada ao público infantil, o escritor manteve o vocabulário caipira e uma linguagem sociológica na caracterização do trabalho do campo. Contrário às deturpações, Marins esforçou-se para fixar a oralidade do linguajar caipira numa transcrição, conforme suas palavras, “o mais fiel possível” ao com a finalidade de preservar o dialeto. Como prova desse esforço, Marins foi chamado a sinalizar dezenas de palavras caipiras presentes em suas histórias, as quais, depois de algumas correções, estão presentes no Dicionário Houaiss.¹⁹

A série *Taquara-Póca*, que tem em *Nas Terras do Rei Café* a sua primeira história, possui inúmeras semelhanças com as histórias do sítio do *Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Mas o início da publicação dos dois autores foi marcado por uma forte diferença no diz respeito às suas abordagens em relação ao homem do campo.

No terceiro capítulo analisaram-se as semelhanças e diferenças em relação à concepção do mundo rural e do caipira presente nos escritos dos dois literatos. Também tratou-se em subitem das aproximações das suas trajetórias tanto intelectual como também literária.

Tanto Lobato como Marins cursaram a mesma faculdade de Direito em São Paulo e fizeram parte da sua Academia de Letras. Escreveram para as mesmas revistas, investiram em diversos gêneros literários e foram *Best sellers*. Por algum motivo referente à universalidade de uma obra, apenas Marins está entre os nomes da coleção *Delphin*, restrita aos chamados clássicos de literatura para jovens de todo o mundo, e que também tem um verbete especial na *Oxford Children's Literature*.

No quarto e último capítulo, focou-se no diálogo da sua literatura com os projetos maiores que intelectuais propuseram para o

¹⁹ Por solicitação de Antonio Houaiss, Marins sinalizou algumas palavras que estão em seus textos para fazerem parte do Dicionário Houaiss. Tivemos acesso a esta informação na pasta de correspondências. Em entrevista publicada ao final do livro *O Curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos*, Marins também mencionou este trabalho. Ver MARINS, Francisco. **O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

campo e que circularam no âmbito do Estado e da elite nacional no período do Governo de Getúlio Vargas. Pretendeu-se também apontar para a ruralidade expressa em suas histórias cujo objetivo foi mostrar que a concepção do mundo rural e do caipira em Marins atuou e atua como uma forma de se encontrar o próprio Brasil.

Nas considerações finais, remeteu-se às considerações feitas ao longo desta dissertação. Procurou-se chamar atenção para o modo como os primeiros contos foram narrados, utilizando a linguagem caipira com o intuito de preservá-la. Assim como o caráter didático e pedagógico do livro infantil se relacionou a uma visão do mundo rural e do caipira que o escritor tentou preservar.

CAPÍTULO 1

DE PRATÂNIA – “Ê TERRA PRA BROSTAR CAIPIRA SÔ”²⁰

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo nem sempre transposto com felicidade.

Antonio Candido

Traçar o perfil de Francisco Marins implicou, no decorrer desta pesquisa, um trabalho delicado. Primeiro, porque ao entrevistá-lo e ouvir um pouco das suas experiências de vida, o escritor, assim como seus textos, tornou-se fonte de pesquisa. Neste caso, tanto a literatura como os depoimentos do escritor, deixaram de ser apenas instrumentos de pesquisa passando a configurar também o nosso objeto. Segundo, porque não se está imune ao conforto de uma “tradição biográfica estabelecida” que concebe as experiências de um indivíduo ou uma história de vida como sendo seu relato ordenado em um único sentido e direção. Esta é uma questão crucial que se coloca ao historiador quando pretende narrar parte de uma trajetória de vida.

Desde os anos 1980 intensificaram-se as discussões, sobretudo na sociologia, que colocam em dúvida a coerência das histórias contadas que dão sentido às trajetórias de vida. Tais discussões chegaram a um extremo em que céticos e niilistas defendiam o “nonsense” de vida na sociedade moderna, descartando qualquer coerência na trajetória de vida dos indivíduos.²¹ Passou-se a considerar um individualismo no qual as estruturas e as instituições (como Estado, classe, entre outras) em nada influiriam na história dos indivíduos.²² Nesta perspectiva, negava-se

²⁰ Inspirado no subtítulo “De Botucatu – ê terra pra brostar caipira sô” retirado de NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. Da Roça ao Rodeio. São Paulo, Editora 34, p. 145. Neste livro, Rosa Nepomuceno dedicou um capítulo aos músicos saídos “das bandas de Botucatu para tentar a vida na grande São Paulo”, região da qual também saiu Marins.

²¹ Sobre essa tendência na sociologia nos anos 1980, ver PASSERON, J. **O raciocínio sociológico**: o espaço não popperiano do raciocínio natural. Tradução de Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995.

²² BOURDIEU, P. Op. cit., p. 183.

qualquer significado ou sentido à vida de um indivíduo em qualquer momento da sua história.

O sociólogo Pierre Bourdieu, no artigo “A ilusão biográfica”, sugeriu um outro caminho para compreendermos as mediações e a teia de relações em que os indivíduos se envolvem. Bourdieu fez objeção à história de vida enquanto um conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.²³ Este seria o senso comum no qual a vida é descrita como uma história e o relato dessa história. Um relato biográfico, nesse sentido, não se resume num conjunto de acontecimentos em torno de uma existência individual, num caminho unidirecional com começo, meio e fim.

Este tipo de abordagem tem consequências quando tomamos como fonte determinada obra literária que é escrita por um autor, na medida em que se aceita/compactua com a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos (*Geschichte*) implícita numa filosofia da história no sentido do relato histórico (*Historie*).²⁴ E ainda, (e talvez o mais incômodo para os historiadores) aponta para uma forma de escrita em que nada diferenciaria o trabalho do historiador e do romancista.

Bourdieu sugeriu ainda que prestemos atenção na construção do espaço em que a trajetória de um indivíduo se passa, para, a partir daí, tentarmos reconstruir a sua rede de relações sociais. Dessa forma, conforme o autor torna-se possível avaliar a superfície social onde o sujeito se encontra e que acabam influenciando as suas relações objetivas. O autor propõe ainda o uso do conceito de *habitus*, que se define por uma identidade que se constrói e está situada historicamente e que permite a existência do indivíduo e sua ação em diferentes campos.

²³ Ibidem, p. 183.

²⁴ Idem, op. cit., p. 184. Bourdieu menciona rapidamente, neste artigo, duas concepções de história que o autor Jörn Rüsen tratou detalhadamente em sua obra “Razão Histórica”. Segundo Rüsen, há um estereótipo muito comum entre os historiadores “que entendem seu trabalho tão naturalmente racional que consideram a pergunta da teoria da história sobre a legitimidade dessa auto-satisfação como completamente irracional”. Para Rüsen, em português, a palavra “história” é empregada “sem adjetivos que a identifiquem melhor, tanto no sentido da ‘história em geral’ – ou seja, sem a pretensão e o controle científicos – quanto no sentido da ‘história científica’ [ou acadêmica]”. *Geschichtswissenschaft* é a expressão alemã que designa história-ciência, enquanto *Geschichte* é utilizada no sentido de história em geral. Nesse sentido, a primeira expressão refere-se a uma apreensão mais complexa das ações humanas, em outras palavras, observadas no seu tempo e espaço específico. Ver RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001, p. 14.

Considerando estas observações, este capítulo não se dedica a escrever a história de vida de Francisco Marins. Porém, na medida em que buscamos uma compreensão da abordagem das concepções a respeito do mundo rural presente em sua literatura, tomar conhecimento sobre os lugares da sua vivência, dos sujeitos com quem dividiu experiências é também narrar sobre parte da sua trajetória de vida. Para isso, fazemos uso das entrevistas realizadas com o escritor nos dias 15, 16 e 17 de março de 2008, em sua residência na cidade de Botucatu, no Estado de São Paulo.²⁶

Trazer para a pesquisa a fonte oral tornou-se igualmente importante como as outras fontes impressas. Os testemunhos, que transmitem pontos de vistas individuais, podem apresentar perspectivas que às vezes estão ausentes em outras práticas históricas, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano.²⁷ Portanto, diante das fontes orais o historiador deve considerar questões que nem sempre estão presentes em outros estudos que fazem uso dessas fontes. Se considerarmos as especificidades do tratamento com as fontes orais, a história oral torna-se mais um instrumento de pesquisa que possibilita esclarecer a partir das trajetórias individuais questões mais amplas que muitas vezes não tem como ser entendidas ou elucidadas de outra forma.

Interrogar uma fonte literária exige questionar o contexto da sua produção, o que está escrito e também o que não está, ou seja, os possíveis silêncios. Nesse sentido, o testemunho do escritor tornou-se importante na medida em que trouxe informações que não estão explícitos na sua literatura. Mas estamos cientes de que o entrelaçamento de vários fatores sociais e se eles interferem diretamente nas características essenciais da sua obra, conforme observou Antônio Candido, vai um abismo nem sempre transposto com felicidade.²⁸ A única certeza é que no decorrer da pesquisa, as entrevistas com Francisco Marins possibilitaram uma apreensão mais profunda do sentido de sua obra.

As informações sobre a vida e a obra de Marins aparecem em

²⁵ BOURDIEU, P. Op. cit., p. 186. O conceito de *habitus* tem uma longa trajetória nas Ciências Humanas, mas o utilizamos aqui na acepção de Bourdieu, em que as noções de *habitus* e campo estão associadas.

²⁶ As entrevistas gravadas ao longo de três dias foram transcritas e está disponível no arquivo do escritor, localizado em sua residência em Botucatu/SP.

²⁷ Sobre as especificidades do tratamento com as fontes orais, ver AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Op. cit., principalmente a Introdução.

²⁸ CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p. 12.

várias entrevistas publicadas em jornais como também em outras publicações e estudos. Juntamente com as entrevistas, fizemos uso de três estudos direcionados especificamente para a vida e obra de Marins e dos discursos proferidos pelo escritor como acadêmico da Academia Paulista de Letras (APL).

No livro organizado por Lúcia Pimentel Góes, *Sonho, Terra, Homem. Estudo da Obra do escritor Francisco Marins*, a literatura de Marins foi estudada nas suas múltiplas direções com intuito de historicizar as formas ficcionais de que se vale. O livro compreendeu objetivos diversos, entre eles, atender ao ensino da literatura no ensino fundamental e no ensino médio, estendendo-se aos estudiosos das áreas de Literatura Infantil, Juvenil e cursos afins. O livro abarcou o conjunto da obra, analisando os livros infantis, juvenis, os romances e um breve estudo acerca do livro de recontos. No prefácio, Benjamin Abdala Júnior ressaltou na obra de Marins “uma historicidade no corpo-a-corpo com a terra”, na qual os gestos humanos “ganham sua universalidade concreta e muitas laçadas de solidariedade comunitária”.²⁹ Valores estes que não se reduziriam a constituir simples mercadoria de consumo, dentro do que Theodor Adorno definiu como “indústria cultural”.

Outra contribuição ao estudo da literatura de Marins é a tese de doutorado da pesquisadora Claudete Cameschi de Sousa, desenvolvida na área da Educação. Souza buscou compreender o projeto literário do escritor enquanto representação de “certa realidade brasileira” e da produção desse gênero infanto-juvenil entre as décadas de 1940 e 1960.³⁰ Seus objetivos estavam respaldados pela tentativa de contribuir para a compreensão da história, teoria e crítica da literatura infanto-juvenil brasileira, analisando a configuração textual dos livros da série “Taquara-Póca” (reunida num único volume em 1963) e o “Sótão da Múmia” (1998). Souza também pretendeu recuperar e reunir a maior parte da bibliografia de e sobre Francisco Marins e sua obra, a fim de subsidiar pesquisas correlatas, como no caso desta dissertação.

Também dedicada especificamente para a literatura de Marins, é a dissertação de mestrado em Letras, da pesquisadora Francieli Aparecida da Silva Mello. Em sua pesquisa, a autora apontou para uma lacuna que se acentua no que se refere aos estudos sobre autores, cuja produção se localiza entre a morte de Monteiro Lobato (1948) e o surto

²⁹ ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p. 5-12.

³⁰ SOUZA, C. C.. **A literatura infantil e juvenil de Francisco Marins**: uma representação de certa realidade brasileira. 2002. 369 f.. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002, p. 38.

criador e editorialmente bem sucedido entre os anos 1970 e 1980.³¹ Para “auxiliar o preenchimento dessa lacuna”, Mello focou a obra de Marins que, por sua extensa produção e permanência no mercado, apontou-o como um dos escritores mais representativos do período.

Outros estudos das áreas da Educação, Letras e Literatura também dedicaram parte de suas análises à literatura de Marins.³² No entanto, não temos nenhum trabalho da área de História que privilegie uma perspectiva histórica da sua literatura, embora os fatores históricos presentes em seus livros tenham sido abordados, de forma a marcar a relação entre a ficção e a realidade ou a verossimilhança.

Esta relação é uma das preocupações que o estudo da literatura no interior de uma pesquisa de história possui e nas últimas décadas vem sendo tratada de forma peculiar por historiadores que pesquisam fonte literária. Os historiadores Sidnei Chalhoub e Leonardo Pereira questionaram como se pensar a literatura e a ficção, enquanto evidência histórica, “já que a própria noção de ficção pressupõe a negação da idéia de ‘evidência objetivamente determinada’”.³³

A questão central, observaram os autores, não é o caráter ficcional ou não de determinado testemunho histórico, mas a necessidade de destrinchar a especificidade de cada testemunho. Portanto, uma análise que parte da perspectiva histórica implica tentar “descobrir e detalhar com igual afincamento tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária.”³⁴ O mesmo interrogatório, sugeriram os autores, cabe para as intenções do sujeito, “sobre como este representa para si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo”, buscando uma lógica do texto que não se encerra apenas na discussão entre a ficção e a realidade.

Em 1948, Sartre já advertia que “todo escritor possui uma

³¹ MELLO, F. A. S. **Estudo das tendências da obra infantil de Francisco Marins**. Campinas, 1987. 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1987, p. 11.

³² Entre eles incluem-se: LAJOLO, M. P. **Um Brasil para crianças**. Para conhecer a literatura Infantil Brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1988, pp. 122-132; CARVALHO, B. V. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1985; LAJOLO, M. P.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias**. São Paulo: Ática; 1984; COELHO, N. N. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**, (1882/1982). São Paulo: Edições Quiron, 1983; SALEM, N. **Historia da literatura infantil**. 2ª ed., São Paulo: Mestre Jou, 1970.

³³ CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 8.

³⁴ *Ibidem* p. 8.

espécie de liberdade condicionada de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam”.³⁵ Estas considerações a respeito da relação entre história e literatura são pertinentes quando tratamos da trajetória de Marins. Não nos propomos a apresentar todos os dados possíveis que se possam relacionar a trajetória do escritor, tarefa já desempenhada pelas pesquisas que o elegeram como objeto de estudo. No entanto, as entrevistas realizadas com o escritor trouxeram para esta pesquisa o elemento “vivido” e possibilitando uma aproximação das recordações de infância, que tanto influenciaram a sua literatura. Limitamo-nos aqui na tentativa de fazer um breve esboço biográfico.

Francisco Marins vive atualmente em Botucatu, cidade conhecida pelo slogan da “cidade dos bons ares”, por fazer referência ao termo *Ybytu Katu*, que em tupi significa “bons ares”. Após ter passado anos em São Paulo, onde fez sua formação acadêmica e desempenhou diversas atividades ligadas à esfera cultural, hoje, aos 87 anos Marins vive na região onde passou os primeiros anos da sua vida e da sua formação escolar.

Marins nasceu na Vila da Prata, em 23 de novembro de 1922, na época, distrito de Botucatu, antiga “boca do sertão” do Vale Paranapanema e atual Pratânia. Filho e neto de pequenos agricultores, viveu até os 12 anos nesta Vila, local onde frequentou os primeiros anos do antigo ensino primário na escola rural chamada Escola Mista “D. Sophia Padovan”.³⁶ Segundo Marins, para que pudesse continuar os estudos, seu pai decidiu mudar-se para Botucatu, cidade onde Marins concluiu o Primário e o Ginásio, no “Instituto de Educação Cardoso de Almeida” (IECA), na época também chamado de Escola Normal.³⁷

Sobre a ocasião da sua saída de Pratânia, Marins recordou que seu pai pensava o seguinte: “– esse menino aqui pode dar alguma coisa na vida. E eu, que sou um caipira, não sei nada, ele, pelo menos...”

³⁵ SARTRE, Jean-Paul. **Situations II**. 7ª ed. Paris, Gallimard, 1948, apud SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 29.

³⁶ A denominação “escola mista” começou a aparecer no Brasil a partir de 1910, acompanhada da idéia de um país rural em que a educação do homem do campo vinculava-se à sua fixação a terra. Sobre o assunto ver SOUZA, C. M.. **Discursos intolerantes**: o lugar da política na educação rural e a representação do camponês analfabeto. Disponível em <www.historica.arquivodoestado.sp.gov.br>. Acessado em: 03/06/2009.

³⁷ Sobre as escolas normais, ver DEMARTINI, Z. B. F. Relatos orais sobre a infância e o processo de alfabetização. In: FÁRIA, A. L. G.; MELLO, S. A.. (Org.). **Linguagens infantis**. Outras formas de leitura. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Vamos ver se meu filho faz alguma coisa da vida”.³⁸ Parece ter sido a preocupação em dar continuidade aos estudos do filho que levou Joaquim Marins Peixoto a deixar a Vila e mudar para Botucatu. Conforme relatou Marins, seu pai

(...) tinha casa lá, tinha um sitinho, animais, tinha tudo em Pratânia. Ele praticamente largou tudo e veio morar em Botucatu. (...) Alugou uma casa aqui, na rua principal. Deixou tudo lá pra eu estudar. Aqui, eu comecei o quarto ano do Primário. Eu fui com um chapeuzinho de palha na primeira lição, no primeiro dia de aula. Vestido mesmo de caipira. Nós éramos caipiras.³⁹

O seu depoimento aponta para dois aspectos. Em primeiro lugar, a recordação da fala do seu pai exposta por Marins, sugeriu-nos a incorporação de uma idéia negativa a respeito da própria identidade, de se viver num lugar onde se fazia nada da vida. O que não pode ser levado ao pé da letra, uma vez que o ir para a cidade fazer alguma coisa da vida é apostar num futuro que o sítio, onde a família vivia, não contemplava, a começar pela educação. E ainda, remeteu a um discurso que associava a cidade ao progresso e o campo ao atraso e ignorância. Em segundo lugar, ao falar do seu primeiro dia de aula, Marins anunciou e afirmou a identidade caipira que seu pai apontava negativamente.

Através da lembrança de Marins do que seu pai dizia, pode-se apontar de maneira mais ampla para a incorporação de um discurso pelo próprio homem rústico que associava uma idéia negativa à própria identidade.

Para o crítico literário Raymond Williams, essas associações são carregadas de representações e valores que implicam categorias de análise cujos significados variaram ao longo do tempo. Segundo Williams, “campo” e “cidade” são expressões cujos fortes significados têm suas raízes no imaginário social do Ocidente, em que

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se

³⁸ MARINS, Francisco. **Entrevista com o escritor Francisco Marins**. Local: Botucatu, São Paulo. 3 cassete Nipponic (60 min.), 15/mar/2008. Entrevista concedida a Cristina Dallanora, p. 17.

³⁹ *Ibidem*, p. 17. Marins também fez referência à geadada que teria acabado com a pequena plantação de café da propriedade da família. Mas não atribuiu a sua saída a este problema. Talvez este relato expresse uma interpretação *a posteriori* em que o próprio escritor dá sentido a sua trajetória de vida.

a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação.⁴⁰

Essa observação resume as diferentes associações presentes no depoimento de Marins. A decisão do pai de deixar o sítio para viver na cidade e proporcionar estudo ao filho estava envolta por um sentido completamente contrário ao que Marins atribuiu à mesma situação e à identidade caipira, quando recordou dos tempos de infância. As lembranças de infância têm para esta análise uma importância permanente. Após um pouco de reflexão, elas remetem à estabilidade das pequenas propriedades e às virtudes do homem do campo sendo que seus significados são diferentes em épocas diferentes, colocando em questão valores diversos.

Vale abrir um parêntese no que se refere ao termo caipira, considerando que para esta pesquisa o termo não é simplesmente um adjetivo, mas implica uma categoria de análise.

O termo caipira é genericamente utilizado para fazer referência ao homem simples e rústico do campo. Mas nas Ciências Humanas, principalmente nos estudos voltados para as comunidades tradicionais, em especial os realizados pelas Ciências Sociais a partir dos anos 1940, o termo adquiriu um significado mais específico exprimindo um modo de vida. A pesquisa realizada por Antonio Candido na Fazenda Rio Bonito/SP e que deu origem a obra “Os Parceiros do Rio Bonito”, é uma das referências mais citadas nas pesquisas que tratam das comunidades tradicionais caipiras e bairros rurais.⁴¹

Ao longo do livro, Antônio Cândido apresenta algumas definições das expressões comumente utilizadas nos estudos que se referem ao universo rural brasileiro e à cultura rústica. O termo “rural”, conforme o autor, exprime, sobretudo, localização. Já o homem que vive no campo, é adjetivado pelo termo “rústico”, que pretende exprimir um

⁴⁰ WILLIAMS, Raymond. **A cidade e o campo**: na história e na literatura. [Trad. de Paulo Henrique Brito]. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 11.

⁴¹ Apesar das críticas que o acusaram de ter feito uma abordagem simplista do funcionalismo de Malinowski, foi a pesquisa de Antonio Candido que inspirou e influenciou os estudos subsequentes sobre a sociabilidade dos grupos caipiras no Brasil. O próprio autor anunciou a certa altura do prefácio em que trata das influências de intelectuais no seu estudo e cita, entre elas, a contribuição da abordagem “lúcida, embora simplificadora” do funcionalismo de Malinowski, para “estudar sociologicamente a alimentação humana” dentro do que o autor definiu como cultura rústica e/ou cultura caipira.

tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais deste homem do campo. A expressão “caipira”, Cândido a define como sendo “desde sempre um modo de ser, um tipo de vida, nunca racial”.

Apesar de muitos estudos atribuírem ao caipira um sujeito tipicamente paulista, Candido deixou bem claro que o termo tem a “desvantagem de restringir-se quase apenas, pelo uso invertido, à área de influência histórica paulista.”⁴² Na acepção do autor, o caipira, enquanto um modo de ser, poderia ser encontrado em todo o Brasil e em todas as etnias, podendo ser um “caipira-branco”, um “caipira-caboclo”, um “caipira-preto”, um “caipira mulato”, designações criadas por Cornélio Pires.⁴³ Porém, assemelhando-se sempre pelo modo como se dá a interação entre o mundo físico e a cultura humana, que se expressam, por exemplo, nas práticas festivas, na literatura oral, nos processos agrícolas ou na organização da família.

Essa interação entre meio natural e cultura humana que Antonio Candido observou ao longo de 10 anos numa região muito próxima a que Francisco Marins nasceu, marcaram as primeiras experiências infantis do escritor. Para esta pesquisa, estas experiências se tornaram uma das chaves que nos permitiu uma apreensão mais profunda da sua literatura.

Ao longo da entrevista, o escritor recordou muitas vezes dos tempos de infância. O trecho seguinte resume um pouco esse período ao descrever um pouco da paisagem da terra natal:

Até os 12 anos eu vivi sempre no interior, na terra, em contato com a natureza. Mexia com bichos, com cavalos, com bois, com fazenda, com café, com sítio, com gente, com histórias. O meu pai, que também era um caboclo, me contava histórias. Então aí há um bando de coisas que entram no folclore e nas lendas brasileiras. *Um menino que viveu isso aí.* (grifo meu)⁴⁴

Esse contato com a terra, com a natureza, a lida com os animais, com as plantas e as histórias que ouvia seu pai contar e que se localizam na infância do escritor, certamente nortearam as concepções do escritor

⁴² CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 10^a ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2001, p. 28. Ver também MOTTA, Márcia. **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 70-72.

⁴³ Ibidem, p. 28.

⁴⁴ MARINS, Francisco. **Entrevista com o escritor Francisco Marins**. Op. cit., p. 2.

sobre parte desse mundo rural. Pode-se argumentar de modo convincente que as lembranças de infância têm uma importância permanente na sua produção literária. Mas, o que parece ser somente recordações ou um recuo nostálgico em direção ao passado, revela-se, após um pouco de reflexão, um movimento mais complicado.

Ao falar em terceira pessoa sobre si mesmo, supondo alguém que se olha de fora, Marins também deu a entender que a sua memória tem uma história que entram num campo mais amplo da cultura brasileira, do folclore e das lendas, gêneros típicos da linguagem oral que são transmitidas de geração em geração. Essa percepção que permanece nos dias de hoje quando Marins recorda dos tempos de infância, reforça a idéia de que a memória também tem uma história, como sugeriu Henry Rousso no artigo “A memória não é mais a mesma”. Numa perspectiva histórica, a memória não deve ser tomada apenas no seu sentido básico, como a presença do passado. Segundo Rousso,

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.⁴⁵

É o que Maurice Halbwachs definiu como “memória coletiva”, na qual seu atributo mais imediato “é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao tempo que muda, às rupturas que são o destino da vida humana”, constituindo-se em elemento essencial da “identidade, da percepção de si e dos outros”.⁴⁶

No depoimento de Marins foi possível perceber uma percepção do escritor sobre si mesmo como também um esforço de articular a sua memória com a história, com aquilo que foi exterior à sua vivência individual. É dessa forma que o escritor vai atribuindo um sentido à sua trajetória de vida. Segundo Marins, a condição de ser caipira não o impediu de se destacar nos estudos da Escola Normal de Botucatu, embora tenha recordado de certo preconceito no seu primeiro dia de aula.

Eu me lembro bem... ele (*o professor*) me recebeu assim. No

⁴⁵ ROUSSO, Henry. A memória não é mais a que era. In AMADO, J.; FERREIRA, M. M.. Op. cit., p. 94.

⁴⁶ Ibidem, p. 94-95.

começo, eu subi as escadas ali da Escola Normal, do IECA. Eu subi as escadas e chegando lá em cima, ele olhou pra mim e falou:

– Primeira coisa, você tem que abolir esse chapeuzinho.

Me lembro bem dessa frase. Ele disse ‘abolir’, e eu pensei, ‘o que será abolir?’ Você tem que abolir esse chapeuzinho. (risos)

Passado algum tempo do início das aulas, Marins recordou que surpreendeu o professor ao apresentar a lição de casa contendo o maior número de substantivos pedido por ele. Mais de mil substantivos escritos num caderno. Seu pai guardava alguns livros de agricultura em casa e num “achado fantástico”, o escritor lembrou ter encontrado um livro somente sobre plantas no qual constavam muitos substantivos entre nomes de frutas, hortaliças, flores, frutas, verduras e outros. O bom desempenho no trabalho de casa garantiu-lhe uma posição muito melhor na sala de aula e o levou a sentar na primeira fileira, próximo a Raimundinho, na época, filho de um importante professor da cidade. Destacar-se perante os colegas parece ter significado também mostrar do que era capaz o menino do “chapeuzinho de palha”.

Na mesma escola, Marins conheceu Hernani Donato, amigo que se tornaria um parceiro de longa jornada. Desde os tempos de infância no IECA até se tornarem imortais na Academia Paulista de Letras (APL), onde atualmente ainda se encontram para cumprir as “honras da casa”. Donato também é autor de livros infantis e parece ter sido na mesma época em que os dois escritores anunciaram o seu gosto pela leitura e pela escrita.

Na época do IECA, Marins e Donato fundaram juntos um jornal de circulação local chamado *O Estudante*.⁴⁷ Também escreveram uma novela de aventuras chamada *O Tesouro*, publicada em capítulos no Suplemento *O guri* dos *Diários Associados* de São Paulo.⁴⁸ Foi durante a aula de gramática, relatou Donato na ocasião de um dos discursos proferidos nas reuniões semanais da APL, que

⁴⁷ Hernani Donato é autor de livros infantis, contos, romances e de história. Frequentou, em São Paulo, a Escola de Sociologia e Política e um curso de Dramaturgia. Entre suas obras, destacam-se *Chão Bruto*, adaptado duas vezes para o cinema brasileiro; *Babel*, premiada pela Academia Brasileira de Letras e *Achegas para a História de Botucatu*. É membro da APL desde 1972 e foi por duas vezes presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

⁴⁸ Criado por Assis Chateaubriand, os *Diários Associados* formaram a maior cadeia de imprensa do Brasil, reunindo diversos jornais, emissoras de rádio, estações de televisão e revistas. Entre elas, a *TV Tupi* e a revista *O Cruzeiro*.

o rapazinho, embarcado na fantasia dos doze anos, navegava pelo Mar das Antilhas. Descrevia, com rugidos de ventos, rilombos de canhões e urros de maruja, o combate de um galeão pejado de ouro e de mulheres bonitas contra um brigue pirata estimulado pela sede de ouro e de belas mulheres. Nada de próclise, de ênclise, de mesóclises. (...) ⁴⁹

O episódio terminaria com barcos retalhados, homens feridos e mortos, mulheres em pânico, mas “Francisco Marins que desse tratos à bola para consertar os navios, cuidar dos homens e acalmar as passageiras. Pois o capítulo da novela, a dois autores, deveria ser publicado em jornal de São Paulo poucos dias mais tarde”.⁵⁰

Esta novela rendeu a Marins seu primeiro prêmio literário, pela revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, em 1937, quando tinha 14 anos. Era o concurso de *O conto da semana*, destinado a adultos. A novela foi ilustrada por Oswaldo Storni que, anos depois, passaria a ilustrar todos os livros infantis e juvenis do escritor.⁵¹ Vale lembrar que *O Malho* foi umas das primeiras revistas humorística do Brasil. Criada em 1902, por Crispim do Amaral, a publicação imprimiu seus esforços em satirizar acontecimentos políticos e contou com a colaboração de diversos caricaturistas. A revista continuou circulando durante o Estado Novo, período em que era mantida por uma sociedade anônima, até 1952.⁵²

Após a proeza de figurar em uma revista importante da época, quando era ainda muito jovem, Marins continuou escrevendo reportagens e uma série de artigos e contos sertanejos que foram publicados no jornal *Folha de Botucatu*, imprensa de circulação local. Escreveu para este jornal seguidamente entre os anos 1938 e 1944.⁵³

Finalizado o ginásio no IECA, Marins mudou-se para São Paulo e começou a se preparar para exame que o classificou para cursar a Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Embalado pelo entusiasmo das atividades literárias do IECA, continuou escrevendo, mas nos anos 1940 passou a publicar em revistas literárias e jornais de

⁴⁹ DONATO, Hernani. Discursos de Hernani Donato e Francisco Marins. In: **Separata da Revista da Academia Paulista de Letras**, nº 80, ano XXIX, São Paulo, 1972, p. 5.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 5.

⁵¹ GÓES, Lúcia Pimentel, op. cit., p. 221.

⁵² Sobre o papel da imprensa ilustrada no final do século XIX e primeira metade do XX, ver FERNADES, E. B. B.. Imagens de índios em O MALHO: a imprensa como mediadora de representações. In **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**, São Leopoldo RS, 2007. Ver também GONÇALO, Junior. **A guerra dos Gíbis: a formação de mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁵³ Os três primeiros contos serão analisados no Capítulo III e foram republicados em 2003 no livro *O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos*, como sendo “os da juventude”.

renome nacional, entre elas *O Malho* (RJ), mencionado anteriormente; *Dom Casmurro* (RJ); *Universal* (RJ); *O Cruzeiro* (SP); *Ilustração Brasileira* (RJ); *Planalto* (RJ); e nos jornais *Folha da Manhã* (SP) e *Diários Associados* (SP).⁵⁴

Entretantes, em 1942, Marins ingressou no Curso de Direito pretendido. O exame para entrar na Faculdade exigia a aprovação prévia nas provas das cadeiras obrigatórias de Latim, Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia, entre outras disciplinas. Segundo lembrança do escritor, a cadeira de Literatura reprovava o maior número de concorrentes. Nesse período, Marins contou ter sido meio “rato de biblioteca”, local onde passava a maior parte do seu tempo, lendo e estudando. Entre os escritores que mais gostava de ler e admirava, Marins citou León Tolstói, Flaubert, Mark Twain, Balzac, Conan Doyle, entre outros. Mas em especial, as leituras de “Crime e Castigo” de Fiódor Dostoiévski e “A velhice do padre eterno” do poeta português Guerra Junqueiro, vieram a seu favor na prova de literatura e lhe renderam aprovação com distinção.

O êxito alcançado no exame somado à procura de alunos por quem os preparassem para as provas de Literatura, para ingressar na Faculdade no ano seguinte, encorajaram Marins a abrir um cursinho. A idéia do cursinho preparatório para os exames do pré-jurídico para o ingresso na Faculdade surgiu também em decorrência da necessidade de obter alguma fonte de renda.⁵⁵ Localizado na Rua São Bento, número 68, o cursinho *Humânitas* contou com a contribuição de alguns colegas da Faculdade. Marins não citou muitos nomes na entrevista, mas um deles era Marotta Rangel, responsável pela cadeira de Latim, que anos mais tarde foi Diretor da Faculdade de Direito da USP. Marins lecionou a cadeira de Literatura, chegando a ter 80 alunos, o que considerou ter

⁵⁴ *Dom Casmurro* foi uma revista literária semanal que circulou entre os anos de 1938 e 1944. Foi considerada uma importante publicação do gênero no Brasil em virtude dos 50.000 exemplares que chegou a atingir semanalmente. Entre seus colaboradores estavam Oswald de Andrade, Cecília Meireles, Jorge Amado e Graciliano Ramos. *O Cruzeiro* foi a principal revista ilustrada brasileira do século XX. Começou a ser publicada em 10 de novembro de 1928 pelos *Diários Associados* de Chateaubriand. Já, a revista *Ilustração* foi uma publicação mensal editada pelo *O Malho*, que no período do Estado Novo atuou no anonimato. A Revista *Planalto* tinha repercussão em toda a América e durante os anos 1941-42 foi dirigida por Orígenes Lessa. Especificamente sobre a repercussão desta revista ver GUEDES, Sandra. **Orígenes Lessa e a Propaganda Brasileira**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.

⁵⁵ MARINS, Francisco. **Entrevista com o escritor Francisco Marins**. Op. cit., p. 21. Para ingressar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, era preciso antes passar na seleção do Pré-jurídico. O cursinho aberto por Marins era preparatório para o ingresso no Pré-jurídico.

sido bastante para a época. A empreitada de abrir o cursinho, frisou com certo sorriso, triplicou sua renda: “se normalmente a minha receita era de 300 reais por mês, eu já tinha mil (...) eu já estava bem feito”.⁵⁶

Nesse mesmo período, Marins envolveu-se nas atividades da Academia de Letras da Faculdade e dirigiu a Revista *Arcádia*, que havia cessado publicação.⁵⁷ Havia um grupo na Academia que escrevia para jornais e revistas ao qual Marins juntou-se. Publicou 8 números da *Arcádia*, enquanto Genésio Pereira Filho era o presidente da Academia. Com as novas eleições, Marins foi eleito e permaneceu por dois anos como presidente, contando com a participação de Lygia Fagundes Telles, Aloysio Ferraz Pereira, entre outros acadêmicos que também eram da Faculdade e seus colegas.⁵⁸

A participação de Marins na Academia como também os seus artigos publicados na *Arcádia*, trouxe alguns aspectos sobre o que norteou a sua vida literária. Reduto de registros literários, notas e comentários de vários acadêmicos que estavam se consagrando como importantes escritores, a Revista tinha entre seus colaboradores Miguel Reale, Francisco de Almeida Prado e Cecília Meireles.

Sobre o papel das revistas e jornais das duas primeiras Faculdades de Direito do Brasil, Lilia Moricz Schwartz observou que nelas registravam-se debates importantes que nem sempre se davam em sala de aula. Locais próprios para a legitimação e publicidade de novos grupos intelectuais, as revistas cumpriam nestes centros também um papel destacado. É nesse sentido que tendo em mente a complexidade da produção intelectual da Faculdade de Direito fazemos um breve uso da *Arcádia*.⁵⁹

Os assuntos eram variados, mas eram registros literários, não sendo comuns artigos cujas discussões estivessem voltadas especificamente para a área do Direito. Voltados para o problema da identidade nacional, dos costumes e da cultura brasileira, os textos de

⁵⁶ MARINS, Francisco. **Entrevista com o escritor Francisco Marins**. Op. cit., p. 21.

⁵⁷ E também conheceu Elvira Bandeira de Melo, que viria a ser sua futura esposa, em 1947, completando 62 anos de casado no ano de 2009.

⁵⁸ MARINS, Francisco. **Entrevista com o escritor Francisco Marins**. Op. cit, p. 8.

⁵⁹ SCHWARTZ, L. K. M.. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, p. 142-143. A autora refere-se aos primórdios das Faculdades, momento em que se procurava responder à necessidade de confrontar quadros autônomos de atuação e de criar uma *intelligentsia* local apta a enfrentar os problemas específicos da nação recém independente. Mas os esforços de se “provar ‘para fora e para dentro’ que o Brasil imperial era de fato independente e a criação ‘não apenas novas leis, mas também uma nova consciência’”, estenderam-se a outros períodos, como do Estado Novo, embora com questões peculiares, ao qual Marins fazia parte.

Marins que pudemos consultar nesta revista voltavam-se, sobretudo, para a discussão da identidade e do sertanismo brasileiro.⁶⁰

Em 1944, por iniciativa de um estudante do curso, foi realizado um “amplo inquérito entre os mais representativos elementos da inteligência estudantina, acerca dos problemas de maior atualidade e relevo”.⁶¹ Publicado inicialmente no jornal *Folha da Noite*, os resultados deste inquérito foram reunidos na Revista *Arcádia* sob o título de “Depoimento da atual geração acadêmica”.⁶² O inquérito respondido pela “geração” acadêmica indagava sobre “as suas mais íntimas convicções, de seus mais profundos pensamentos. Sobre o que? Sobre tudo, de uma maneira geral: a vida, os homens, o mundo, a arte...”. E tornar-se-ia um “documento de interesse histórico, em que as gerações futuras possam conhecer qual o modo pelo qual os moços deste período agitado, de verdadeira transição, encaram a verdadeira paisagem da vida”.⁶³

Responderam ao inquérito os acadêmicos: Lygia Fagundes, Genésio Pereira Filho, Aloysio Ferraz Pereira, Esther de Figueiredo Ferraz, Manuel Cebrian Ferrer, Adail Pereira Ribeiro, Rubens Teixeira Scavone, Francisco Marins, Fernando Melo Bueno e João Nery Guimarães. Esse tipo de inquérito era considerado uma importante forma de expressão pelo meio acadêmico.⁶⁴ Essa “geração acadêmica” na qual Marins esteve incluído fazia das manifestações literárias atividade essencial de suas vidas e desse modo pode contribuir para o entendimento dessa esfera em que o escritor esteve envolvido.

O depoimento de Marins acerca deste inquérito mostrou-nos que o escritor enxergava no conhecimento da cultura brasileira a chave

⁶⁰ A Revista *Arcádia* está arquivada na biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo e pesquisamos alguns números, que estão discriminados nas fontes desta dissertação.

⁶¹ CUNHA, Roberto Salles. Depoimento da atual geração acadêmica. Depoimento do escritor Francisco Marins. In *Arcádia*. Revista da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Genésio Pereira Filho (diretor-responsável). Ano IX, outubro de 1944, nº 23, p. 5. Os depoimentos recebem o título do depoente e logo abaixo é apresentado um breve currículo do acadêmico.

⁶² Criada por Olival Costa e Pedro Cunha, a *Folha da Noite* foi um diário vespertino, que atraiu leitores das classes médias urbanas da cidade de São Paulo e que circulou entre os anos 1921 a 1959. A *Folha da manhã* foi criada em 1925 e após 24 anos, foi criada a *Folha da Tarde*. Em 1960, os três títulos se fundiram e formaram a *Folha de São Paulo*.

⁶³ CUNHA, Roberto Salles. Op. cit., p. 6.

⁶⁴ A campanha em prol da criação da USP, por exemplo, ganhou força a partir de 1926, através de um inquérito organizado por Fernando de Azevedo, e promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. A unificação ocorreu em 1934 e agregou os cursos então existentes, entre eles, a Faculdade de Direito, oficializada por D. Pedro I em 1827. A observação aparece em BARROS, L. A.. A toponímia oficial de espontânea na cidade universitária – campos Butantã da USP. *Revista USP*, São Paulo, n.56, p. 164-171, dez/fev 2002/2003, p. 165.

para abrir as portas para uma nova cultura moderna e consoante com a realidade do momento histórico que se vivenciava. Para Marins “o Brasil precisava antes ser conhecido por nós mesmos”. Para isso, considerava necessário o aumento de edições de escritores brasileiros, sobretudo, de “obras do espírito”, aquelas que difundissem a “expressão da vida brasileira, dos nossos costumes, das nossas tendências”.⁶⁵

Neste depoimento percebemos a preocupação do escritor com a pouca difusão de obras “do espírito”, que expressassem os costumes brasileiros e, assim, pudessem expurgar a “escola do porque-ufanismo do meu país”, que, na época, a seu ver, causava “um grande mal a várias gerações. Melhor seria que desde os verdes anos nos mostrassem a realidade e o quanto precisávamos fazer ao tempo de nos terem embevecido em poesia”.⁶⁶ E citou como exemplo as reduzidas “edições dos escritores brasileiros e o analfabetismo avassalador”.⁶⁷ A consequência destes problemas aos quais não se importavam os seguidores da escola do “porque me ufano do meu país”, refletia na pouca difusão das “obras do espírito” que priorizavam o que pertencia à “expressão da vida brasileira”. Para Marins,

Faltavam-nos os livros que cheirassem à terra, que vivessem o drama real do homem, interpretando o seu sentir, os seus sonhos, as misérias, a língua, revelando os complexos problemas de uma raça em formação ao contacto de impressionantes elementos os mais descontraídos, a luta contra a natureza avassaladora, da qual ele saía vencedor como nos “Sertões” ou um esmagado como no Canaan.⁶⁸

Esta preocupação de não se ufanar, mas trazer à tona os problemas da vida brasileira refletiu na literatura de Marins como também na produção de outros escritores da sua geração.

A despeito das controvérsias e dificuldades que o emprego da categoria “geração” implica, Sirinelli sugeriu que ela pode ser entendida como “uma peça essencial da ‘engrenagem do tempo’”, desde em que

⁶⁵ CUNHA, Roberto Salles. Op. cit., p. 57-60.

⁶⁶ A crítica de Marins a esta “escola”, foi uma referência à obra do político e literato Afonso Celso de Assis Figueiredo Junior (1860-1938), intitulada *O porque me ufano de meu país*, publicada em 1908. Sobre este aspecto ver CARVALHO, J. M.. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30/11/2009.

⁶⁷ CUNHA, Roberto Salles. Op. cit., p. 58.

⁶⁸ *Ibidem*, 59. Cabe frisar que *Os sertões*, de Euclides da Cunha, exerceu profunda influência sobre os romances de Marins que começaram a ser publicados a partir da década de 1960.

levados em conta “os setores estudados e os períodos abordados”.⁶⁹ O ano do inquérito, 1944, estava muito próximo da renúncia de Getúlio Vargas e os anseios e descontentamentos desses acadêmicos remetem, mesmo que indiretamente, à situação política em que o país se encontrava.⁷⁰

Esse tipo de experiências que eram compartilhadas e o reconhecimento mútuo que apareciam na forma do tratamento, como na apresentação dos depoentes antes das respostas ao inquérito – “o escritor, revelando-se um estudioso, redator, conquistando seu lugar nas letras” –, começavam a denotar a importância de cada um, formando uma esfera intelectual que encaravam a literatura como uma missão. Vale expor a opinião que Marins registrou sobre a sua repugnância e “horror a renunciar certos princípios para escalar posições”, o que sugere uma visão contrária aos intelectuais que trabalhavam a serviço do Estado.

Nesse mesmo período, Marins já estava escrevendo algumas notas sobre as publicações da *Companhia Melhoramentos de São Paulo* e que circulavam na imprensa paulista. Em decorrência dessas notas, Marins foi chamado para trabalhar como Assistente de Divulgação na editora. Convite aceito sem hesitação, Marins passou a ler e resenhar textos para divulgação das obras que iriam à venda. Segundo Marins, ele viu na *Melhoramentos* uma oportunidade muito melhor para o seu futuro que dar aula no cursinho e ao mesmo tempo uma garantia financeira. Decidido a começar o trabalho, levou um breve susto, nesse período, que coincidia com o final da 2ª Guerra. Seu nome estava na “lista de chamada, para formar aquela turma do Brasil que ia ser chamada”. Marins chegou a ir até Botucatu, despedir-se dos pais, mas “por sorte, depois de uns dois meses a Guerra acabou e eu me safei dessa”.⁷¹ Passado o susto, Marins encerrou o cursinho Humânitas e foi

⁶⁹ SIRINELLI, Jean-François. A geração. In *Usos e abusos da História oral*. Op. cit., p. 137.

⁷⁰ No breve currículo exposto antes do depoimento, consta: “Na política acadêmica, Marins ocupava a o cargo de diretor do tradicional P. A. Conservador”. Em 1943, surgiu a Frente de Resistência, através da incorporação ao GRAP (Grupo Radical de Ação Popular) de alunos da Faculdade de Direito. Em 1945, no final da ditadura, alguns migraram para a UDN e outros, entre eles Antônio Candido, e Paulo Emílio, fundaram a União Democrática Socialista (UDS), que iria aderir à esquerda Democrática, fundada no Rio de Janeiro, que se aliou nas eleições à UDN, contra Getúlio e à candidatura de Dutra. Associação Brasileira de Escritores, 1942. ABDE, também envolvida na luta contra o Estado Novo. Marins vivenciou este período, mas não conseguimos nos aproximar da suas convicções políticas em relação aos partidos ou ao governo. Ver JACKSON, L. C.. *A tradição esquecida: Os Parceiros do Rio Bonito* e a sociologia de Antônio Candido. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002, p. 79-80.

⁷¹ MARINS, Francisco. *Entrevista com o escritor Francisco Marins*. Op. cit., p. 7.

trabalhar na Editora.

No período em que Marins iniciou seu trabalho na Editora, o cargo de editor chefe da *Melhoramentos* estava sob comando de Lourenço Filho, e que viria influenciar o pensamento e também a sua produção literária. Não se tratava de qualquer chefe, mas sim do educador brasileiro conhecido, sobretudo, por sua atuação no movimento da Escola Nova.

Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) teve ampla atuação no campo da educação, desde a educação pré-primária e alfabetização infantil até na formação de professores para o ensino técnico rural (profissionalizante). Exerceu cargos na administração pública federal – como diretor de gabinete de Francisco Campos (1931) e como diretor geral do Departamento Nacional de Educação (nomeado por Gustavo Capanema, em 1937). Em paralelo aos cargos políticos, foi professor e estudioso de assuntos didático-pedagógicos. Os vínculos da sua formação profissional com sua produção e atuação no campo da educação conferem a Lourenço Filho o perfil de intelectual educador.⁷²

Preocupado com a escola em seu contexto social, a idéia principal do educador baseou-se no fato de que para que houvesse mudança na sociedade era preciso que houvesse também mudança no ambiente escolar. Caberia à literatura, por meio do livro didático, exercer o papel fundamental. Por este motivo, Lourenço Filho é considerado um dos principais responsáveis pelo movimento da “Escola Nova” que propunha a transformação dos conceitos básicos educacionais e a reestruturação moral e social da sociedade com vistas à democratização do acesso à escola. O foco do movimento, portanto, estava voltado para a reordenação da sociedade, através do ajustamento dos indivíduos à nova realidade, às necessidades do mercado de trabalho e aos novos padrões socioculturais.

Incorporando várias vertentes do pensamento político e filosófico, o movimento considerou a infância como momento inicial desse processo de transformação do indivíduo em sociedade.⁷³ Na concepção de Lourenço Filho, a literatura infantil e juvenil, para além do seu sentido informativo ou puramente educacional (como a literatura didática), teria também um fim prático e, nesse sentido, poderia

⁷² Lourenço Filho também criou e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938), no qual, pela primeira vez no País, cursos de especialidades da educação passaram a ser dados em nível superior.

⁷³ Sobre o movimento escolanovista ver NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EDUSP, 1974; CAMBI, F. **Historia da pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

contribuir no processo de formação do “espírito infantil”.⁷⁴

Segundo Francisco Marins, as discussões e comentários que Lourenço Filho fazia a respeito da literatura infantil, motivaram-no a inscrever seu primeiro texto para crianças, sem que o editor soubesse. Foi assim que *Nas terras do Rei Café* foi parar na mesa de avaliação do educador, que alegava a falta de textos que “exaltassem o nacionalismo e as belezas de nossas terras”. Um primeiro texto, sem origem, nem autoria registradas por Marins. Desconhecendo a origem e autoria do texto, Lourenço Filho aprovou e elogiou o “projeto de livro” que foi publicado em outubro do ano seguinte. No discurso de recepção da posse de Marins na Academia Paulista de Letras, Lourenço Filho mencionou que o seu parecer na época, sem saber a autoria, foi: “Livro de um verdadeiro escritor: Dêsse escritor ainda havemos de ouvir falar muito”.⁷⁵

Nas terras do Rei Café, publicado pela primeira vez em 1945, foi reeditado três vezes nos anos subsequentes. A primeira edição comercial foi de 6.000 exemplares, à qual se seguiu, seis meses após o lançamento, uma 2ª de 10.000, e no ano seguinte, outra edição de 10.000.⁷⁶ Em decorrência do êxito alcançado nas vendas, Marins foi incentivado a escrever outros livros. O escritor resolveu então transportar as personagens da sua primeira história para um segundo livro, “Os Segredos de Taquara-Póca”. O trio das que formava as personagens principais das suas histórias tinha vivido muitas aventuras, o que o escritor considerou ser possível ter sequência nas mesmas “terras”.

Incentivador da literatura de Marins, gestor de políticas de reforma escolar e profissional engajado no movimento da “Escola Nova”, foi como editor da *Melhoramentos* que Lourenço Filho pode concretizar as estratégias de intervenção cultural através do livro inscrevendo-as no seu *Programa de reforma da sociedade pela reforma da escola*.⁷⁷ Desse modo, presumimos que a atuação de Lourenço Filho

⁷⁴ LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **A Pedagogia de Rui Barbosa**. Ruy Lourenço Filho (Org.). 4ª ed. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, p. 30. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/cibec/2001/colecao_lourenco_filho/a_pedagogia_v2.pdf>. Acesso em 15/07/08. Ver também LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Introdução ao estudo da escola nova**: base, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 13ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

⁷⁵ DALLANORA, Cristina. Op. cit., p. 26-27.

⁷⁶ SOUZA, C. C.. Op. cit., p. 78.

⁷⁷ A frase “Programa de reforma da sociedade pela reforma da escola” foi o lema do Movimento da Escola Nova.

na editora estava diretamente ligada ao seu projeto maior como escolanovista.

O incentivo à publicação do primeiro livro de Marins somado ao histórico de publicações nesta editora permite-nos inferir que, assim como Lourenço Filho colocou em prática suas estratégias de intervenção cultural através do livro, Marins reivindicou posteriormente este projeto pedagógico para sua obra. Havia um elemento pedagógico na qual a literatura, sobretudo para o público infanto-juvenil seria co-responsável de um projeto para o país.

Cabe ressaltar que todos os livros de Marins foram publicados pela *Melhoramentos*, antes de irem para outras editoras, como a Ática, Escritoras, etc. E os que se destinaram ao público infantil, antes de serem publicados, passaram antes pela revisão e avaliação do educador.⁷⁸ Em relação à editora Melhoramentos, Lourenço Hallewell afirmou que a viga mestra da sua atividade editorial baseava-se nos livros de literatura infanto-juvenil e nos livros didáticos que, em 1967, uma relação de livros para crianças utilizada pela Biblioteca Pública de São Paulo deu o primeiro lugar à esta editora. Sobre a relação da Editora com Lourenço Filho, Hallewell observou que:

o nome de Manuel Bergström Lourenço Filho está associado aos primeiros tempos da atividade editorial da empresa, cujas atividades a partir de 1922 como diretor do ensino no Ceará, e a resultante *Introdução ao estudo da escola nova*, inspiraram toda uma geração de reformadores educacionais em todo o Brasil. A Melhoramentos manteve-o por muitos anos como consultor editorial. A partir de 1926, ele fazia sistematicamente a revisão de todos os livros infantis da casa...⁷⁹

A concepção acerca do mundo rural que se formou nos primeiros anos da sua carreira literária e foi levada adiante, com as publicações seguintes, estava vinculada ao seu projeto literário em que a literatura é entendida não apenas como arte, mas também como objeto formador de que o escritor se valeu para atingir tanto o público a que se destina o livro, - as crianças, como ao tipo de mercado privilegiado de circulação de livros nos anos 1940, - a escola. E dentro desta concepção

⁷⁸ Todos os livros de Marins foram publicados pela *Melhoramentos*, antes de irem para outras editoras, como a Ática, Escritoras, entre outras. Ver CARVALHO, F. A.. Op. cit., p. 83.

⁷⁹ HALLEWELL, Lourenço. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: EDUSP, 1985, p. 258-259.

de literatura como objeto formador, o escritor fez veicular a sua concepção acerca do mundo rural e do caipira.

Para a historiadora Zilda Iokoi devemos considerar em conjunto a criação cultural, os autores, o público,

para que se possam perceber as assimetrias entre eles, e se delas decorrem simetrias no processo de constituição de idéias, gosto, crítica, e novas criações decorrentes dos debates promovidos por um conjunto de situações em que a criação possa ser uma referência de auto-reconhecimento ou mesmo de superação de dilemas sociais.⁸⁰

Nesses anos da década de 1940, a atmosfera de discussões sobre educação certamente influenciou quem dava os primeiros passos na literatura e ao mesmo tempo era interessante e às vezes necessário, conforme o depoimento de Marins, “seguir os mestres do tempo”.⁸¹

Francisco Marins foi Assistente de Divulgação na Editora até novembro de 1945. Um ano depois, formou-se em Direito, mas resistiu ao exercício da advocacia. Balançado entre voltar à Botucatu, para exercer a profissão como queriam seus familiares ou permanecer em São Paulo trabalhando na *Melhoramentos*, o escritor decidiu permanecer. Após esse período, Marins tornou-se o responsável pelo Departamento Editorial. Em 1959, assumiu as presidências da Câmara Brasileira do Livro e da Comissão Estadual de Literatura. Em 1960 passou a responder pelo cargo de Editor chefe da *Melhoramentos*, no qual permaneceu até o ano de 1978.⁸² Nesse meio tempo, foi eleito para ocupar a cadeira número 33 da Academia Paulista de Letras em substituição a Altino Arantes (1965) e continuou assumindo cargos de presidência e diretoria de instituições ligadas à política do livro, editoração, de direitos autorais, entre outras.

No exercício de Editor, Marins foi responsável pela publicação de diversas obras, entre elas o *Novo Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa; Memória Histórica Brasileira, Ficção Nacional, Clássicos Imortais*. No campo da literatura infanto-juvenil, as principais foram as coleções *Verdes Anos, Obras Célebres, e Colorama* – esta última, uma

⁸⁰ IOKOI, Z. M.G.. Jeca Tatu contraposto aos Parceiros do Rio Bonito: diálogos entre Lobato e Cândido. In PESAVENTO, S. J.. (Org.). **Leituras Cruzadas**: diálogos da história com a Literatura. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 256.

⁸¹ MARINS, Francisco. **Entrevista com o escritor Francisco Marins**. Op. cit., p. 1.

⁸² Vale frisar que Marins foi editor em tempos de ditadura militar. Um aspecto da sua trajetória que certamente renderia outra dissertação, mas que no momento deixamos apenas em nota de rodapé.

série de obras coloridas da Itália (10 volumes) em que a participação brasileira foi apenas do texto.

Entre os anos de 1950 a 1980, participou de diversos congressos, encontros, feiras e seminários. Entre eles, o 1º Congresso Ibero-Americano de Literatura Infantil (Buenos Aires/Argentina), com a palestra intitulada *Literatura Infantil na formação do hábito de ler*, publicada na revista alemã *Zeitschrift für Kulturaustausch*, em virtude da Feira de Frankfurt (1977), da qual o escritor participou como chefe da Delegação de Escritores Brasileiros.

O envolvimento de Marins nas atividades da Editora e os seus esforços em direção à publicação de obras literárias refletem certo afastamento das relações e convívio do círculo de intelectuais acadêmicos da Academia da Faculdade de Direito. A sua dedicação em direção ao público infanto-juvenil no início da sua vida literária, também foi outra constatação no decorrer da pesquisa, principalmente pelos depoimentos anteriores de Marins sobre a sua preocupação em ser lido e o alcance dos seus livros nas escolas que aparecem no final de algum de seus livros.

Nestes últimos anos, Marins tem se dedicado ao “Clubinho *Taquara-Póca*”, que dentro do sítio, é destinado a atender o público em idade escolar e apoiar atividades extra-escolares. Também tem trabalhado na revisão dos seus romances para deixar o que considera a versão definitiva. Em entrevista concedida, ao ser indagado sobre se um dia iria deixar suas memórias, Marins respondeu:

Memórias? Como obra planejada, não tenho planos de escrevê-las. Em verdade, na feira dos livros publicados o diabo da auto-biografia sempre se mete, mesmo que disfarçada com outros nomes. Que é o romance senão a fiação das experiências vividas, pelo autor ou pelos amigos mais próximos? Mesmo quando se busca apoio na história, esta ressurge através das figuras vivas, que no fundo vibram pela experiência, sentimentos, e reações do próprio autor. Essa não é uma forma de ele se retratar?⁸³

Ademais da cronologia presente nesse esboço biográfico, pretendeu-se apresentar alguns lugares pelos quais o escritor circulou, trocou experiências e criou vínculos. Ângela de Castro Gomes observou

⁸³ MARINS, Francisco. Concursos literários são fábricas de mediocridade. Hora e vez dos escritores. *A Gazeta*, de São Paulo em 09/04/1973.

que o convívio entre intelectuais é fundamental para o desenvolvimento de suas idéias e criações. O circuito de sociabilidade que os intelectuais se inserem os coloca no mundo cultural permitindo a eles interpretar o mundo político e social de seu tempo. Desta forma

não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e ou escrita.⁸⁴

Os anos de Academia de Direito, o contato e convívio com o educador Lourenço Filho e mais tarde, a Academia Paulista de Letras foram ambientes cujas discussões estavam direcionadas para os problemas pelos quais o país passava como também a ação dos “homens de letras”. Essa esfera pública intelectual também tem sua história. Entre estes problemas aos quais Marins insistiu se debruçar e trazer para a sua literatura, eram as transformações pela qual o campo estava passando. É o que tratamos no segundo capítulo, focalizando as manifestações da cultura caipira nos contos e no livro *Nas Terras do Rei Café*.

⁸⁴ GOMES, A. M. C.. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, A. M. C. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 51.

CAPÍTULO 2

MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CAIPIRA EM FRANCISCO MARINS

Este capítulo trata das manifestações da cultura caipira em três contos de Francisco Marins e no livro *Nas terras do Rei Café* em que teve a primeira aparição no cenário literário infantil o sítio *Taquara-Póca*.

Ritinha, *Mulita* e *Antes tarde... do que nunca*, foram os três primeiros contos escritos por Marins e publicados na imprensa local de Botucatu entre os anos de 1938 e 1939. Nos três contos já estavam esboçados alguns episódios, personagens e temas que o autor recuperou posteriormente tanto na produção infanto-juvenil, na década de 1940, como também nos seus romances, publicados a partir dos anos 1960. Os livros que compõem a série *Taquara-Póca* são: *Nas terras do Rei Café* (1945), *Os Segredos de Taquara-Póca* (1947), *O Coleira Preta* (1948) e *Gafanhotos em Taquara-Póca* (1949). Para esta dissertação priorizamos os contos e o primeiro livro da série pela proximidade temporal.⁸⁵

Por cultura caipira entendemos um conjunto de manifestações referentes ao modo de vida do caipira que Antônio Candido caracterizou segundo alguns critérios: isolamento, posse de terra, trabalho doméstico, auxílio vicinal, disponibilidade de terra e margem de lazer. Estas características, conforme Candido, são acompanhados pelas “mesmas práticas festivas, a mesma literatura oral, a mesma organização da família, os mesmos processos agrícolas, o mesmo equipamento material.”⁸⁶ Os aspectos elencados por Candido estariam presentes por toda parte do Brasil, tratando-se, portanto, da cultura caipira e não se restringindo apenas ao aspecto geográfico.

Nos escritos de Marins, os enredos das histórias estão impregnados de problemas que fazem referência a estes aspectos gerais da cultura caipira.⁸⁷ Eles se expressam tanto na linguagem culta como

⁸⁵ Os romances compõem um quadrilógia na qual as personagens deslocam-se de uma história para outra. São eles: *Clarão na Serra* (1963), *Grotão do Café Amarelo* (1964), *...E a Porteira Bateu* (1968) e *Atalhos sem fim* (1986). Acreditamos que a análise das manifestações da cultura caipira em seus romances implicaria mais fôlego, portanto, uma outra pesquisa.

⁸⁶ CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Op. cit., p. 108.

⁸⁷ Considerando as diversas acepções que o termo “cultura” carrega e passando pela noção da cultura como algo dinâmico, a definição de Antonio Candido possui um aspecto mais estático. Para esta pesquisa, a caracterização feita por Candido foi a que mais auxiliou na análise do mundo rural nos contos e literatura infantil de Marins. Principalmente porque a região estudada

na linguagem do homem rústico, principalmente através dos “causos”, que estão relacionados a literatura oral. Por esta razão tratamos neste capítulo das manifestações da cultura caipira. Antes de entrarmos propriamente na análise dos contos e do livro infantil, apresentamos uma breve discussão em torno da presença do “regionalismo” na literatura brasileira. Em seguida, apontamos para a influência de *O dialecto caipira*, do escritor Amadeu Amaral utilizada por Francisco Marins.

Em seu discurso proferido na ocasião da sua posse na Academia Paulista de Letras, Marins afirmou que Amadeu quis “enfeixar as manifestações populares sob a forma do linguajar comum, de quadrinhas, anedotário, causos, contos e lendas”⁸⁸, num esforço pioneiro em um momento em que muitos escritores com olhos culturais graduados na Europa e na tradição greco-latina, “olharam com descaso para as nossas autênticas fontes de inspiração literária”. Esta foi a contribuição de Amaral, ao ver de Francisco Marins, que influenciou muitos escritores, - inclusive ele,

a voltarem suas vistas pra mais perto e tentar ver o que hoje, numa interpretação pessoal, nós poderíamos assim indicar:

O terreninho da cozinha, cercado de garantãs; o corgo rasinho ponteadado de pinguelas escorrendo pro tanque de guarus; pilão, monjolo, canjica, farinha de milho – beijus, mingau de milho-verde, cambuquira, pamonha, curau; para a peneira de café ‘dependurada na cintura da mulher’, e descobrir:

a beleza morena das roceirinhas faceiras – os amores esquivos dos carreadores, nos arrasta-pés repicados de viola e chorados de sanfona – Santo Antônio – São João – São Pedro; reza com pipoca e quentão, mastro de pau-de-sebo; negro velho cachimbando; parrelha de isqueiro, facão na cintura, espingarda pica-pau, vara de pesca... saúva cortadeira!

a contemplar os barrancos desbeijados das boçorocas, a biquinha, as coivaras, as tigüeras, o chão gordo das meias-laranjas, rechãs e grotões;

vendola da estrada pro mata-bicho, sal e querosene; o

por Candido nos anos 1940 (sobretudo Botucatu e Bofete) era a mesma que influenciou a literatura de Marins. O que não significa afirmar que as mudanças nos processos agrícolas e o modo de vida caipira não viessem a modificar também o comportamento desse caipira segundo estas características.

⁸⁸ MARINS, Francisco. Discurso de posse de Francisco Marins. (25 de março de 1966), In: **Revista da Academia Paulista de Letras**, ano XXV, vol. 71, São Paulo: 1968, p.133.

curandeiro das mezinhas infalíveis e das benzeduras, a cruz da estrada enlaçada de festões de são joão;

por que não descobrir a doce poesia da ‘casa pequenina com um coqueiro ao lado’, perdida nas campanhas de macega e barba-de-bode, ponteadas pelo barbatimão, cheirosas a araçás e guabirobas, floridas das jalapas, acordadas de quando em vez pelo vôo repentino das perdizes e codornas e pela fala das seriemas pernudas?

E não sentir a poesia do ranchinho à beira do chão, todo feito de buraco ‘onde a luz faz clarão’, o romantismo das varandas e caramanchões dos velhos sobrados e casa solarengas, de pilão, pedindo à sobremesa: doce de cidra, abóbora, batata-doce; criança de olho arregalado ouvindo causos do saci, do lobisomem, assombração e mula-sem-cabeça...

Tudo isso vida, alma e coração do povo – numa palavra, poranduba – capaz de fazer vibrar e enternecer os sentimentos dos nossos escritores, sob pena de sintonizarem com a índole de sua gente.⁸⁹

2.1 “Quem conta um conto aumenta um...”: os contos da juventude

Externo minha opinião sobre seus contos: admiráveis, bem escritos e especialmente por seus deliciosos dialetismos e regionalismos. Não hesito... – publique-os o quanto antes.

Antonio Houaiss

Conforme opinião de Houaiss, sim, os contos de Marins estão repletos de “dialetismos e regionalismos”.⁹⁰ Já nestes primeiros contos, que foram republicados no livro *Curandeiro dos olhos em Gaze e outros recontos*, em 2001, aparecem muitas expressões dialetais. Mas Marins não resolveu simplesmente republicá-los, submeteu antes à leitura de

⁸⁹ Ibidem, p 133. Na monografia, apenas mencionamos a influência de Amadeu Amaral na literatura de Marins. Para esta pesquisa, procuramos aprofundar alguns aspectos, tendo em vista a possibilidade de consulta ao livro de Amaral, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP. Neste excerto proferido por Marins, quase todas as expressões que dizem respeito a espécies de pássaros, árvores e comidas e podem ser encontrados no *Dialecto caipira*.

⁹⁰ MARINS, Francisco. **O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos**. Op. cit., p, 188.

critérios especialistas e estudiosos da Língua Portuguesa e renomados representantes da Literatura Brasileira, como o próprio Houaiss, Leonardo Arroyo, Jorge Amado, Massaud Moisés, Wilson Martins, Peregrino Junior, entre outros.

Os três contos escolhidos para análise apresentam expressões do dialeto caipira, comuns ao cotidiano rural e a um modo de vida, dentro do que chamamos de ruralidade, que se define por uma condição de pertencimento a esse universo.

Vale frisar que esses contos são da década de 1930, quando outros escritores, em épocas anteriores, já recorriam a uma narrativa de recuperação e registro dos costumes e da linguagem caipira. A historiografia da literatura se encarregou de analisar as peculiaridades das formas de se expressar o local.

A preocupação em expressar a realidade local, com os costumes e a natureza na Literatura Brasileira remonta ao Arcaísmo. A historiografia da literatura nos mostra as várias apropriações e finalidades com que essa preocupação se fez presente na literatura como também em sociedade.⁹¹ Mas foi com o regionalismo que se iniciaram os esforços de diferenciação entre a literatura portuguesa e a literatura brasileira. O regionalismo foi a manifestação por excelência na literatura do “pesquisar” ou do “descobrir” o país. Acreditava na necessidade crescente de realismo e verossimilhança, dentro do seu projeto nacionalista de traçar a diferenciação da nossa literatura da portuguesa. Foi o chamado regionalismo dos românticos, que se caracterizou, principalmente, pelas narrativas afastadas da capital imperial, que se passavam em lugares menos influenciados pela cultura européia. Alguns de seus principais representantes foram José de Alencar, Bernardo Guimarães e Franklin Távora.

Candido assinalou a diferenciação entre o regionalismo romântico, da que veio mais tarde a ser designada por “literatura sertaneja” (ou regionalismo pós-romântico) de Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, Valdomiro Silveira, Coelho Neto, Monteiro Lobato, entre outros. Segundo o autor, as duas vertentes apresentaram um desenvolvimento bastante diverso pelo espírito e consequências.⁹² Os escritores da chamada literatura sertaneja, em sua maioria, afirmou o autor, foram responsáveis pela criação de um “sentimento subalterno e

⁹¹ Considerando a literatura como Instituição, conforme Candido defendeu em sua obra *Formação da Literatura Brasileira*, que entende a literatura como atividade regular da sociedade e não apenas como manifestação de sentimento.

⁹² CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos, 1750-1880. 10ª ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 528.

fácil de condescendência em relação ao próprio país”. Isso porque o homem do campo foi visto de um ângulo “pitoresco, sentimental e jocoso”, numa espécie de vitimização do sujeito a ser estudado. Daí Candido ter afirmado que

Os românticos, Bernardo, Alencar, Taunay, Távora – tomaram a região como quadro natural e social em que se passavam atos e sentimentos sobre os quais se incidia a atenção ficcionista. [...] Já, o regionalismo pós-romântico dos citados escritores tende a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade. Não é à toa que a ‘literatura sertaneja’ (bem versada apesar de tudo por aqueles mestres), deu lugar à pior subliteratura de que há notícia em nossa história, invadindo a sensibilidade do leitor mediano como praga nefasta, hoje reigorada pelo rádio.⁹³

Em sua tese de doutorado intitulada “Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o regionalismo”, Carmem Lydia de Souza Dias observou que apesar destes escritores terem sido responsabilizados por uma “visão introdutora de deformações de concepção, tanto de natureza social como estética”, Candido não deixou de reconhecer neles a habilidade no manejo da matéria regional, dedicando a alguns, estudos especiais, como no caso de Simões Lopes Neto.⁹⁴

Embora a literatura sertaneja tenha sido apontada por cair num olhar condescendente e estigmatizador sobre o homem do campo, bem ou mal ela se pronunciou num momento em que o país buscava fixar raízes da sua literatura, da sua identidade e da sua autenticidade. E que por terem se voltado à realidade local, podem ser tomados como ponto de partida para iniciativas posteriores, como a de Guimarães Rosa, por exemplo.

Mário de Andrade, embora vendo na literatura voltada para a região, “uma ilusão perigosa”, limitadora por ser programada,

⁹³CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Op. cit., p. 528.

⁹⁴DIAS, C. L. S. **Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o regionalismo**. 1980. 310 f.. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1980, p. 29.

confessou-se “perplexo ante a ajuda que o regionalismo vinha oferecendo ao movimento modernista, no sentido de proporcionar a caracterização nacional.⁹⁵ Temos aí o recurso “regional” também como expressão do próprio nacionalismo e, portanto, capaz de escapar dos limites geográficos, elevando o regional ao sentido de nacional.

Amadeu Amaral, autor d’*O dialeto caipira*, publicado em 1920 pela *Casa Editora “O livro”*, esteve entre estes escritores-pesquisadores preocupados em registrar os costumes que naquela época acreditava estarem sendo perdidos diante ao processo de modernização. Nas palavras de Amaral:

Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começavam também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas.

Hoje, ele se acha acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indevidamente influenciadas pela antiga educação.⁹⁶

Na introdução do livro, é possível verificar que a concepção de Amadeu Amaral sobre o caipira teve como referência “o momento geral do progresso” caracterizando os “genuínos caipiras” como sendo “ignorantes e atrasados”. Amaral tomou como padrão de comparação termos alheios ao próprio modo de vida caipira, e não como, a partir dos anos 1940, propuseram fazer os estudos das comunidades tradicionais e que têm n’*Os Parceiros dos Rio Bonito* a principal referência.

Ao longo a obra, repetidas vezes Amaral referiu-se aos caipiras de maneira a criar “um sentimento fácil de condescendência”, conforme considerou Antonio Candido. O excerto abaixo é ilustrativo nesse sentido:

O caipira genuíno vive hoje, com pouca diferença, como

⁹⁵ DIAS, C. L. S.. **Paixão de raiz**. Op. cit., p. 15.

⁹⁶ AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Casa Editora “O Livro”, 1920, p. 12. A livro foi digitalizado por mim e encontra-se disponível para consulta no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, na Universidade de São Paulo – USP.

vivia há duzentos anos, com os mesmos hábitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de idéias. Daí o conservar teimosamente tantos arcaísmos – e também tantos termos especiais que, vivos embora no português europeu, são às vezes completamente desconhecidos, aqui, da gente da cidade, (...). Daí, também, o não precisar tanto de termos novos, que, pela maior parte, ou designam coisas a que vive alheio, ou idéias abstratas que não atinge.⁹⁷

Apesar de ter apresentando uma concepção negativa a respeito do caipira, o principal objetivo de Amaral foi outro: analisar e registrar o vocabulário caipira. O desprezioso trabalho, de que pediu “excusa aos competentes” consistiu, em suas palavras, “caracterizar esse dialecto ‘caipira’, ou, se acham melhor, êsse aspecto da dialectação portuguesa em S. Paulo”, que a sua época considerava “quasi virgem de vistas de conjunto, sob critérios objetivos”.⁹⁸ Segundo Amaral:

Fala-se muito em ‘dialecto brasileiro’, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto até hoje não se sabe ao certo e que consiste semelhante dialectação, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões.

O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ao o do Sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior dêste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialectal – o Litoral, o chamado “Norte”, o Sul, a parte com o Triângulo Mineiro.

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, *limitando-se estrictamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo o que fosse hipotético, incerto*, não verificado pessoalmente. Teríamos assim um grande número de pequenas contribuições, restrictas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escorrerita e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de factos recolhidos a todo preço e de

⁹⁷ AMARAL, Amadeu. **O dialecto caipira**. Op. cit., p. 41-42.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 14.

generalizações e filiações quasi sempre apressadas.⁹⁹

Fosse realizado o trabalho, Amaral pensava ser possível um exame comparativo das várias modalidades locais e regionais e da discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país e dos “privativos de uma ou de outra fracção territorial”. Daí se saberia quais os caracteres gerais do “dialecto brasileiro, ou dos dialectos brasileiros, dos subdialectos, o grau de vitalidade, as ramificações e o domínio geográfico de cada um”.¹⁰⁰

E aos que se “dignassem” a auxiliar “de acôrdo com as ideias que aí ficam esboçadas, no aumento e aperfeiçoamento desta modesta tentativa”, recomendou Amaral:

- a) não recolher termos e locuções apenas *referidos* por outrem, mas só os que forem pessoalmente apanhados em uso, na boca de indivíduos desprevenidos;
- b) indicar, sempre que fôr possível, se se trata de dicção pouco usada ou freqüente, e se geralmente empregada ou apenas corrente em determinado grupo social;
- c) grafá-la sempre tal qual fôr ouvida. Por exemplo: se ouvirem pronunciar *capuêra*, escrever *capuêra* e não *capoeira*. Isso é essencial, e há muitíssimas colecções de vocábulos que, por não terem obedecido a este preceito, quase nenhum serviço prestam aos estudiosos, não passando, ou passando pouco de meras curiosidades;
- d) se houver diferentes modos de pronunciar o mesmo vocábulo, reproduzi-los todos com a mesma fidelidade;
- e) sempre que possa dar-se má interpretação à grafia adoptada, explicar cumpridamente os pontos duvidosos;
- f) ter especial cuidado em anotar os sons peculiares à fonética regional (como o som de *r* em *arara* ou o som de *g* em *gente*); declarar como devem ser pronunciadas tais letras, no caso de que o devam ser sempre da mesma maneira, e adoptar um sinal para distinguir uma pronúncia de outra, no caso de haver mais de uma (por exemplo, um ponto em cima do *g* quando sôa aproximadamente *dg*, para o diferenciar do que sôa à moda culta; uma risca sôbre o *c*, para significar que é explosivo, como em *chave* (*tchave*), etc.¹⁰¹

Consideradas as especificidades, Amaral tratou em capítulos os

⁹⁹ Idem, p. 15.

¹⁰⁰ AMARAL, Amadeu. Op. cit., p. 15.

¹⁰¹ Ibidem, p. 15/16.

cuidados que deveriam ser tomados no registro do fonema, (sobretudo atentando para a prosódia caipira), da lexicologia, da morfologia e da sintaxe. Por último, e o que ocupou o maior número de páginas, seguiu-se o registro das palavras do dialeto caipira, organizado pela primeira vez através de vocabulário.

Para Amaral o vocabulário do dialeto caipira era bastante “restricto de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e portanto com as exíguas necessidades de expressão dos que os falam.”¹⁰² Entretanto, afirmou que os elementos do português arcaico do qual o dialeto estava impregnado, constituiria “um dos mais curiosos estudos a que se pode prestar a nossa linguagem rústica, e não só por interesse puramente lingüístico, senão também pelo clarão que lançaria sobre questões atinentes à formação do espírito do nosso povo”.¹⁰³ E advertiu que “sobre a importância lingüística não é necessário insistir, pois ela, por assim dizer, se impõe por definição”, citando como exemplo, o estudo da evolução da língua, para a leitura de documentos vernáculos dos séculos XV e XVI, nos quais as formas vernaculares envelhecidas, bem vivas no falar caipira, poderiam iluminar.

Foi deste prisma que Amadeu Amaral procurou registrar a linguagem caipira, propondo fazer do modo mais fidedigno possível e sem deturpações. E neste aspecto, Amaral possui uma singularidade em relação aos demais sertanistas que procuraram incorporar as variedades do português falado ou da forma oral para no texto literário. Valdomiro Silveira, por exemplo, transcreveu a linguagem caipira “dentro de uma fórmula própria que inclui a fidelidade, mas também a flexibilidade/liberdade na manipulação do material lingüístico”. O escritor foi portador de um estilo particular de reelaboração, observou Dias, na qual expôs “como raridade ou extravagância o material de suas pesquisas”.¹⁰⁴

Ao contrário, Amadeu Amaral, procurou mostrar os desvios fonéticos, morfológicos, sintáticos e vocabulares do caipira em relação aos padrões cultos, embora esclarecendo que muitos fatos do dialeto, foram observados entre os paulistas cultos do interior.

Apesar das peculiaridades do tratamento dado por Amadeu

¹⁰² AMARAL, Amadeu. Op. cit. p. 31.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 31-32. E apresenta as características gerais da formação do vocabulário: “a) de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta; b) de termos provenientes das línguas indígenas; c) de vocabulários importados de outras línguas, por via indirecta; d) de vocábulos formados no próprio seio do dialecto”.

¹⁰⁴ *Idem*, p. 212.

Amaral em seu estudo d’*O dialecto caipira*, o escritor também dialogou com escritores anteriores e procurou aprimorar o uso da linguagem, estabelecendo alguns critérios, que mencionamos anteriormente. Pode-se dizer que foi uma tentativa de tornar legítima a entrada do dialeto caipira na literatura brasileira, tendo em vista um processo maior de conhecimento e interpretação da realidade nacional. E que foi publicada num momento em que muitos escritores buscavam uma forma de expressão contrária à visão que se propagava na produção cultural dos anos 1890-1920, com uma característica linguagem “bacharelesca e artificial”.¹⁰⁵ Um exemplo dessa tentativa foram os contos sertanejos.

Em artigo publicado em 1939, Francisco Marins observou “não ser pequeno o número de escritores que se dedicam ao conto regional”. O gênero “que agrada”, acreditava o escritor, “tem pela frente uma natureza como palco de todas as cenas (...), os vilarejos solitários, sumidos nas paragens mais longínquas, como herva rasteira no capoeirão, sempre oferecem fontes inesgotáveis de inspiração sadias!”. Mas que poucos escritores nele conseguiam se firmar, como por exemplo, Djalma Grohmann, que Marins considerou um “contista imaginoso” e lamentou o seu não reconhecimento.¹⁰⁶

Aos 15 anos, Francisco Marins já estava precavido de certa ingenuidade. Deixando para trás as novelas do início do ginásial, por se tratar talvez “dum desses pecados da adolescência”¹⁰⁷, - embora tenham saído em publicação do *Diário de São Paulo*, pôs-se a escrever seus contos.

Narrativas simples, que seguem uma ordem cronológica e reservam um espaço à imaginação e fantasia. Assim como nos apresentam os contos de Marins, permitimo-nos ser diretos e objetivos na sua descrição.

Para a análise dos seus primeiros contos, priorizamos dois principais aspectos para facilitar a exposição: a perspectiva do mundo rural e a linguagem caipira. A orientação geral que permanece nos contos está recoberta pela temática mais ampla da ruralidade, que Ricardo Abramovay apontou, num amplo sentido, como um modo de vida em que se valorizam as relações com a natureza e entre as pessoas,

¹⁰⁵ CARVALHO, F. P. **A natureza na literatura brasileira**: regionalismo pré-modernista. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 15.

¹⁰⁶ MESSEJANA, Francisco. [Francisco Marins]. Djalma Grohmann. Um contista imaginoso. *Jornal Letras Botucatuense*, Botucatu, 06/01/1939, Ano IV, nº 556.

¹⁰⁷ CUNHA, Roberto Salles. Op. cit.. Esta observação aparece entre aspas na apresentação do escritor, escrita pelo acadêmico de Direito, Roberto Sales Cunha, antes do depoimento de Marins. O que sugere que tenha sido dita pelo próprio Marins.

fortalecendo assim os valores humanos.¹⁰⁸

2.1.1 *Ritinha*: o primeiro conto, do primeiro encanto e um primeiro desencanto¹⁰⁹

Ritinha foi publicado originalmente na coluna *Contos Sertanejos* do jornal *Folha de Botucatu*, em 1938; republicado na revista *O Malho* (RJ) em novembro de 1939 e reeditado no livro *O curandeiro dos olhos e gaze e outros recontos*, em 2001. Tivemos acesso à primeira versão publicada na *Folha de Botucatu*, mas como foram poucas as modificações feitas por Marins, optamos por trabalhar com a versão definitiva publicada em livro.¹¹⁰

A porteira bateu, o Nero latiu e prima Rita enfim havia chegado. Geninho fazia o que podia para chamar a atenção da prima

... estilingava passarinhos, com pontaria certa, pescava lambaris no córrego e lhe contava proezas – a maior parte mentiras. Ficava longo tempo a mirá-la, embevecido, mas sem dar demonstrações. Achava-a linda, olhos pretos, rosto rechonchudo com as sardas, os cabelos compridos e lisos. Saímos juntos, pelos campos várias vezes, a catar gabiobas, e aquele cheiro de fruta silvestre parecia grudar nela.¹¹¹

O “cheiro de fruta silvestre”, que parecia “grudar” em *Ritinha*, denota um tom poético no qual se destaca um dos elementos básicos do tratamento ficcional: a transferência para as personagens da capacidade de ver e sentir.¹¹² Foram dias especiais os que se seguiram ao lado da Prima Rita, até ser chamado pelo seu pai, que “ensaiava uma conversa séria”:

¹⁰⁸ Definição que norteou a pesquisa de ABRAMOVAY, R.. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2003.

¹⁰⁹ Segundo Marins, *Ritinha* não é um tipo de conto “de acordo com as características maupassianiana, mas se aproxima da ‘Antologia’ de Almiro Rolmes Barbosa, que na época fazia escola: ‘de começo causador, de impacto e de fim inesperado’”. Ver GÔES, Lucia Pimentel. Op. cit., p. 198.

¹¹⁰ Conforme também a vontade de Marins. Afinal, não faria sentido o trabalho de reedição das obras pelo escritor se não as lêssemos na versão que o autor considera definitiva. Sabemos que as intenções do escritor na década de 1940 não eram as mesmas de quando as alterações foram feitas. Mas as mudanças neste conto foram pontuais, os aspectos que priorizamos estudar nesta dissertação permaneceram ao longo das reedições.

¹¹¹ MARINS, Francisco. **O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003, p. 164.

¹¹² CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite**. 5ª ed. revista pelo autor. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006, p. 74.

- Você vai para a cidade, tem que estudar. O que aprendeu aqui com o Guimarães não vale para nada.
- Mamãe diz que vou ser doutor!
- Para mim o título não tem importância! Pode ser guarda livros, professor, dentista...
- Aquelas palavras, entretanto, colocavam-me à frente de uma nova realidade.¹¹³

Apesar de ser narrado em 1ª pessoa, o tempo verbal do passado imperfeito dá a sensação de um narrador que se vê do lado de fora e de longe. É neste conto que, pela primeira vez, aparecem as preocupações: 1º) do sair do campo para estudar e; 2º) uma nova realidade a ser enfrentada.

Depois da decisão do pai de mandar o menino estudar na cidade, Geninho ficou muitos anos sem ver Prima Rita, seu primeiro amor. Assustado com a decisão do pai desiludiu-se com a prima por ela não achar má a idéia do afastamento entre os dois e, pelo contrário, dar razão ao Tio que dizia que “uma pessoa estudada valia mais”. Desiludido, restava a Geninho apenas esperar mudar para a cidade. Enfim o dia chegou, “depois de penosa espera, pois ia pela primeira vez afastar-me da casa paterna e sentia, desde logo a tristeza de deixar o mundo em que me criara”.¹¹⁴

Passados seis anos após ter ido à cidade continuar os estudos, Geninho retornou à fazenda que tinha sido criado. “Encilhei um cavalo baio, escancarei a cancela da mangueira e saí para o piquete, onde a vegetação tosada refletia o pastoreio intensivo e a pobreza das terras”.¹¹⁵ Ao passar em frente a uma casinha baixa, “de barro pisado e num terreninho bem tratado”, avistou uma moça magra, mal vestida, que demonstrou o reconhecer. Ao se dar conta de que era a Prima Rita, exclamou alto seu nome. Envergonhada, Prima Rita respondeu ao cumprimento, levando as mãos à altura da boca, num gesto de admiração, mas nem sequer chamou-o para entrar. Naquele momento, Geninho sentiu profunda tristeza por não reconhecer naquele “rosto sofrido e queimado de sol” aquele seu primeiro amor dos “risonhos doze anos”.

A descrição do “rosto sofrido e queimado de sol” exprime sinais

¹¹³ MARINS, Francisco. **O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos**. Op. cit., p. 165.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 166

¹¹⁵ “Escancorar a cancela” significa abrir a porteira; “piquete” é um pasto pequeno e fechado, onde se conservam por pouco tempo animais em serviço.

de uma vida difícil e sofrida para aquele amor de infância que permaneceu no campo. A tristeza de Geninho aumentava ainda mais por saber que seu pai teria de deixar a propriedade agrícola, por motivos não muito bem explicados. Mas sabia que seu pai, “homem ligado visceralmente ao trabalho rural”, sofreria muito com aquele afastamento.

Sob este aspecto, o homem não estaria ligado simplesmente a qualquer mundo, mas ligado “visceralmente ao trabalho rural”, indicando toda uma estrutura que envolve a vida no campo. O que parece apontar para a vida do pequeno sitiante e uma auto-suficiência deficitária que o expulsa para algum lugar que nunca vai ser seu mundo.

Após sacrifícios de suas economias, seu pai permaneceria em sua terra, afinal, “reencontrara seu mundo”, e acreditava Geninho, poder “ser de novo” também o seu. Esse mundo, que mais tarde, nos romances de Francisco Marins, é chamado de “sertão”, indica ser “mais profundo, mais além, talvez esteja mais dentro de cada um, do que na geografia do mundo”, conforme observação de Ricardo Ribeiro para a obra de Guimarães Rosa.¹¹⁶

Mas de Ritinha, sobraram apenas lembranças,

A menina que me virara a cabeça em criança... Meu primeiro amor...

Ouvia, nas grotas, o pipilar da passarada, no alvorecer do dia. Longe mugiu um boi. Uma araponga soltou um estalido metálico no fundo do pasto. Um chanchã cortou o espaço...

O conto termina com um tom melancólico e com o mesmo linguajar caipira do início. Expressões como “estilingar” passarinhos, “catar” gabiobas, escancarar a “cancela”, sair para o “piquete”, ouvir nas “grotas” o “pipilar” da passarada, a “araponga” com seu estalido metálico e um “chanchã” a cortar o espaço vão configurando a narrativa que Antonio Houaiss observou serem “deliciosos dialetismos e regionalismos”. E que estão presentes no vocabulário d’*O dialeto caipira* de Amadeu Amaral.

Mas o conto também encontra em seu fim um possível recomeço e uma esperança, - a de retornar ao mundo que correspondia a uma maneira de viver. Estes aspectos também podem ser verificados no

¹¹⁶ RIBEIRO, R. F. A Natureza de Rosa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA, 2000, Veredas de Rosa. **Anais do Seminário internacional Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: PUCMinas, 1998. p. 599-604, p. 601.

próximo conto.

2.1.2 *Mulita*, entre *guascadas* e *safanões*

Mulita era um menino de pele escura e face ressequida que fora criado numa “fazendola”, e que certo dia resolveu fugir por não gostar da lida da lavoura. O que ele queria era “andar a cavalo, correr caminhos, ir atrás das boiadas que via passar todo dia pelos campos”. Certo dia aproximou-se de um galpão onde estavam reunidos alguns peões que trabalhavam na fazenda de Vicente. Passou a conviver com peões e a fazer aquilo que gostava – a lida com o gado.

Quando faziam a travessia do gado no caminho descampado, o “negrinho” seguia à frente do gado no passo tardo do cavalo, segurando uma “guampa enorme e bem polida – o berrante”.¹¹⁷ Passado algum tempo, os peões suspeitaram que *Mulita* tivesse pegado uma espora da “pousada do Chico Trançador”. Levava “guascadas e safanões” todos os dias. Certo dia, Vicente, o dono da fazenda, avistou *Mulita* na disparada com seu cavalo. Seguiu-o e, alcançando-o, ergueu a vergasta e bateu no menino. O cavalo, desembestado, cuspiu-o do arreio. Com a guasca fustigou-o no chão, tomou o potro de *Mulita* e “deu-lhe um relho”. Ao voltar para a casa, sua mulher perguntou se *Mulita* já havia voltado. Percebendo algo de errado, Vicente deu-se conta que *Mulita* havia saído às pressas com o cavalo para buscar remédios para salvar seu filho.

Publicado primeiramente na coluna *Pitangas e Gabirobas* do jornal *Folha de Botucatu*, o início do conto marca a diferença entre uma “fazendola” e a “fazenda” de Vicente, onde trabalhavam peões. Embora derivem da mesma palavra, denotam dois tipos de propriedades muito diferentes. Na fazendola, que significa uma pequena fazenda, *Mulita* tinha que lidar com a lavoura e que de certa forma faz referência ao tipo de propriedade “relativamente estável”, mantidas pelo “caipira proprietário ou posseiro”.¹¹⁸

Já, na fazenda de Vicente, trabalhavam vários peões que saiam pelo “caminho descampado” a levar o gado. Ali, *Mulita* podia ficar, pois a lida com o gado e a manutenção dos utensílios inerentes ao trato com o gado, exigia gente para o trabalho, que certamente era servil. Conforme observou Candido,

¹¹⁷ “Negrinho” é a expressão utilizada pelo narrador e, às vezes, aparece no discurso direto na fala dos próprios peões da fazenda.

¹¹⁸ CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Op. cit., p. 108/109.

Ressalvados os latifúndios, movidos por trabalho servil, espalhou-se pelo território habitado por São Paulo o tipo já referido, do caipira proprietário ou posseiro, relativamente estável. Eram, na absoluta maioria, desprovidos de recursos econômicos, valendo-se para os trabalhos agrícolas, da própria família e do auxílio vicinal.¹¹⁹

Mulita também ressoa um tipo de preconceito que esteve muito presente nas propriedades rurais após nos anos 1920. Com a crise da economia agro-exportadora, do regime oligárquico e a vinda de imigrantes para trabalhar nas lavouras, os ex-escravos e seus descendentes foram foco de preconceito étnico, ou “racial” para a época, e também social.¹²⁰

Neste conto também observamos inúmeras expressões que fazem referência à lida tropeira, tais como caminho descampado, que significa um terreno extenso, sem árvores e não habitado. Guampa, um chifre que quando bem polido transforma-se no berrante, instrumento para chamar o gado. Pousada, a paragem para descanso dos tropeiros; arreio que faz referência às peças para se montar um cavalo. Relho, um tipo de açoite de várias cordas ou um chicote de couro formado por guascas, tiras de couro cru. E safanões que significa empurrão.

2.1.3 *Antes tarde... do que nunca*

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.

Walter Benjamin. *Obras escolhidas*.

Um misto de conto com crônica, *Antes tarde... do que nunca* narra a história das dificuldades por quais passava Rio Turvo, antiga e próspera propriedade produtora de café. Publicado primeiramente na

¹¹⁹ CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Op. cit., p. 108/109.

¹²⁰ Sobre o assunto ver: FRANCO, M. S. C.. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. São Paulo, Institutos de Estudos Brasileiros da USP, 1969.

“Revista Universal” (RJ) em setembro de 1939, este é o terceiro conto dos tempos “de juventude” que Marins considerou digno de republicação n’*O Curandeiro dos olhos em gaze*.¹²¹

Prestes a ser hipotecada, Rio Turvo tinha ainda que se proteger contra as geadas. Não sobreviveria a outra igual a que aconteceu em 1918, que arrasou a maior parte dos cafezais de São Paulo. A produtividade após uma forte geada cai bruscamente considerando que as árvores demoram algum tempo para se recuperar.¹²²

Mas naquele ano, o cafezal, plantado na encosta sobreviveu àquela geada. O mesmo não aconteceu com as propriedades vizinhas, que tiveram o cafezal completamente queimado pelo frio. Em tempos de escassez o café voltava a valorizar e, então, Rio Turvo ia conseguindo se manter.

Neste conto, a crise do café transforma-se na motivação principal da narrativa. Não apenas da narrativa, mas da história da Fazenda do Turvo, que estava entre os grandes latifúndios da região de Botucatu, em São Paulo.

“Antes tarde... do que nunca” deixou alguns suspenses. No conto, o dono da propriedade, João Luciano, passou a noite em claro para ver se a geada iria mesmo cair. Ao amanhecer, a mata ao redor da propriedade apareceu em chamas, obrigando os moradores a fazerem aceiro para conter o fogo, impedindo-o assim de atingir o cafezal.

Teria João Luciano colocado fogo no mato para espantar a geada e assim proteger o café? Se considerarmos possível tal hipótese, essa atitude pode ser pensada dentro dessa ruralidade em que os indivíduos precisam tomar decisões sem ter necessariamente um conhecimento científico de como agir em meio a esse tipo de situação. Esse modo de resolver problemas no campo aponta para a reflexão de como eram adquiridos os conhecimentos aplicados na vida rural.

Segundo a observação de Mary Del Priore e Renato Venâncio, um traço que realça o vínculo entre o fim da escravidão e as tentativas de modernização de nossa agricultura – ou seja, de difusão de novos padrões culturais e educacionais – diz respeito ao surgimento de periódicos especializados ou semi-especializados.¹²³

¹²¹ Localizamos inúmeros artigos e contos inéditos no arquivo pessoal do escritor. Mas considerando que estes contos republicados foram pouco explorados, decidimos nos ater a eles.

¹²² Sobre a crise do café e o colapso do seu preço, ver FRITSCH, Winston. 1922: a crise econômica. In *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, nº 11, 1993, p.3-8.

¹²³ DEL PRIORE, M.; VENÂNCIO, R.. O nascimento do ensino agrícola. In *Uma história da vida rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 184. Estes periódicos poderiam ser os almanaques rurais, suplementos de jornais ou manuais agrícolas. Sobre o assunto ver também:

Como numa melodia que não termina por um acorde perfeito, “Antes tarde... do que nunca” parece terminar propositalmente como que “por uma nota em suspenso que se prolonga na imaginação, exprimindo toda a melancolia de um futuro imediato sobre o qual os homens não têm poder.”¹²⁴

Estes primeiros contos publicados na imprensa de circulação local de Botucatu e nas revistas de projeção nacional como *O Malho* e *Universal*, foram os primeiros passos daqueles que, ao ver de Marins, “dão os moços do interior picados pelo coró da literatura: escritos em jornais provincianos, contos na seção cultural da rádio local, ensaios tímidos, ou então, os de maior vôle, nos suplementos e revistas de maior projeção, das Capitais, sempre tabus para a timidez dos interioranos.”¹²⁵

Em entrevista publicada no posfácio d’*O curandeiro dos olhos em gaze*, onde foram republicados estes contos, Marins respondeu sobre as “chaves” inspiradoras e motivadoras das histórias. Em relação a “Mulita”, o escritor escreveu que o conto “lembra uma faceta da vida dos boiadeiros e dos tropeiros, meus antepassados do lado paterno”. Sobre “Antes tarde... do que nunca”, o escritor quis abordar

o drama da geada, fenômeno que tantos desastres têm causado à cafeicultura e que ressurge, também no romance ... *E a porteira bateu*. Foi uma verdadeira tragédia para muitos fazendeiros, e relembra-me a triste cena que um dia eu mesmo vivi, como pequeno plantador de café, ao presenciar toda a plantação de café da Fazenda Bocaiúva inteiramente queimada pelo frio em uma única noite.¹²⁶

Possivelmente Marins é um desses escritores cuja imaginação nasceu da autobiografia. Os contos confundem-se com experiências vividas e ouvidas no decorrer da sua infância, acrescidos de leituras, imaginação e criação individual, conforme expusemos no primeiro capítulo. O desastre sofrido pela Fazenda Rio Turvo ressurge no romance da década de 1960, intitulado “... E a Porteira Bateu”, assim

PARK, M. B.. **Histórias e leituras de Almanagues no Brasil**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999. Ver também PARK, M. B.. **Leituras de almanagues: O Cordãozinho e o Jeca**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio22.html>>. Acesso em: 10/09/2009.

¹²⁴ JAN, Isabelle. **Essai sur la Littérature Enfantine**. 2ª ed. Paris: Les Editions Ouvrières, 1969, p. 50 apud. GÓES, Lúcia Pimentel. Op. cit., p. 129.

¹²⁵ MARINS, Francisco. Concursos literários são fábricas de mediocridade. **A Gazeta**. São Paulo, 09/04/1973, Seção: Hora e vez dos escritores.

¹²⁶ MARINS, Francisco. **O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos**. Op. cit., p. 175.

como os mesmos temas vão configurar a produção infanto-juvenil nos anos de 1940.

De certa forma os contos já anunciavam as características principais que acompanhariam a literatura de Marins, imprimindo uma ruralidade típica das pequenas propriedades, valorizando a linguagem caipira de modo a tentar fazê-la “sair da oralidade e forçar-lhes a entrada na corrente da língua escrita”.¹²⁷ Verificamos que a linguagem não vernacular é apreendida na norma culta da língua com a fixação do português arcaico e não na forma verbal, com as possíveis variantes de pronúncia. De forma a contemplar as recomendações de Amadeu Amaral, tratadas no início deste capítulo. Em discurso proferido na APL, em 1972, Marins afirmou que

As tentativas de reprodução da fala roceira, na área lingüística paulista, feitas por Valdomiro Silveira, a partir do conto “Rabicho”, publicado em 1891, considerado marco pioneiro do nosso regionalismo, e os causos de Cornélio Pires, poderiam ser dados como expressões intermediárias, para a integração da fala caipira na corrente da língua. As formas populares deturpadas, mas de tanto colorido, e as regências solecistas representam estágios primários que buscam alternar-se a formas definidas, à alforria, integrando-se, quando dicionarizadas, ao caudal lingüístico, tal como o indivíduo provindo do interior se eleva, pela instrução, adquirindo modos de falar correto.¹²⁸

Apesar de Marins considerar o esforço de Valdomiro Silveira como “estágio primário” dos estudos da linguagem caipira, o escritor o considera, ao lado de Afonso Arinos, um grande representante do regionalismo brasileiro. Em seu artigo *O sertanismo Brasileiro*, Marins observou que:

O regionalismo, no seu sentido largo, que é o de trazer o homem da roça para a grande literatura e de estudá-lo, não como um tema de exotismo, em chalaças exploradoras de seus defeitos e ridículos, nem também, como a criatura só digna de lástima, mas como sêr humano que vive, ama e sofre e sonha e luta como qualquer outro, fazendo-lhe a pintura fiel dos costumes, sondando-lhes os anseios, os defeitos, registrando-lhe a linguagem barbara, os ímpetos

¹²⁷ MARINS, Francisco. *O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos*. Op. cit., p. 174.

¹²⁸ MARINS, Francisco. Discursos de Hernâni Donato e Francisco Marins. Op. cit., p. 39-40.

amorosos, a concepção de honra, as tiradas de valentia, fotografando-o enfim, em sua vida rústica, foi êsse o trabalho, de paciência e de verdade, de Valdomiro Silveira e Afonso Arinos.¹²⁹

Mas também apontou a literatura sertaneja destes primeiros representantes, como uma fase de experiência onde “os excessos são evidentes, a documentação sufoca, por vezes, pelo acúmulo de detalhes”.¹³⁰ Apesar de Marins ter considerado enormes os defeitos da literatura sertaneja que buscava se firmar reconheceu o seu “cunho de verdade na interpretação dos conflitos seculares do homem com a terra”.¹³¹

Estas observações do escritor em relação à literatura sertaneja são posteriores à publicação desses seus primeiros contos, mas anteriores à escrita do seu livro infantil. Ao refletir sobre a produção de outros representantes da literatura que se voltava ao homem da terra, Marins também criava estratégias para o gênero infantil.

Nas histórias infanto-juvenis, as expressões do dialeto, geralmente, são acompanhadas pelo recurso da metalinguagem, recurso da língua portuguesa, que descreve em outras palavras o que foi escrito anteriormente. Durante a entrevista, Marins exemplificou:

Nos meus livros está cheio disso. Eu emprego alguma palavra. Por exemplo: “os meninos passaram pelo corgo em cima de uma pinguela”. Então, são duas palavras complicadas se você não sabe o que é corgo ou pinguela. Mas na frase seguinte eu já coloco assim: “A aguinha do rio estava fresquinha, límpida e eles até viram por cima do pau que eles transpuseram a sombra deles na água”. Pronto, aí está a metalinguagem.¹³²

De certa forma, este recurso caracteriza a preocupação que o escritor teve em possibilitar o entendimento aos leitores não familiarizados com esse tipo de vocabulário, facilitando a leitura. E talvez, uma atitude que fez da sua literatura um meio de levar adiante esse universo rural e não um fim que se esgotou na própria

¹²⁹ MARINS, Francisco. O sertanismo Brasileiro. II) O Conto. In **Arcádia**. Publicação da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Ano IX, outubro de 1944, n° 23, p 47.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 59.

¹³¹ *Idem*, p. 60.

¹³² MARINS, Francisco. **Entrevista com Francisco Marins**. Op. cit., p. 12.

representação.

Acompanhado pelo surto editorialmente bem sucedido dos anos de 1940, foi na literatura infanto-juvenil que Marins teve projeção dentro da literatura brasileira, sobretudo, com a publicação de *Nas terras do Rei Café*, publicado em 1945.

2.2 Taquara que estoura... pól, pól: *Taquara-Póca*

Mitos, fábulas, lendas-teogônias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias ocupam no passado o lugar reservado hoje ao livro infantil. Quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que a de hoje, sem os contadores de histórias e espetáculo de então.

Cecília Meirelles

Taquara-Póca é uma gramínea, um tipo de um bambu, contou-me o escritor na entrevista:

Ela, quando cresce, tem vários pesinhos em baixo, e nas festas juninas, no mês de junho, eram usadas nas fogueiras. Colocadas no fogo, nas brasas, as taquaras estouram. “Tol, tol... Póca é a justamente o que dá o estouro, taquara que estoura, taquara-póca. Eu introduzi isto nos livros.”¹³³

Conforme Cecília Meirelles, representações várias que veiculavam através da figura do contador, reservam-se hoje ao livro infantil.¹³⁴ A respeito dos primórdios da literatura infantil, Pentead argumentou como a arte de narrar histórias, que é uma forma quase artesanal de comunicação, perdeu-se num passado remoto. Para a autora, a literatura infantil “talvez seja o gênero que mais se aproxime destas narrativas orais”, principalmente por manifestar “aquela ‘autoridade’ do contador que efetivamente possui a experiência

¹³³ MARINS, Francisco. *Entrevista com o escritor Francisco Marins*. Op. cit., p. 8.

¹³⁴ MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus Ed. 2ª ed., 1979, p. 46.

comunicável”.¹³⁵ Por isso, a literatura infantil pode ser considerada o gênero através do qual se manteve acesa essa tradição milenar de se contar histórias e pela qual se perpetuaram os mitos, as lendas, aventuras, entre outras representações presentes nos livros infantis.

Nas terras do Rei Café foi o primeiro livro infanto-juvenil escrito por Marins e publicado no ano de 1945. É uma destas histórias de aventuras, às quais se referiu Penteado, vivenciadas por três meninos em pleno cenário da natureza e que consagrou Marins como sendo “o escritor do café e das crianças”.¹³⁶ O livro é seguido de outras três histórias ambientadas no mesmo sítio e que formaram uma série *Taquara-Póca*.

Nas Terras do Rei Café já recebeu considerável atenção por parte dos estudos de literatura infanto-juvenil brasileira. Lajolo e Zilberman, Lúcia Pimentel Góes, Nely Novaes Coelho entre outras análises da Literatura Infantil, apontaram alguns aspectos em comuns: “a proposta do escritor em passar informações sobre a vida rural, o trabalho do campo, os valores ideológicos da época”,¹³⁷ ou uma determinada noção de ruralidade.¹³⁸

A citação abaixo ilustra estes aspectos apontados pelas pesquisadoras, quando o narrador refere-se ao sítio *Taquara-Póca*:

– Já foi uma fazenda com muitos alqueires de terras, com matas, campo para o gado e lavouras. Depois, com o passar dos tempos, sofreu bastante e ficou bem pequena. Hoje é um sítio apenas, mas dá muito bem para a família do Vovô lá trabalhar e tirar o seu sustento.¹³⁹

Verifica-se a mudança de um enfoque sincrônico para outro diacrônico, ou seja, de uma descrição da vida presente para um resgate histórico da gênese desse presente. Esse recurso que também foi uma preocupação é contínuo no decorrer da série e responde ao próprio caráter pedagógico e didático da literatura de Marins. Mas a principal preocupação do narrador foi apontar para a dificuldade vivida pelas fazendas para se manter e a fragmentação das propriedades para pagar as dívidas. Essa foi a principal motivação do livro, mostrar como é a

¹³⁵ PENTEADO, A. E. A.. Op. cit., p. 21.

¹³⁶ Frase utilizada frequentemente em reportagens de jornais ou revistas que se referem ao escritor e sua obra.

¹³⁷ GÓES, Lúcia Pimentel. Op. cit., p. 35.

¹³⁸ Trata-se da minha monografia: DALLANORA, Cristina. Op. cit., p. 30-43.

¹³⁹ MARINS, Francisco. *Nas terras do Rei Café*. Op. cit., p. 9.

vida no campo e as dificuldades do seu o dia a dia, como o narrador apresenta no início:

Os trabalhos da lavoura são interessantes. O Brasil é um país agrícola. Todos deveriam saber das dificuldades e das lutas na terra. Dela é que saem quase todas as coisas de que nós, na cidade precisamos para viver: os alimentos, os materiais para nossas roupas e para as nossas casas...¹⁴⁰

Adiante, outra passagem reforça a intenção do livro de levar as crianças a conhecerem a vida no campo, com a utilização do recurso didático-pedagógico para esclarecer algum aspecto da vida presente:

Anos atrás a fazenda do vovô começou a ter dificuldades. O preço do café produzido quase não cobria os gastos. Então seu avô precisou de dinheiro para pagar os homens que trabalhavam no cafezal e para outras despesas. Assim, teve de vender alguns trechos de fazenda.

[...]

Os anos foram passando e as vendas das colheitas do café, sempre com preço baixo, não davam para pagar as despesas do sítio, que eram sempre grandes. Além disso, no ano passado, a geada prejudicou grande parte do cafezal. A geada é um terrível inimigo do fazendeiro. Assim, continuou o Sr. Pacheco, o Vovô precisou fazer um empréstimo para continuar a cultivar as terras. Não conseguiu o dinheiro necessário. Todos os fazendeiros da região também estavam mal de finanças.¹⁴¹

O ímpeto de passar informações sobre a vida rural e o trabalho do campo explicita o caráter didático com a referência à crise do café. Mas a forma como são narradas essas informações indicam ir mais além ao apontar para as alterações da estrutura do mundo rural que vai sendo descaracterizado face à modernização. O carro de bois é exemplar, nesse sentido:

Na esquina estava um carro de bois, veículo que Dudu conhecia somente por um desenho de seu livro escolar. E lembrava-se de que o professor explicara: o carro de bois tinha muita importância na vida do país, pois ajudara no

¹⁴⁰ MARINS, Francisco. *Nas terras do Rei Café*, p. 9.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 34-35.

transporte dos produtos da terra. E acrescentara: “O Brasil devia erguer muitas estátuas a esse veículo da roça!”¹⁴²

Num esforço de salvaguardar a ruralidade, deveria se “erguer muitas estátuas a esse veículo da roça”. O mesmo se dá com os equipamentos utilizados no sítio:

- Vejam ali, as velhas moendas do engenho, que eram movidas por roda d’água e moíam cana, tirando-lhe o caldo. Mais adiante ficavam as gamelas, as bicas, os tachos... Fabricavam muito açucara por aqui?
- Pouco, era mais para o gasto da fazenda e para os sitiantes da vizinhança.¹⁴³

A narrativa também está repleta de explicações de conhecimento popular e geralmente aparecem nas falas do caboclo Chico Tibúrcio e do preto velho nhô Lixandre. Em relação à personagem de nhô Lixandre, assim como no conto “Mulita”, parece ter sido integrada à história para abordar a questão do preconceito contra os ex-escravos. O “preto velho” teria tido a sorte que os amigos não tiveram, de encontrar uma propriedade onde era bem tratado e nunca pensara em fugir. Mas sofria com a perda dos amigos que tiveram que fugir, devido à violência contra eles praticada por um coronel de latifúndio, conforme a fala da personagem:

- Além de os pretos trabalharem o dia todo em troca da comida, por qualquer falta eram castigados.
- Judiação!
- Na Fazenda Estrela, do pai de Zé Pedro, os pretos foram muito castigados. Vários dos meus irmãos de cor, não suportaram os sofrimentos e viraram *canhamboras*, isto é, fugitivos. Mas os sinhôs mandavam atrás deles o capitão do mato.

A personagem de nhô Lixandre transforma-se na figura de alguém dotado de grande conhecimento, que não foi adquirido na escola. Como no caso da explicação de como se orientar no sítio.

- Basta vocês examinarem o ninho do João-de-Barro.

¹⁴² Idem, p. 11.

¹⁴³ Idem, p. 21

- O que tem o passarinho com isso?
- Tem muita coisa, pois ele faz a sua porta de casa voltada para o norte.
- Ora, por que isso?
- Para evitar os ventos frios, que aqui no sítio sopram do sul.
- Nunca pensei nisso.
- Uma pessoa perdida na floresta pode orientar-se pelos formigueiros, pelos ninhos e até pela casca das árvores...¹⁴⁴

Esse tipo de conhecimento que sem o apoio da escrita é transmitido de geração em geração faz referência a literatura oral, que Candido observou como sendo uma das características da cultura caipira. As expressões “nhá”, “nhô” (diminutivo de sinhô, sinhá) também configuram um traço da sociabilidade do homem do campo dentro dessa cultura. Ao contrário da forma como se dirigem ao visitante, que aparece na forma de “Senhor”, “Senhora” ou “Dona”:

- O garoto resolveu então perguntar-lhe alguma coisa:
- Papai, porque o tio Juca não mora na cidade como nós?
- O Sr. Pacheco olhou para o filho e ficou alguns instantes em silêncio. Depois sorriu, como a se desculpar do longo silêncio em que estava, e respondeu:
- Porque para ele não existe coisa melhor no mundo do que o sítio do seu avô.¹⁴⁵

Em se tratando de alguém da cidade, o narrador usou “Sr”, que indica um misto de cordialidade e lisonja, indicando o respeito e ao mesmo tempo um sentimento de inferioridade. Aqui podemos inferir que o caipira sente-se inferiorizado face a quem vive na cidade, pois acredita que o cidadão seja mais instruído e civilizado do que ele. Novamente este aspecto aponta para um discurso sobre o campo em que o seu homem já tinha interiorizado a idéia de que ele era ignorante se comparado ao sujeito da cidade.¹⁴⁶ Na passagem em que Dudu, o menino da cidade, estava ansioso por conhecer o primo Tico:

Dudu estava ansioso para fazer perguntas ao primo:

¹⁴⁴ MARINS, Francisco. **Nas terras do Rei Café**. Op. cit., p. 80.

¹⁴⁵ MARINS, Francisco. **Nas terras do Rei Café**. Op. cit., p. 4.

¹⁴⁶ Aspecto que apontamos no capítulo I, ao mencionarmos a fala do pai de Francisco Marins, que achava necessário que o filho estudasse para não continuar como aqueles que permanecem no campo.

- Por que o Tico-tico não veio?
- Ficou com vergonha, disse que você ia caçoar dele...
- Caçoar por que?
- Ele é... é muito ‘caipira’. Mas você vai ver que companheirão.
- [...]
- Dudu, que nunca vira um homem da roça falar, achava engraçado o seu modo de pronunciar as palavras e, também, a sua fala descansada.¹⁴⁷

O narrador se responsabiliza em explicar o jeito de se falar na roça, apontando inclusive para a prosódia caipira, ou seja, som das falas. Segundo Walter Benjamin, a figura do narrador tem em sua essência uma dimensão utilitária que pode “consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos”.¹⁴⁸ Nesse sentido, o narrador se aproximaria dos mestres e dos sábios, uma vez que, como eles, possui um vasto repertório de experiências, ao qual recorre oportunamente enquanto vai fiando suas narrativas – mesmo que estas experiências sejam apropriações de experiências alheias.¹⁴⁹ Ou mesmo que sirvam de conselhos para a posteridade, como no momento da história e que o Rei Café explica sobre a superioridade do café em relação a cachaça da cana:

Modéstia à parte... o Café substitui com vantagem, o terrível inimigo, ‘Pinga-Pura’. Além disse combate a Senhora Fadiga. Em nossa companhia o homem sente mais disposição para o trabalho e até mais alegria. E não somos orgulhosos, pois entramos com a mesma alegria na casa do rico e na do pobre, do trabalhador, do comerciante, do estudante, da criança, do velho... todos nos querem muito bem. Acho mesmo que muitos não passariam facilmente sem nossa companhia.¹⁵⁰

Mas o hábito de narrar, segundo Benjamin, foi se perdendo até encontrar seu esfacelamento em virtude de uma perda de referências coletivas, interrompendo a transmissão da sabedoria. As experiências

¹⁴⁷ MARISN, Francisco. **Nas terras do Rei Café**. Op. cit., p. 10.

¹⁴⁸ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, vº I. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet], 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 200.

¹⁴⁹ PENTEADO, A. E. A.. Op. cit., p. 18.

¹⁵⁰ MARINS, Francisco. **Nas terras do Rei Café**. Op. cit., p. 63.

transmitidas através da arte de narrar deixaram de ser comunicáveis, intercambiáveis, tornando-se cada vez mais individuais e, portanto, intransferíveis. Esse gradual “silenciar dos narradores” se dá por uma confluência de fatores trazidos pela modernidade que provocaram drásticas mudanças culturais.

Como numa tentativa de resgatar essa forma de contar histórias, ao qual se referiu Benjamim, Marins criou o mito da flor roxa do samambaial:

– Todo mundo sabe que, no samambaial, nasce uma flor roxa, muito bonita, toda sexta-feira à meia-noite. É difícil pegar essa flor, mas quem conseguir fica livre de picada de cobra para o resto da vida. Onça não chega mais perto. Outros dizem que essa flor faz o homem virar valentão e até pode brigar à vontade, pois está livre de chumbo e de faca. Muita gente aqui na roça anda à procura dessa flor.¹⁵¹

E lá se foram os meninos a procura da flor roxa do samambaial, em plena noite escura, com a esperança de salvar o sítio da situação em que se encontrava.

A flor roxa do samambaial foi uma metáfora utilizada por Marins, numa espécie de ensinamento moral onde todos tem dentro de si uma flor roxa, que substitui a presença da esperança. A flor, que Lourenço Filho observou evocar os paramentos roxos das igrejas na semana santa,

é tão difícil de ser apanhada, como, na legenda de outros povos, o Pássaro Azul ou a Maripôsa Amarela... A lição que de tal lenda decorre é que o bem e a beleza estão juntos, que o conteúdo e a forma, quando equilibrados e harmônicos, estão dotados de poder mágico, coisa que só os poetas, as crianças e aquelas boas almas simples chegam a perceber...¹⁵²

Ao analisar os contos da juventude, destacamos que o interesse de trazer as manifestações caipiras para dentro da literatura, não foi inédito nos escritos de Marins, mas foi antes preocupação de outros escritores e estudiosos do tema. Em se tratando de outro gênero e da década seguinte, há de se considerar algumas peculiaridades.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 23.

¹⁵² LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Recepção do acadêmico Francisco Marins. In *Revista da Academia Paulista de Letras*, 1966, op cit., p. 26.

Em primeiro lugar, *Nas terras do Rei Café* não traz exatamente uma renovação da temática rural nas histórias infanto-juvenis. Ao contrário, remonta ao universo rural idealizado presente na literatura infantil de Thales de Andrade, precursor do gênero e da temática rural para a infância no Brasil. E ao mesmo tempo, distante da perspectiva de Monteiro Lobato (embora temporalmente mais próximo), cujas preocupações foram do seu presente para o futuro. Em *Marins*, a temática também fazia referência aos problemas atuais pelos quais as pequenas propriedades estavam passando. Mas a abordagem histórica e a recuperação de certos valores aproxima-o mais dos primórdios da literatura infantil no Brasil. Em segundo lugar, a publicação do livro na década de 1940 coincidiu com a expansão do mercado do livro e um surto editorialmente bem sucedido inédito no país até então.¹⁵³

Marins foi considerado o escritor que mais vendeu livros infantis depois de Monteiro Lobato. E parece ter sido o criador da literatura do “Jeca”, o responsável pelo início da sua carreira literária. Em entrevista concedida ao *Jornal Folha da Manhã*, em 1956, o texto de Raimundo Menezes afirmou que “a literatura do Jeca, aquela dissecação, a talhos fundos, do ‘pobre parasita da terra’”, foi em parte responsável pelo desejo de, um dia, “retraçar a vida sertaneja e outros aspectos, que não aqueles que fazem do pobre homem opilado e esquecido uma ruína humana digna de comiseração”. Ao se referir ao início da sua produção literária, *Marins* fez a ponte entre o lugar em que passou a infância “um típico sítio paulista de caipiras e terras pobres, com casa de tabua, sem forro e sem vizinhos” e apontou para o seu futuro: “um vilarejo típico sertanejo, que daqui a cem anos será talvez tão pequeno como já foi há cinquenta anos atrás e ainda hoje é”.

– Está aí o começo. Primeiro achei que devia mostrar em artiguetes, que foram publicados no antigo suplemento infantil do “*Diário de São Paulo*”, as belezas da roça, em contraposição às críticas que eu via escritas, ‘ridicularizando’ o interior. Mais tarde, contando de viva voz aos meus companheiros da cidade as aventuras do menino roceiro, e notando o interesse que elas despertavam – resolvi pôr em letra de forma as proezas do meu bando de traquina; daí nasceram os livros infantis da série Taquara-Póca que são, assim, uma espécie de recordação daqueles dias de calças

¹⁵³ CAMPOS, A. L.V.. **A república do picapau amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 119.

curtas e pés no chão.¹⁵⁴

Ao mesmo tempo que as fontes indicam ter sido a concepção deturpada criada por Monteiro Lobato a respeito do caipira, “Nas terras do Rei Café” e os livros que completaram a série Taquara-Póca, apresentam inúmeras aproximações com o Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato. O capítulo seguinte trata destas aproximações e distanciamentos que conseguimos estabelecer entre os dois escritores.

¹⁵⁴ MENESES, Raimundo de. Francisco Marins começou a escrever a fim de mostrar as belezas da roça. **Como vivem e trabalham nossos escritores**. Jornal Folha da Manhã, São Paulo (capital). 10/jun/1956.

CAPÍTULO 3

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE MONTEIRO LOBATO FRANCISCO MARINS

3.1 Monteiro Lobato e Francisco Marins: aproximações e distanciamentos

Ao ler as histórias de Taquara-Póca não há como não perceber semelhanças com a literatura infantil de Monteiro Lobato. Assim como as histórias de Lobato desenrolaram-se no sítio do *Picapau Amarelo* a partir de 1921, com a publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado*, Marins narrou outras aventuras no sítio *Taquara-Póca*, a partir de 1945.¹⁵⁵

Lobato e Marins são estudados dentro de dois períodos distintos da literatura Infantil e Juvenil Brasileira. Lobato pertence ao Primeiro Período da Literatura Infantil (1920-1945), considerado didático moralista e, Marins, ao Segundo Período (1945-1960), na linha do Realismo documental. Embora os dois escritores não pertençam ao mesmo período convencionado pelos estudos literários, a obra dos dois escritores é apontada como didática e pedagógica, com vínculos com a escola. Mas não de caráter moralista, ponto de quebra já marcado por Lobato com seus antecessores.¹⁵⁶

A semelhança maior entre Lobato e Marins na produção destinada ao público infantil, é que ambos elegeram um sítio como lugar e espaço ideal. O sítio, iniciado por Thales de Andrade (1918), conforme afirmou Góes, “continuou sendo o espaço preferido, vinculado às relações familiares, que amalgamavam o elenco de personagens, servindo à temática comum na Literatura Infantil e Juvenil Brasileira.”¹⁵⁷

Mas para além do cenário escolhido para suas histórias infantis, há semelhanças também na escolha das personagens principais. Em

¹⁵⁵ A primeira narrativa em que aparece o sítio do *Picapau Amarelo*, *A menina do Narizinho Arrebitado*, foi publicada em fragmentos na *Revista do Brasil* em 1920 e em livro em 1921. Nela, já estava presente a Dona Benta e sua neta Lúcia. A partir daí todas as narrativas foram desenvolvidas neste espaço.

¹⁵⁶ Classificação presente em COELHO, N. N.. **A Literatura Infantil**. 4ª ed. rev., ao Paulo: Quiron, 1987.

¹⁵⁷ GÓES, Lúcia Pimentel. **Sonho, terra, homem: estudo da obra do escritor Francisco Marins**. São Paulo: Clíper Editora, 2004, p. 20.

Lobato, temos Pedrinho, Narizinho, Emília, Dona Benta, Tia Anastácia, o caboclo Pirambóia, Visconde de Sabugosa, Rabicó e o Saci. Em Marins, Dudu, Tiãozinho, Tico-tico, Vovô, Tio Juca, Sr. Pacheco (pai de Dudu), o caboclo Tibúrcio, Nhá Candoca, Burrinho Maracujá e o Curupira.

Tanto no Sítio do *Picapau Amarelo* como, posteriormente, em *Taquara-Póca* há uma criança que vem da cidade e vivencia experiências desconhecidas para alguém acostumado com a vida citadina. São os casos de Pedrinho e Dudu. Os dois sítios abrigam personagens do folclore brasileiro, principalmente o Saci Pererê, Curupira e o Anhangá.

Sobre a utilização do mito na literatura, o pesquisador Cláudio Henrique Salles Andrade observou que entre as inúmeras variantes existentes no repertório da tradição, o mito é um discurso que se apresenta como uma resposta a uma interrogação humana sobre o universo. Perplexo diante de certos fenômenos, “o homem interroga o universo e recebe deste uma resposta, e esta lhe aparece como uma resposta dada pelo próprio universo e não como um produto da razão humana”.¹⁵⁸ Desse modo, continua o autor:

O homem, ao aderir e integrar-se ao esquema de *relações projetado pelo mito*, o que faz é celebrar um pacto com as forças elementares e assim obter um ganho relativo de poder ao assumir um lugar previsto para ele num determinado esquema cosmológico.¹⁵⁹ (grifo meu)

Em Lobato, o saci foi escolhido para resgatar a mitologia do folclore brasileiro, transformado em livro, em 1921, ganhou destaque frente às outras figuras lendárias que figuraram em sua literatura. O mito do Curupira (ou Caipora, como também é conhecido) foi escolhido por Marins por estar associado a ele a idéia de proteção dos animais e das plantas. Menino disforme, mas cheio de bondade e com um grande poder sobre a natureza. O Curupira tornou-se um intermediário entre os humanos e a natureza, portador da mensagem de que a natureza pode ser compreendida e dominada desde que ela seja ouvida. Dotado de bondade, o Curupira só manifesta o seu lado mau quando a natureza, da qual ele é protetor, é ameaçada.

Resgatado do folclorista Couto de Magalhães, por não se fazer

¹⁵⁸ ANDRADE, C. H. S.. Leitura sociológica de um discurso camponês em chave literária. *Revista USP*, São Paulo, n° 56, dez/fev 2002-2003, p. 106-124, p. 115.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 116.

mais presente na literatura, Marins resolveu reavivar o mito como que numa resposta aos infortúnios vivenciados pelo sítio. O Curupira foi uma asserção do escritor no sentido apaziguador dos infortúnios por quais passava *Taquara-Póca*.

Nos dois sítios, fantasia e realidade entrelaçam-se nas possíveis soluções para os problemas que vão surgindo. A primeira semelhança sugere que para que a vida no sítio seja entendida, é preciso explicar, o que justifica a presença de alguém de fora daquela realidade. É preciso ter para quem explicar. A segunda semelhança também diz respeito às personagens do folclore brasileiro, o que remete a uma forma de manifestação oral da literatura infantil.¹⁶⁰ E quanto a fantasia e realidade se entrelaçarem na solução dos problemas, “as crianças se divertem muito mais com os animais que falam e agem como os homens que com os textos mais ricos de idéias.”¹⁶¹

Campos observou que o sítio de Lobato “é um lugar onde as coisas acontecem; tem um sentido geral de um espaço de experimentação, de soluções para problemas, de tomadas de decisões, e também de magia e utopia”.¹⁶² A vila do Tucano, onde está localizado o sítio do *Picapau Amarelo* é a metáfora utilizada por Lobato e que serviria de exemplo para o país. Com o aumento do número de habitantes, o sítio precisaria se modernizar e partir para atividades que trouxessem benefício ao povo da roça. O petróleo seria a principal alternativa para se chegar aos benefícios.

Segundo Campos, a partir da experiência dos anos passados nos Estados Unidos (Nova Iorque), Lobato “produziu um discurso acentuadamente industrialista onde as riquezas naturais, o trabalho eficiente e disciplinado, a siderurgia, o petróleo, o transporte e a criação de um mercado interno”, constituíram os “elementos norteadores de um projeto de progresso”.¹⁶³ Essa idéia está presente especificamente na personagem do caboclo Chico Pirambóia, do livro *O poço de Visconde* (1937). Neste livro, Pirambóia foi descrito como um “caboclo opilado”, paupérrimo, que depois da descoberta do petróleo se emprega numa companhia petrolífera e, com um bom salário, conseguiu melhorar de vida, transformando-se num possível empreendedor, pensando em fazer uma sociedade para abrir o seu próprio poço.¹⁶⁴ A partir daí, pode-se inferir que temos em Lobato um discurso industrialista.

¹⁶⁰ GÓES, Lúcia Pimentel. Op. cit, **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. Op. cit., 162.

¹⁶¹ BENJAMIN, Walter. Op. cit., p. 238.

¹⁶² CAMPOS, A. L. V.. Op. cit., p. 125.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 90.

¹⁶⁴ LOBATO, Monteiro. **O Poço do Visconde**. 21ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

Em Marins, existe uma grande propriedade ao lado de *Taquara-Póca* que aparece em constante ameaça pelo grande fazendeiro Zé Pedro. Para salvar o sítio das mãos do poderoso fazendeiro, as crianças vivem aventuras em busca de alternativas para assegurar o futuro de *Taquara-Póca*. A narrativa demonstra que, ao mesmo tempo em que o Brasil é apresentado como um país “essencialmente agrícola” fazia-se também necessário aderir a novas iniciativas que permitissem a sobrevivência da pequena propriedade. Marins permaneceu focado na sobrevivência da pequena propriedade e seu acesso à modernização. Uma vez devidamente modernizado, o campo poderia continuar sendo a alavanca para o país. Portanto, Marins está mais próximo de um discurso ruralista.

A observação de Campos para o sítio do *Picapau Amarelo* também é válida para *Taquara-Póca*. Em ambos os sítios, são testadas experiências para o seu desenvolvimento. Porém, em Lobato, o sítio permanece um local ideal, uma “Passárgada”, ao passo que em Marins, transparece a decadência da vida rural e seus sinais de agonia.

Remeter a tais semelhanças importa a esta pesquisa porque a maior parte dos estudos voltados para a literatura infantil e juvenil no Brasil focalizou a obra daquele que foi o pioneiro da literatura infantil no Brasil – Monteiro Lobato. Aliás, Mello já chamou a atenção para a lacuna no que se refere aos estudos sobre literatos, cuja produção se localiza entre a morte de Lobato (1948) e o surto criador e editorialmente bem sucedida dos anos 1980/1990.¹⁶⁵ Nesse espaço de tempo, foi, portanto, pouco analisada a obra de Francisco Marins.

Para além das semelhanças no que diz respeito à produção literária, também foi possível sinalizar semelhanças ao longo da trajetória intelectual dos dois escritores.

3.1.2 Sobre a trajetória intelectual e literária de Lobato e Marins

A trajetória intelectual e literária dos dois escritores também apresenta algumas semelhanças. Ambos cursaram a mesma Faculdade de Direito em São Paulo e fizeram parte da sua Academia de Letras. Escreveram para as mesmas revistas, tais como *Ilustração*, *O Malho*, *Arcádia*, entre outras.

Tanto Lobato como Marins investiram em diversos gêneros e foram *Best sellers*. Também contrapunham-se à linguagem “bacharelesca e artificial” que marcou a produção cultural do final do

¹⁶⁵ MELLO, F. A.S.. Op. cit., p. 11.

século XIX e início do século XX. Lobato sugeriu tirar das aspas dos neologismos, surgidos em função de novos imigrantes no país, para que as palavras “vestissem o figurino desta cidade” em seu livro *Emília no país da gramática*. Para Marins, o português arcaico, ou o dialeto caipira, deveria ser respeitado e registrado para permanecer vivo e enquanto um ponto positivo na nossa tradição cultural, sem deturpações, como fizeram alguns escritores da literatura sertaneja.

Ambos denunciaram a história oficial: Lobato a denunciou como sendo fruto de “relatórios tendenciosos”, cujo único objetivo era “a apologia do vitorioso” e à literatura caberia “deixar registrado para a posteridade, o sentimento, as emoções, a versão dos perdedores, daqueles que não podem deixar relatórios escritos”.¹⁶⁶ Em artigo publicado em 1938, Marins externou sua opinião de que seria mais válido estudar através de “romances históricos” que por meio “dos compêndios cacetes dos historiadores oficiais”.¹⁶⁷

Porém, o reconhecimento alcançado pelos dois escritores no início de suas carreiras teve suas diferenças. Lobato ganhou visibilidade no meio intelectual pelos primeiros artigos que publicara em notas de suplementos de jornais. O principal artigo responsável pela sua aparição no cenário literário foi *Velha Praga* (1914). A denúncia de Lobato teria ganhado crédito através do discurso pronunciado por Rui Barbosa, em 1919, no Teatro Lírico de Rio de Janeiro. Campos citou o discurso em que o jurista mencionou Lobato como “um admirável escritor paulista” e confirmou as suas críticas a respeito daquele “tipo de uma raça” que entre as “formadoras da nossa nacionalidade, se perpetua a vegetar de cócoras, incapaz de evolução e impenetrável ao progresso”.¹⁶⁸

Na ocasião do discurso, Rui Barbosa usou a figura do “Jeca” como exemplo da questão social e racial no Brasil. No caso de Lobato, de acordo com o artigo da pesquisadora Rose Pacheco, “os caipiras eram barrigudos e preguiçosos por motivos de doenças. Seres que tinham suas entranhas corroídas por um parasito adquirido por falta de higiene e saneamento básico”.¹⁶⁹

Já, Marins ganhou visibilidade e reconhecimento a partir de

¹⁶⁶ CAMPOS, A. L. V. Op. cit., p. 59. Ver também PASSIANI, E. **Na trilha do Jeca**: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 33.

¹⁶⁷ MESSEJANA, Francisco. [Francisco Marins]. **Paulo Setúbal**. O romancista e o Poeta. *Jornal Folha de Botucatu*, 24/02/1939. Consultamos o artigo original datilografado, que foi enviado ao jornal.

¹⁶⁸ CAMPOS, A. L. V. Op. cit., p. 17.

¹⁶⁹ PACHECO, R. E. P. N. **Jeca tatu**: A medicina de Monteiro Lobato, p. 2. Disponível em: <http://www.projektoradix.com.br/arq_artigo/VI_07.pdf>. Acesso em: 27/02/2010.

suas histórias infantis que foram publicadas pelas Edições *Melhoramentos*, inicialmente com *Nas terras do Rei Café* (1945). A publicação foi incentivada pelo educador e escolanovista, Lourenço Filho, por se tratar de um livro cuja temática foi considerada por ele pertinente ao momento pelo qual o país passava. A aproximação com o escolanovismo e seus mentores também pode ser apontada em Lobato. Assim como Marins teve uma estreita relação com Lourenço Filho, Lobato, amigo de Fernando de Azevedo, conheceu Anísio Teixeira.¹⁷⁰

Lobato e Marins tiveram uma conduta literária eminentemente pedagógica, didática e engajada. Tão engajada que em nenhum momento suas histórias, notas, artigos, contos e outras manifestações literárias, perderam de vista os problemas que o país enfrentava no momento em que escreviam. Ambos acreditavam no papel que literatura poderia desempenhar no sentido formador e construtivo na infância e, portanto, na construção da cidadania.

Lobato desempenhou uma função crucial na construção da literatura infantil brasileira. Foi fomentador da produção, difusão e circulação do livro. Conforme observou a pesquisadora Eliane Santana Dias Debus, exerceu também um papel fundamental na formação de um público leitor que referendasse o estatuto desse novo gênero que se anunciava.¹⁷¹

Marins também exerceu um papel fundamental nesse sentido tanto no exercício de editor, como também através das presidências da Câmara Brasileira do livro e das inúmeras visitas que fazia às bibliotecas e escolas para os bate-papos com seus leitores. Uma forma de aproximação com o leitor iniciada por Lobato.

O paralelo da trajetória dos dois autores sugeriu que ambos continham o objetivo político bem claro de contribuir para a formação de cidadãos, despertando nas crianças a curiosidade intelectual e atitude crítica.

Lobato foi apontado como um símbolo da resistência liberal-democrática ao Estado Novo (1937-1945). Sofreu a repressão da ditadura e teve seus livros queimados em pátios de colégios católicos

¹⁷⁰ Sobre a relação de Lobato com os escolanovistas, ver: NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 16, Jan/Fev/Mar/Abr/2001, p. 5-18. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE16/RBDE16_03_CLARICE_NUNES.pdf>. Acesso em: 27/02/2010.

¹⁷¹ DEBUS, E. S. D. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Itajaí/Florianópolis: Editora Univali e Editora UFSC, 2004, p. 17.

durante o Estado Novo.¹⁷² Seus livros foram recolhidos das bibliotecas públicas e escolas católicas. No caso de Marins, as publicações seguiram normalmente no decorrer das duas ditaduras (a do Estado Novo e a de 1964, momento em que publicava seus romances). Casos não muito comuns, em que escritores conseguem manter a publicação das suas atividades literárias.

O início das publicações dos dois autores, mesmo que em gêneros diferentes, foi marcado por uma notável diferença de visão em relação ao mundo rural e ao homem do campo. As primeiras publicações em forma de livro foram de literatura infantil. Já Lobato dedicou-se à literatura infantil quando já havia se tornado conhecido por seus artigos de jornais e, conseqüentemente pelas idéias polêmicas de “Jeca Tatu”.

Urupês foi o primeiro livro de Lobato que deu visibilidade às suas idéias e à obra que se seguiu. Pelo fato deste ser o livro mais mencionado nas pesquisas que relacionam a versão de Lobato ao homem do campo, optamos por fazer um contraponto entre a visão do caipira entre os dois escritores. A partir desse contraponto apresentamos no próximo item, a construção e reconstrução do “Jeca Tatu” na literatura em dois momentos da história brasileira.

3.2 A construção do “Jeca Tatu”: “dissecação, a talhos fundos, do pobre parasita da terra”

Em 1914, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou, na seção “Queixas e reclamações”, o artigo *Velha Praga*. Originalmente escrito em forma de carta, *Velha Praga*, mais tarde, juntamente com o artigo *Urupês* formaram a obra polêmica denominada sob o título de *Urupês*.¹⁷³

A personagem central era “Jeca Tatu”, um caipira que vivia na maior pobreza numa palhoça de madeira com uma mulher magra, filhos pálidos e doentes. Nos primeiros escritos de Lobato, “Jeca Tatu” surgiu como um representante da população rural nacional, ignorante, pobre e, principalmente, doente. A partir dessa publicação, Lobato deu início às

¹⁷² Os livros ainda foram perseguidos mesmo com o fim do Estado Novo, nos anos 50 com a publicação do livro de Padre Sales Brasil, intitulado “A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças”. Publicado em 1956, acusou Lobato de negar a hierarquia social, negar a indissolubilidade do casamento. Ver CAMPOS, A. L. V.. Op. cit., p. 124.

¹⁷³ As idéias mestras desses dois trabalhos já estavam delineadas pelo menos desde 1912. Sobre o início da formação das idéias principais em Lobato, ver LUCA, T. R.. “Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-apresentação n'A barca de Gleyre. In GOMES, A. M. C. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 141.

suas críticas e denúncias sobre as práticas agrícolas desses “tipos de agricultores”, iniciando o caipira na sua má fama nacional, como jamais alguém havia o feito antes. Considerando o caipira um ser parasitário, Lobato descreveu que o caipira estava para o solo brasileiro assim como o Argas o estava aos galinheiros ou o ‘Sarcoptes mutans’ à perna das aves domésticas.¹⁷⁴

[...]Nasce por mãos de uma negra parteira, senhora de rezas mágicas de macumba. Cresce. [...] Constrói lá uma choça de palha igualzinha à paterna, produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi. [...] ¹⁷⁵

A descrição desse sujeito que vivia a maior parte do tempo de cócoras e sem disposição para o trabalho, “pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma” veio ao encontro de todo um conjunto de representações que fazia parte de um imaginário elitista formulado em épocas anteriores. Segundo Sônia Regina Mendonça

Uma vez que a Abolição abriria caminho para configurar-se um mercado de trabalho – produzindo homens juridicamente livres e teoricamente dotados de mobilidade – o fundamento das representações acerca do atraso da agricultura deslocou-se [...] para o trabalhador do campo, corroborando a segmentação natureza X homem como fundamento de um projeto que visava atuar sobre este último, para adequá-lo às infinitas possibilidades daquela.¹⁷⁶

A consideração da autora torna a figura de “Jeca Tatu” exemplar na medida em que o caipira é entendido racialmente como um ser intrinsecamente incapaz e sem razão de ser. Sérgio Lamarão observou que a visão de Lobato a respeito do trabalhador rural foi fortemente condicionada pela imagem racista da população brasileira, comum a uma elite intelectual, da qual ele fez parte, formada no início do século XX. Baseada no binômio civilização-progresso preocupava-se em

¹⁷⁴ LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2007, p. 160. “Sarcoptes mutans” é um tipo ácaro responsável pela sarna sarcóptica que atinge, principalmente, as aves.

¹⁷⁵ Monteiro Lobato 1950a: 366. Carta de 20 de outubro de 1914, apud, LAMARÃO, Sérgio. “Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao ‘atraso’ brasileiro”. In **Lusotopie**, 2002/1, p. 55, disponível em <<http://lusotopie.sciencespobordeaux.fr/lamarao.pdf>>, consultado em 09/08/2009.

¹⁷⁶ MENDONÇA, Sônia R. de. **O ruralismo Brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 162.

construir uma nação moderna, livre dos traços "caipiras" predominantes no interior, mas também presentes na cidade.¹⁷⁷

Segundo o historiador Jó Klanovcz, Lobato também teria compartilhado da noção de "parasitismo" de Manoel Bonfim, na qual "o atraso da nação se devia aos parasitas caboclos, aos lavradores ignorantes, pobres, infelizes e, principalmente, doentes".¹⁷⁸ Acerca da questão sobre a noção de "parasitismo" de Manoel Bonfim, a pesquisadora Beatriz Anselmo Olinto, afirmou que Bonfim ganhou destaque a partir de 1905 com a publicação de *America Latina: males de origens (o parasitismo social e evolução)*. E este livro construiu uma visão original sobre a origem dos problemas dos países "neo-ibéricos" como o Brasil e seus vizinhos.¹⁷⁹ Escrito em Paris, em 1903, Bonfim buscou criticar a visão negativa sobre a América Latina com a qual se deparou no continente europeu. Seu livro, segundo a Olinto, foi uma resposta às teorias raciológicas que condenavam a América Latina ao "atraso" e "degenerescência" pela mistura de "raças".

Ao contrário das visões vigentes no período, Bonfim não diagnosticava os males da América Latina nas "raças". O mal era o "parasitismo" no sentido da exploração feita pelas metrópoles coloniais, elites locais e potências imperialistas, sobre as classes trabalhadoras, tomando para si as riquezas que essas últimas produziam, agindo como "parasitas" do trabalho alheio.¹⁸⁰ Em sua tese de doutorado, Kátia Baggio observou que

Bonfim considerava que a condenação da América Latina pelos europeus era fruto da ignorância e do interesse em explorar as riquezas do subcontinente. Este juízo condenatório tinha consequência perversa: assimilação, pelos próprios latino-americanos, desta visão negativista e a apropriação de concepções inaplicáveis à nossa história.¹⁸¹

¹⁷⁷ LAMARÃO, op. cit., p. 55.

¹⁷⁸ KLANOVICZ, Jó. O Brasil no mundo rural doente: a construção do agricultor na literatura em dois momentos da história brasileira (1914 e 1970) In **Luso-Brasílian Review**, vol. 44, nº1, p. 45-59. Visconsin, 2007, p. 46.

¹⁷⁹ OLINTO, B. A.. Através do Brasil: identidades e teoria da história (1910). In **Analecta**, Guarapuava, v. 7, Jul/Dez., 2006, p. 77-89, p. 78. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v7n2>>. Acesso em 28/02/2010.

¹⁸⁰ Ibidem, p 79.

¹⁸¹ BAGGIO, K. G. **A Outra América**: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. 1998. 224f.. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1998, p. 102-103, apud. OLINTO, B. A.. Op. cit., p. 79.

Mas, se já havia uma imagem do homem do campo comum a uma elite intelectual do início do século XX influenciada pelo pensamento europeu, ela foi reelaborada e ancorada também nas idéias de civilização-progresso por Monteiro Lobato.

O artigo *Por onde anda o Jeca*, publicado no dossiê Brasil Rural da *Revista da USP* vem ao encontro justamente da formação do “Jeca”, auxiliando-nos na compreensão desse processo de construção. Segundo Pereira e Queiroz, “Jeca Tatu” teria sido gestado nas zonas sertanejas do Vale do Paranapanema.¹⁸² Os autores chamam a atenção para o povoamento do Vale do Paraíba e o estilo de vida que lá havia, uma vez que foi a partir desse ambiente que o “Jeca” teria tomado forma. Na passagem do século XIX para o século XX, famílias com escravos e ex-escravos agregados migraram para as fronteiras de São João da Boa Vista (SP) e Caldas (MG) para o chamado “sertão”, sem se preocupar com os limites. Esses grupos familiares criaram um tipo de economia de subsistência e fechada em seus precários limites. Este cenário, rotulado como sertão, em que se movimentavam esses sujeitos sociais, na passagem do XIX para o XX, recebeu novos atores: os fazendeiros modernos, cafeicultores senhoriais em busca de terras férteis e descansadas para o plantio do café.¹⁸³

O Visconde de Tremembé, avô de Lobato, esteve entre estes senhores. Após sua morte, em 1911, Lobato herdou as terras da fazenda Buquira e tornou-se fazendeiro. Portanto, Lobato escreveu *Velha Praga* nos tempos em que tomou as “rédeas” da fazenda herdada do avô. O intuito de inseri-las no circuito moderno de produção e administração da agricultura, somado ao seu estreito contato com os caboclos/caipiras que trabalhavam em suas terras levou-o a afiar as palavras em *Velha Praga*. E é no ambiente da fazenda Buquira que Lobato registrou observações que foram reunidos em *Urupês*, obra que podemos denominar de marco inicial da polêmica e contraditória produção do escritor a respeito dos “tipos humanos” que lá trabalhavam ou “faziam de conta”.

No entanto, reduzir o “Jeca Tatu” a um mero desabafo do fazendeiro insatisfeito com o mau encaminhamento de seus negócios, conforme Leite é com certeza um engano. O “Jeca” muito possivelmente registra o pensamento de um setor considerável da oligarquia paulista no início do século, com ele ressoando ‘toda a

¹⁸² PEREIRA, J. B. B., QUEIROZ, R. S. Por onde anda o Jeca? In *Revista USP*, São Paulo, n° 64, dez/fev 2004-2005, p. 10-11.

¹⁸³ Abordagem encontrada em MARTINS, José de Souza. **O sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, especialmente o subcapítulo intitulado “A vivência da reforma e a gestação do sujeito” do primeiro capítulo.

insatisfação dos velhos fazendeiros paulistas que, artífices da República, consideravam-se lesados pela política em vigor’, assim como expressa uma atitude típica do evolucionismo, aqui sob a ótica pessimista, ao atribuir às classes mais pobres – onde se localizavam os mestiços – as deficiências do Brasil.¹⁸⁴ Originários deste cenário, Lobato tirou os ingredientes com os quais construiu o “Jeca-Tatu”.

Certamente a construção do “Jeca” vai além de concluir que a experiência de Lobato na fazenda Buquira tenha determinado a personagem. Por outro lado, se o escritor não tivesse passado por tal experiência, seus escritos sobre o petróleo e o progresso do Brasil poderiam ter sido escritos antes. Mas não vamos nos debater na verdadeira causa, é importante reconhecer que a perspectiva da criação do “Jeca” implica outros fatores que não somente sua experiência de vida.

Mas é possível indicar ser esse período, pouco mais de cem anos atrás, um dos momentos históricos de produção e reprodução social do “Jeca” ou da imagem do caipira.

Ao analisar a idéia de nação e de sertanidade na obra de Euclides da Cunha, Berthold Zilly argumentou que os letrados brasileiros do século XIX se viram diante de importante missão histórica: a de ajudar a construir uma nação civilizada.¹⁸⁵ Considerando que o Brasil, mesmo após a Independência, ainda não pudesse ser entendido como uma unidade nacional a fim de formar uma nação, competia aos letrados darem a sua contribuição nesse processo de formação do Brasil. Essa investida, Zilly caracterizou através de três objetivos: construir em solo brasileiro a nação, a civilização e o Estado.¹⁸⁶

Estes três aspectos estariam interligados na medida em que para que a Independência do Brasil estivesse garantida frente a outras nações era preciso lançar-se à civilização, tecnologia, ciência e administração modernas, conforme o exemplo da maior parte dos países europeus. Nessa missão civilizatória fazia-se necessário integrar o país ao capitalismo. A despeito de toda discussão que o termo “civilização”

¹⁸⁴ LEITE, S. H. T. A. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas.** A caricatura na literatura paulista (1900-1920). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996, p. 77.

¹⁸⁵ ZILLY, Berthold. “Nação e Sertanidade: Formação étnica e civilizatória do Brasil, segundo Euclides da Cunha”, In **Zwischen Literatur und Philosophie, suche nach dem Menschlichen.** Berlin: Wissenschaftlicher Verlag, 2000, p. 305.

¹⁸⁶ Zilly observou que, diferentemente do que ocorreu na maior parte de outros países europeus, onde a nação precedeu o Estado, no Brasil o Estado criou-se antes da nação, em 1822, ao passo que o processo de formação da nação até hoje não se concluiu.

implica, levaremos em consideração sua antiga dimensão ética política, significando, conforme Zilly

O polimento dos costumes, disciplinamento dos instintos, domaçaõ da rudeza e violência no trato entre as pessoas, melhoramento da civilidade e da urbanidade, um uso da palavra que não se pode dissociar da idéia dos valores universais e do progresso humanitário.¹⁸⁷

Essa dimensão da civilização certamente norteou o entendimento e as interpretações sobre o homem do campo por parte das elites agrárias que se auto-apresentavam em oposição ao brasileiro pobre e rural. Portanto, confirma a hipótese se que a descrição do “Jeca” presente nos primeiros escritos de Monteiro Lobato foi ao encontro de um conjunto de representações que fazia parte de um imaginário elitista do início do século XX.

A valorização do trabalho durante no início do Governo Vargas fortaleceu ainda mais o lado frágil e pouco saudável da personagem que passou a ser utilizada pela mídia, como também em propagandas de remédios, sobretudo no almanaque farmacêutico *Biotônico Fontoura*.

Em *Histórias e leituras de Almanques no Brasil*, Margareth Brandini Park procurou estabelecer a mudança de estatuto dos almanaques populares de farmácia e de seus leitores, recolocando-os enquanto leituras e leitores, no universo social das práticas de leitura. Segundo a pesquisadora, a tarefa dos almanaques farmacêuticos era da educação sanitária e moral do maior número de pessoas.¹⁸⁸ No contexto do Estado moderno, eles exerceram o papel de portadores de um projeto de reforma e de civilização identificado ao destino da nação ou da “raça”. O que justifica a infinidade de normas de conduta e conselhos que atravessaram diversos almanaques em diferentes épocas.

O almanaque *Biotônico Fontoura* traduziu esse objetivo com o folclórico “Jeca Tatuzinho”, ilustrado por Monteiro Lobato. Circulando entre almanaque, folhetos e livros para crianças, “Jeca Tatuzinho” encarnava o necessário progresso que faria do caboclo miserável e degenerado um cidadão são, instruído e útil.¹⁸⁹ O elixir da educação

¹⁸⁷ ZILLY, Berthold. Op. cit., p. 306.

¹⁸⁸ PARK, M. B.. **Histórias e leituras de Almanques no Brasil**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999, p. 108. Ver também PARK, M. B.. **Leituras de almanaques: O Cordãozinho e o Jeca**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio22.html>>. Acesso em: 25/06/2009.

¹⁸⁹ Através de propagandas envolvendo bom desempenho escolar, boa vontade, somado aos 9,5% de álcool, plantas aromáticas, Ferro e Fósforo, a autora relata que o primeiro almanaque

aparecia também no elixir *Biotônico*, indicado para consumo na idade escolar, associado às substâncias que impediam o desgaste físico e mental. Era distribuído nas escolas, junto com o Almanaque permitindo a Lobato capturar e produzir um público infantil via escola, onde ocorria não só a distribuição do almanaque como também de exemplares dos seus livros infantis.

Ainda, segundo Park, o jornal *O Estado de São Paulo*, que inaugurou a veiculação da personagem de “Jeca Tatu”, defendia o que considerava o motor do desenvolvimento para o Brasil, a união da indústria, da agricultura e do comércio que possibilitariam o progresso social e econômico, partindo da educação.¹⁹⁰

Em 1918, Lobato publicou *Urupês* caracterizando o caipira como um ser indolente e uma raça incapaz de evolução. Em meados do mesmo ano publicou *Jeca Tatu: a ressurreição*, onde, curado do “amarelão”, “Jeca” pôs-se a trabalhar com tal afinco que se tornou um próspero fazendeiro.¹⁹¹ No final deste mesmo foi publicado *Problema vital*, outra obra de Lobato que resultou de uma coletânea de artigos publicados também no *O Estado de São Paulo*. Publicada pela Sociedade Eugênica de São Paulo e pela Liga Pró-Saneamento do Brasil, a obra estava centrada na temática da higiene e saneamento. Para Lobato, o combate às doenças garantiria a constituição de uma nação moderna e civilizada. Essa obra, juntamente com *Jeca Tatuzinho* (1920), o garoto propaganda do Biotônico Fontoura que circulou nos Almanques, traduziu o objetivo de Lobato e consolidou sua revisão sobre homem o campo, repensando assim a concepção racista que norteou a concepção do “Jeca” entre os anos de 1914 e 1918. O “Jeca” seria assim em decorrência da doença e da má alimentação e não em decorrência da mestiçagem.

Em *Problema vital*, a ênfase caiu sobre a questão do trabalho, ou melhor, na “necessidade de se modernizar as relações de trabalho no país, através da melhoria das condições de vida da população rural,

do Biotônico surgiu em 1920. Entre 1930 e 1970 foram publicados uma média de três milhões de exemplares por tiragem. Os discursos medicalizantes, raciais e educativos interpenetram-se na tessitura dos escritos, como era comum a outros almanques.

¹⁹⁰ PARK, M. B.. **Histórias e leituras de Almanques no Brasil**. Op. cit., p. 113.

¹⁹¹ Essa nova perspectiva sobre a qual Lobato escreveu sobre o caipira estava ligada ao fato do escritor ter aderido ao movimento sanitário de Oswaldo Cruz. Esta história também foi adaptada para o Almanaque *Biotônico Fontoura*. Importante ressaltar que estamos nos referindo ao Monteiro Lobato dos anos 1914, período em que foi publicado em seu artigo *Velha Praga*. Ao longo de sua vida intelectual Lobato repensou e reescreveu suas idéias e posições em relação ao caipira/caboclo como também sobre outros tantos temas que o escritor se dedicou a escrever.

paralelamente à introdução de métodos disciplinares nitidamente tayloristas”.¹⁹² De acordo com o sociólogo Aluizio Alves Filho, no decorrer das décadas de 1910 a 1940, Lobato submeteu o “Jeca” a três metamorfoses.

Na primeira, ‘Jeca’ se encontra doente e desassistido pelo Estado. Na segunda transformação sofrida pelo personagem, ‘Jeca’ consiste em uma representação do Brasil agrário e rural, subdesenvolvido, em total descompasso com a tessitura urbano-industrial que tipificava os países que comandavam o cenário político e econômico internacional. Por fim, em sua última metamorfose, o ‘Jeca’ é convertido em Zé Brasil, arquétipo literário do trabalhador explorado e de um país submetido à espoliação internacional.¹⁹³

Estes valores que remetem ao progresso social e econômico, exaltados na década de 1920 ressurgiram no nacional-desenvolvimentismo da década de 40, com o governo de Getúlio Vargas.

Nesse mesmo período o “mundo rural”, tradicionalmente apontado como entrave ao desenvolvimento brasileiro, ressurgiu na literatura, na mídia e em outras formas de expressão artística, conforme apontaram Pereira e Queiroz, como vanguarda das iniciativas econômicas.¹⁹⁴

A partir dessa constatação, no IV e último capítulo focamos na análise do diálogo entre a literatura de Marins com os projetos maiores para o campo que circularam no âmbito do Estado e da elite nacional entre os anos 1938 e 1945.

¹⁹² CAMPOS, A. L. V.. Op. cit., p. 83.

¹⁹³ ALVES FILHO, Aluizio. *As Metamorfoses do Jeca Tatu*. Rio de Janeiro: Ed. INVERTA, 2003. 150 p; apud SILVA, Roberto Bitencourt da. O “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato: Identidade do Brasileiro e Visão do Brasil. In: **19&20** - Revista eletrônica de DezenoveVinte, v. II, nº 2, Abr/2007. Disponível em: <www.dezenovevinte.net/resenhas/jecatatu_rb.htm>. Acesso em: 27/10/2010.

¹⁹⁴ PEREIRA, J. B. B., QUEIROZ, R. S.. Op. cit., p. 8.

CAPÍTULO 4

A RECONSTRUÇÃO DO “JECA” E UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO

A positivação do campo e do homem rústico marcou fortemente a maneira de Francisco Marins se referir ao universo rural brasileiro. E não parece ter ocorrido de maneira gratuita na sua literatura, mas sim estar relacionada ao ponto de inflexão que essa positivação do homem do campo sofreu nos anos 1930. Momento em que se abandonou o projeto de “vocação agrícola” do Brasil para gradativamente postular um projeto de industrialização nacional.

Neste capítulo focamos no diálogo da sua literatura com os projetos maiores que intelectuais propuseram para o campo e que circularam no âmbito do Estado e da elite nacional no período do Governo de Getúlio Vargas.

Tanto os contos *Ritinha*, *Mulita* e ... *Antes tarde do que nunca*, como *Nas terras do Rei Café* foram publicados e difundidos no período compreendido entre 1938 e 1945 em que teve desenvolvimento o Estado Novo de Getúlio Vargas. Os contos foram publicados na imprensa local de Botucatu, mas *Nas terras do Rei Café* figurou entre os livros infantis mais vendidos no país em 1945.

Ao analisar a situação do mercado do livro no Brasil entre os anos 1938 e 1943, Sérgio Miceli apresentou um quadro contendo a produção das seis maiores editoras segundo o gênero literário. Em se tratando dos livros infantis, a Editora Melhoramentos respondia por 38% da produção, número quatro vezes maior que a Editora Globo, que aparece em segundo lugar na produção do gênero.¹⁹⁵

As primeiras edições de *Nas terras do Rei Café*, num período de dois anos e meio, tiveram 26.000 exemplares publicados e vendidos. Marins é considerado um dos escritores mais representativo do período pela sua produção e venda, como também pela sua permanência no mercado na área de literatura infantil.¹⁹⁶

Conforme mencionamos na introdução desta dissertação, a localização no espaço rural foi prática comum do gênero infantil no período. E a maior parte das análises sobre obras de literatos que concentram suas histórias no espaço rural que tivemos contato no decorrer da pesquisa, sugeriu a afirmação da apologia do rural em

¹⁹⁵ MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 153.

¹⁹⁶ MELLO, F. A. S.. Op. cit., p. 11.

contraposição ao projeto brasileiro em curso no período, do desenvolvimento industrial.

Segundo esta abordagem, a literatura, que elegeu o campo como o espaço da narrativa, estava preocupada em garantir a visibilidade de um mundo rural que estaria perdendo lugar em meio a discussões de modernização, advogando uma “causa de outra índole”, contrária ao movimento rumo à industrialização do país.

Os anos de 1930 é um dos períodos históricos mais visitados pela história contemporânea, especialmente pela História Cultural. Nestes anos, entre muitos aspectos, a historiografia apontou-o como um momento decisivo da afirmação do modo de produção capitalista. No caso do Brasil, Márcia Motta e Sônia Mendonça destacaram que a forte presença do Estado impulsionou a industrialização, como pré-condição da mudança do padrão de acumulação capitalista no país, mediante a instalação, com investimentos públicos, de indústrias de bens de capital e bens de produção.¹⁹⁷

Mas o campo, segundo as autoras, não foi deixado de lado, mas sim contemplado com “alguns ensaios de políticas voltadas para a educação agrícola, conquanto ainda não de forma sistemática, destinada ao que alguns autores denominaram de ‘incorporação simbólica’ do trabalhador do campo”.¹⁹⁸ O que indica que o campo também foi uma preocupação de intelectuais aliados ou não ao Governo Vargas que pensaram estratégias e projetos para a incorporação do campo e do homem rústico no projeto maior de desenvolvimento do país.

A afirmação do “abandono do campo” em contraposição ao projeto brasileiro em curso no período, do desenvolvimento industrial é uma idéia recorrente na historiografia sobre o período do Governo Vargas. Mas a análise de Francisco Carlos Teixeira da Silva sobre o Governo Vargas e a questão agrária, apresentou-nos um contraponto. Segundo este autor, os anos 1930 consolidaram parte substancial do imaginário que até hoje povoa a mente dos brasileiros sobre o seu passado rural e sobre a vida no campo. Silva afirmou que eles foram incorporados pelas colônias nacionais, como ideal da pequena propriedade como solução para o papel da agricultura no processo de industrialização.¹⁹⁹ Esta estratégia política visava combater o

¹⁹⁷ MOTTA, Márcia, MENDONÇA, Sônia R.. Modernização da agricultura. In MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da Terra**. Op. Cit., p. 307.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 307.

¹⁹⁹ Isto se evidencia no caso da experiência rio-grandense de colonização. Para Silva, o modelo gaúcho, que em decreto estabelecia áreas reunidas em pequenos lotes, mobilizou o imaginário popular, envolvido por eficientes campanhas de propagandas. SILVA, F. C. T. Op. cit., p. 118.

predomínio da política agro-exportadora e monocultora em benefício da interiorização do desenvolvimento, dentro da campanha que o governo denominou “Marcha para o Oeste”.

Para este “reajustamento” criaram-se controles administrativos que atuaram por meio de intervenção estatal. Um deles foi o incentivo à produção que se chocou com o ordenamento fundiário desigual e concentrador. Através das estratégias propostas no decorrer governo Vargas, Silva considerou ser possível buscar uma prova para a tentativa de articulação de seus objetivos, incluindo a política agrária desenvolvida entre os anos de 1930 e 1945.

Situa-se aqui uma importante discussão sobre a inclusão ou não do homem do campo nos projetos maiores para o campo no governo de Getúlio Vargas. Para o autor, a opção lógica era a construção de uma ampla base urbana e fabril e, a partir das cidades, conquistar o campo.²⁰⁰ E, pode-se inferir, conquista que não poderia prescindir dos componentes culturais, incluindo o debate em torno da educação.

Em sua reflexão sobre a ação pedagógica dos intelectuais no período de democratização, no final da década de 1940, Ângela de Castro Gomes considerou que a valorização do trabalho era promovida pelo Estado brasileiro desde a década de 1930, especialmente, entre 1937-1945. A educação voltada para formação do trabalhador foi indispensável na associação das idéias políticas entre trabalho/riqueza e trabalho/cidadania.²⁰¹

O modelo educacional, portanto, estava em estreita relação com o modelo da fábrica, o que indica também uma estreita relação entre os educadores profissionais e a consolidação da lógica burguesa de organização e desenvolvimento da sociedade. Forjava-se assim a elaboração positiva do trabalhador nacional.

Neste contexto, o uso de imagens positivadas do homem do campo e de seu trabalho também surgiu como forma de incorporá-los à política nacional. Silva afirmou que

o papel do campo no projeto maior de modernização varguista seria plenamente atendido; não seria possível garantir a modernidade industrial sem respostas efetivas ao campo. Porém, a capacidade de incorporá-lo, nos mesmos moldes que a cidade era ainda, restrita, levando o Estado a optar, num primeiro momento, por uma incorporação – e não

²⁰⁰ SILVA, F. C. T. Op. cit., p. 116.

²⁰¹ GOMES, A. M. C.. **História e Historiadores**: a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

pele abandono – *imaginária do trabalhador rural*.(grifo meu)²⁰²

O campo e o homem rústico foram tomados, assim, como objetos naturais do projeto de governo e, ao contrário do que se afirmou comumente, não estavam ausentes das preocupações do Estado nos anos 1930 e 1940. O campo deixou de ser tratado como uma atividade natural, aquela que remetia a um país “essencialmente agrícola”, passando a ter uma função no programa de desenvolvimento nacional. Com isso o campo e seu homem passaram a ser vistos e tratados como um problema, uma questão que também tinha o seu lugar e deveria ser atendida para que houvesse o desenvolvimento pleno do país. E como fazer com que o campo colaborasse neste processo de desenvolvimento nacional?

A resposta básica do Estado foi a intervenção estatal, que ocorreu no setor industrial, na legislação trabalhista e também na imprensa. Neste caso, em que levantamos a hipótese do diálogo da literatura de Marins com os projetos maiores que intelectuais propuseram para o campo, focamos no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Criado em 1939, o Departamento DIP foi incumbido de difundir amplamente a imagem do novo regime (1937-45), através da promoção da figura de Vargas, das ações promovidas pelo Estado e da produção e divulgação das notícias oficiais. Dividido em cinco seções (propaganda, radiodifusão, cinema e teatro, turismo e imprensa), a centralidade da seção de imprensa tornava-a a principal produtora dos discursos que deveriam ser transmitidos aos demais meios de comunicação.²⁰³

Um exemplo foi a revista *Cultura Política*. Publicada regularmente no período de março de 1941 a fevereiro de 1945, esta revista foi uma das mais importantes publicações oficiais do Estado

²⁰² SILVA, op. cit., p. 116.

²⁰³ Sobre o papel da radiodifusão e da imprensa escrita, ver TOTA, Antônio Pedro. **Locomotiva no ar: Rádio e Modernidade em São Paulo – 1924-1934**. São Paulo, Secretaria do Estado de Cultura/PW, 1990; SAROLDI, L. C.; MOREIRA, S. V.. (Org.). **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984; MURCE, R.. **Bastidores do rádio**. Rio de Janeiro: Imago, 1976; GOMES, A. M. C.. **História e Historiadores**. Op. cit., especialmente o capítulo “O Estado Novo e a recuperação do passado brasileiro” em que a autora faz uma análise das publicações da revista *Cultura política*; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982; FIGUEIREDO, Marcus. **1968. Cultura Política: revista teórica do Estado Novo**. In: Revista **Dados**, Rio de Janeiro, Iuperj, nº 4; CAPELATO, M. H. R.. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papius, 1998, p. 48.

Novo.²⁰⁴ A historiadora Mônica Pimenta Velloso observou que

O mundo das letras - personificada em Machado - passa a representar a parte falsa do Brasil. [...] A valorização do mundo rural é concomitante à desqualificação do universo urbano. Nesse contexto de valores, escolher a cidade como temática significa dar as costas ao ‘Brasil real’. Como a maioria dos escritores cariocas, Machado se inclui entre os autores que optam pelos temas urbanos, tomando como cenário a rua do Ouvidor, os salões aristocráticos de Botafogo ou os subúrbios humildes. A revista *Cultura Política*, não desprezando o mérito de tais escritores, *lamenta que negligenciem a ‘nobreza de suas raízes rurais’*.²⁰⁵ (grifo meu)

A Revista *Cultura Política* exprimiu o pensamento do regime e divulgou o projeto político-ideológico do Estado Novo. Escreveram nesta revista especialistas e intelectuais que, em sua maioria, correspondiam às coordenadas do discurso que foram dadas por aqueles que se vincularam diretamente à elaboração de projetos do Estado Novo em nível teórico e institucional.

Em relação às questões agrícolas, a revista realçava a obra da União no sentido de forçar um abandono da monocultura e de se revolucionarem os métodos de cultivo da terra. Descrevia-se, por exemplo, a mobilização dos técnicos, que deveriam ensinar os homens do campo.²⁰⁶

Mas estas estratégias, em sua maioria, basearam-se nos padrões de produção e de vida urbano-industriais marcando ainda mais as diferenças entre o campo e a cidade. O próprio educador Lourenço Filho, que foi fundamental para a visibilidade da literatura infantil de Marins e que atuou na formação de professores para o ensino técnico rural, enxergava a necessidade de um ensino profissionalizante, que fomentasse a produtividade no campo.

O objetivo principal do que se chamou “ruralismo pedagógico”, consistiu em valorizar o homem do campo, educá-lo e fixá-lo à terra em que vivia. Adaptá-lo, portanto, ao seu meio.²⁰⁷

²⁰⁴ A *Cultura Política* era de caráter mensal, mas passou a trimestral nos últimos três exemplares, em 1945.

²⁰⁵ VELLOSO, M. P. A literatura como espelho da nação. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n° 2, 1988, p. 244.

²⁰⁶ GOULART, Silvana. Op. cit., p. 117.

²⁰⁷ PRADO, A. A. Intelectuais e educação no Estado Novo (1937-1945): o debate sobre a

O “ruralismo pedagógico” é apontado como uma tendência de pensamento articulada por alguns intelectuais que formularam idéias que já vinham sendo discutidas desde a década de 1920 e que consistiam na defesa de uma escola adaptada e sempre referida aos interesses e necessidades hegemônicas no setor rural. Esse pensamento privilegiou o papel da escola na construção de um “homem novo”, adaptado à nova realidade brasileira e de uma relação “homem rural/escola” pretensamente nova.²⁰⁸

Na concepção de Lourenço Filho, o problema da educação rural era de natureza complexa e não poderia residir no apenas no anseio de fixação do homem do campo ao seu meio. Sugeriu que para que houvesse “boa solução”:

o problema deveria exigir medidas de muito maior envergadura: reforma do regime agrário; desenvolvimento não só dos serviços de fomento da produção agrícola como de distribuição de crédito e defesa da produção; melhoria das vias de comunicação e serviços de assistência; serviços de educação de adolescentes e adultos analfabetos; “missões rurais” com o emprego de processos técnicos modernos de difusão, como os do cinema; e, enfim, melhoria das instalações escolares, construção de casas de residência para os professores, organização regional de sua formação, com atenção às necessidades gerais de vida em cada ambiente.²⁰⁹

Ensinar às crianças, “rudimentares técnicas agrícolas e de defesa da saúde”, não era o suficiente. Para Lourenço Filho, a educação rural deveria ser posta em prática imbuída de um sentido mais amplo, de estruturação social e “de levantamento do nível cultural, moral e

formação do professor primário rural. In: Revista **Teias** (Rio de Janeiro) v. 01, 2000, p. 9. PRADO, A. A. Ruralismo Pedagógico no Brasil do Estado Novo (1937-1945). In Revista **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, 1995, n° 4, p. 5-27.

²⁰⁸ Ibidem, p. 9.

²⁰⁹ LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **A formação de professores:** da Escola Normal à Escola de Educação. Organização: Ruy Lourenço Filho. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001, pp. 84-87. Também disponível no site <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/colecao_lourencofilho4_213.pdf>, consultado em 04/11/2009. Sobre o a atuação de Lourenço Filho no ensino técnico rural ver também SOUZA, C. M. “Discursos Intolerantes: Educação Rural e a Representação do Camponês Analfabeto”. In **Histórica**. Revista Eletrônica do Arquivo do Estado. Imprensa Oficial: Ed.03, julho de 2005. Disponível em <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao03/materia02/rural.pdf>>. Acesso em: 04/11/2009.

cívico”.²¹⁰

As idéias apresentadas por Lourenço Filho foram amplamente debatidas nos trabalhos de duas conferências: na I Conferência Nacional de Educação, reunida pelo Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, em 1941, e no VIII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia (1942), por iniciativa da Associação Brasileira de Educação.

Ao analisar o VIII Congresso de Educação, ocorrido no ano de 1942, a pesquisadora Aldonia Antunes Prado observou que o seu principal objetivo foi “examinar os problemas da educação primária fundamental da população brasileira, principalmente os relacionados com as zonas rurais e sugerir, quanto aos mesmos, diretrizes e soluções”.²¹¹

A Comissão Executiva do Congresso foi constituída de 28 membros, entre os quais estavam Artur Torres Filho e Lourenço Filho. O primeiro, filho de Alberto Torres, é considerado o principal articulador ideológico da noção de que o Brasil seria uma nação de vocação eminentemente agrária.²¹² O congresso contou ainda com uma Comissão de Honra, composta pelo presidente da República e pelos ministros de Estado; a Comissão Patrocinadora Nacional, composta por figuras eminentes das diversas unidades da Federação, como interventores, reitores de universidades e dirigentes de institutos e departamentos da burocracia estatal, ligados ou não à educação, além de personalidades com visibilidade nacional, como Cândido Rondon, Fernando de Azevedo, Lafaiete Cortes, Sud Mennucci, Frota Pessoa, Odilon Braga, Branca Fialho, entre outros.²¹³

Prado destacou que a propaganda do congresso foi feita de maneira maciça pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, em todo Brasil.

O ensino rural foi discutido em pleno desenvolvimento da campanha “Marcha para Oeste” e criou uma oportunidade privilegiada para a reunião de intelectuais ligados ao governo, com diferentes níveis de responsabilidade e de compromisso oficial, bem como de

²¹⁰ PRADO, A. A.. Op. cit., p. 88-89.

²¹¹ Ibidem, p. 7.

²¹² Sobre a atuação de Alberto Torres ver PRADO, A. A. . *Ruralismo Pedagógico no Brasil do Estado Novo (1937-1945)*. In Revista **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 1995, n. 4, p. 5-27.

²¹³ Ibidem, p. 7.

professores, técnicos em educação, entre outros.²¹⁴

O “ruralismo pedagógico” se fez presente no universo de representações e preocupações dos dirigentes políticos e dos intelectuais como produto ideológico de grupos interessados na questão rural, entrelaçada que estava aos campos da política demográfica, da segurança nacional e da colonização interna. Nessa arena de discussões, a educação assumiu um caráter estratégico.²¹⁵

A análise de Prado acerca do deste Congresso de Educação sugeriu-nos que os debates educacionais do início dos anos 1940, o tema da valorização do homem rural exemplifica as idéias sobre as quais o “ruralismo pedagógico” construiu sua ideologia, envolvendo educação, intelectuais e política do Estado.

Por meio da escola, seria também necessário reforçar a valoração negativa de situações e características da vida rural brasileira, que remete à rusticidade implícita no modo de vida do homem do campo. O paradigma da nova escola rural incluía “o exorcismo da antiga escola e de um passado que se considerava extinto com a inauguração do Estado Novo”.²¹⁶ Era preciso manter o trabalhador no campo e socializá-lo de acordo com o pensamento político hegemônico. Nacionalizá-lo, portanto, por meio da educação, que constituiu um elemento estratégico privilegiado.

Em conferência pronunciada em 1957, Antonio Candido argumentou que a educação vinha enfrentando as desarmonias da sociedade moderna, entre elas, frisou a dicotomia campo/cidade, “como universos sociais e culturais diferentes, gerando dois tipos contraditórios de existência e repercutindo na esfera educacional”.²¹⁷ Partindo do

²¹⁴ PRADO, A. A. Op. cit., p. 1. “Marcha para o oeste” foi um programa, lançado por Getúlio Vargas em 1/5/1941, preocupado em empreender uma política de interiorização, de conquista e colonização das regiões interioranas do Brasil. Seu objetivo declarado foi ocupar espaços políticos e econômicos, buscando suprimir terras desocupadas, levando as fronteiras econômicas até as fronteiras políticas. Na definição de Vanderlei Ribeiro, o Estado buscou expandir a colonização na área através de algumas ações como também fazer levantamentos para a construção de estradas e a expansão da agricultura. Na prática, o programa teve poucos resultados, mas o imaginário da Marcha ficaria imerso na cultura política brasileira. Portanto, muito mais do que um programa de ação governamental, a marcha foi um discurso, uma idéia que mobilizou por décadas tanto o imaginário popular, quanto a visão idílica de muitos líderes políticos. A marcha, afirmou o autor, foi mais um discurso ideológico usado normalmente para atrair a simpatia popular para os governantes, sob o slogan de “Rumo a Oeste”. Ver: MOTTA, Márcia. **Dicionário da Terra**. Op. cit., p. 288-289.

²¹⁵ PRADO, A. A.. Op. cit., p. 8.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 9.

²¹⁷ CANDIDO, Antonio. As diferenças entre campo e cidade e seu significado para a educação. In **Pesquisa e Planejamento**, ano I, nº 1, São Paulo, junho de 1957, p. 55. A Conferência foi promovida pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo.

pressuposto de que a divisão do trabalho conduz à divisão entre campo e cidade, Candido afirmou que estes dois tipos de existência implicariam dois tipos diferentes de participação na vida cultural, conforme os grupos fossem mais ou menos capazes de multiplicar e satisfazer necessidades.

Portanto, são dois modos diferentes de vida e em essência, contraditórios no modo de participação na vida social e cultural, fazendo com que o progresso técnico e intelectual se distribuisse de maneira irregular e desequilibrada nos dois setores.²¹⁸ E que, dessa forma, nos momentos de urbanização intensa, acentuam a diferença entre a vida no campo e a das cidades, dando lugar a manifestações ideológicas que exprimem os ajustamentos e desajustamentos em relação a uma e a outra.

Na medida em que a incorporação do homem rural à esfera cultural e social da civilização urbana implica, necessariamente, em países sub-desenvolvidos, como o nosso, modificações profundas na estrutura social e econômica, vemos surgirem ideologias em defesa destas, sob os mais vários aspectos e intuitos, inclusive os mais honestos do ponto de vista formal e psicológico.²¹⁹

Candido referiu-se a certos aspectos dos movimentos ruralistas e do ruralismo pedagógico, que seriam manifestações daqueles “mitos da idade do ouro”, tão ocorrentes nos períodos de urbanização intensa. Neste caso, o ruralismo diz respeito tanto a uma política agrária quanto a uma contrapartida ideológica, fomentada e reproduzida por meio da montagem de um sistema de ensino agrícola, considerada capaz de atuar sobre o campo e o seu homem, transformando suas maneiras de pensar e agir.²²⁰

No Brasil, segundo o autor, houve um enorme saudosismo, “consistente na afirmação de que o campo é o ambiente ideal para a formação dos homens saudáveis e retos, dos grupos harmoniosos, incontaminados pelo artificialismo das cidades”.²²¹ O campo seria uma espécie de reserva de homens com que poderia contar a nacionalidade, devendo fazer tudo para dar aos seus moradores um tipo de assistência

²¹⁸ CANDIDO, Antonio, As diferenças entre campo e cidade e seu significado para a educação. Op. cit., p. 58.

²¹⁹ Ibidem, p. 62-63.

²²⁰ MENDONÇA, Sônia R.. **O ruralismo brasileiro**. Op. cit., 10.

²²¹ CANDIDO, Antonio. As diferenças entre campo e cidade e seu significado para a educação. Op. cit., p. 63.

que os fizesse indiferentes aos atrativos da cidade. Por isso, o papel da educação seria fundamental, especialmente o ensino técnico rural. Segundo a observação do autor,

Daí já se ter cogitado e mesmo parcialmente executado um programa de formação específica do professor rural, como categoria estanque, vinculado ao meio rural e funcionando no sentido de melhorar o ajustamento dos trabalhadores rurais. Sob este aspecto, o ruralismo pode ser tipo de justificação ideológica que, em vez de conduzir o educador para a plena consciência da contradição campo-cidade e a disposição de superá-la intensificando a urbanização (no sentido amplo, não no de migração rural), contribui para mantê-la, estabelecendo uma espécie de estabilização do estado de privação em que se encontra o homem rural frente aos benefícios da civilização urbana. A diferença é vista como desarmonia pelo avesso, isto é, no sentido de que o homem da cidade é privado dos benefícios trazidos pela vida no campo; e o reconhecimento da desarmonia, em vez de conduzir à sua análise como contradição, leva apenas ao desejo de fixar uma dicotomia, reputada **natural**.²²²

Possivelmente esse tipo de ensino no campo voltado para o campo, cujo principal objetivo foi a fixação do homem rústico em seu meio, contribuiu para fixar ou talvez aumentar as diferenças entre o mundo rural e urbano no país. E com isso comprometer um modo de vida e as manifestações da cultura caipira que Francisco Marins elegeu como tema no decorrer da sua carreira literária.

A importância atribuída à educação rural nos anos 1930 e 1940, estudada por Prado e observada por Candido, levou-nos a enxergar uma afluência no debate sobre a formação do professor rural decorrente de uma consciência preocupada com o papel da escola e da escolarização no Brasil naquele período. E ainda, coerente com as políticas mais amplas de construção de um capitalismo moderno no país e de criação de um consenso em torno das práticas políticas do Estado Novo. A “realidade” do homem do campo foi pautada na necessidade de ele ser um trabalhador cordato e disciplinado, desejo de produzir mais e melhor e sobretudo infenso à fantasia urbana.²²³

Apesar de Marins ter sido influenciado por Lourenço Filho, pois

²²² CANDIDO, Antonio. As diferenças entre campo e cidade e seu significado para a educação. Op. cit., p. 63.

²²³ PRADO, A. A.. Op. cit., p. 13.

na época acreditava ser necessário seguir “os mestres do seu tempo”, observamos que Marins orientou sua literatura no sentido inverso. Ao contrário do que pregaram os representantes do ruralismo pedagógico, no intento de atribuir um significado da educação para o campo, a literatura de Marins é portadora de um significado do campo para a educação na qual se fez presente a ressignificação do “Jeca”.

A obra de Marins pode não estar diretamente relacionada aos projetos maiores para o mundo rural. Mas foi publicada e difundida num período em que intelectuais aliados ou não ao poder pensaram estratégias e projetos para a incorporação do campo e do seu homem no projeto maior de desenvolvimento. Dialogou, portanto, com visões de intelectuais e letrados, de uma elite dirigente do país num momento em que a questão atraso/progresso orientou as discussões a respeito da identidade nacional entre outras.

A articulação dos valores do homem do campo com vistas para a educação configurou a sua abordagem sobre o mundo rural. Se aproximando do saudosismo observado por Candido, que via no campo “o ambiente ideal para a formação dos homens saudáveis e retos, dos grupos harmoniosos, incontaminados pelo artificialismo das cidades”.

²²⁴

Tanto nos contos como em “Nas terras do Rei Café” observamos também uma contradição proposital. Ao mesmo tempo em que o Brasil é apresentado como um país “essencialmente agrícola”, imediatamente são anunciados os problemas por quais passavam as propriedades. A ruralidade impregnada nas histórias de Marins está relacionada ao universo das pequenas propriedades rurais, sobretudo, àquelas que experimentaram momentos de crise da produção.

A descrição do espaço rural e da vida cotidiana do homem do campo não consiste apenas em promover o espaço rural, mas foi também uma crítica do escritor à ausência de políticas agrícolas efetivas ao longo do governo de Getúlio Vargas. Fosse Rio Turvo ou a “fazendola” da qual fugiu Mulita, fosse Pratânia, onde permaneceu a Prima Rita ou o sítio Taquara-Póca, os problemas e desafios que as pequenas propriedades teriam que dar conta configuraram o rural e a ruralidade da literatura de Marins.

A adesão ao sistema capitalista moderno de produção foi defendida por Marins e aparece em frase como o “Brasil precisa se modernizar”. Mas a valorização dos elementos arcaicos, tais como

²²⁴ CANDIDO, Antonio. As diferenças entre campo e cidade e seu significado para a educação. Op. cit., p. 63.

combater a broca com outro inseto para salvar o café, ao invés do uso dos famosos pacotes NPK, indica a preservação de uma cultura da terra típica das pequenas propriedades rurais da qual o caipira é portador ou “guardião das tradições”.

A ruralidade presente na concepção do mundo rural e do caipira nas primeiras histórias de Marins atuou e atua como uma forma de apresentar o próprio Brasil no seu aspecto rural. A vida do caipira marcada pela rusticidade e os comportamentos estimulados e descritos nas suas histórias seriam uma forma de atingir essa preservação via canal da educação.

Segundo José de Souza Martins, continuamos a pensar o homem do campo e o da cidade como fazendo parte de duas populações distintas ou divididas por um intransponível abismo.²²⁵ O autor questionou a concepção corrente da suposta ignorância das nossas populações do campo ou originárias dele. Em consequência disto, a idéia de educação rural e o caráter e a concepção corretiva da educação rural e de outras modalidades de intervenção rural. Para o autor, a ignorância das populações do campo só o é por uma perspectiva reducionista e pobre, “nossa sociedade, de fato, há muito declarou uma guerra contra a cultura das populações do campo a pretexto de educá-las e libertá-las da ignorância e de trazê-las à força para a civilização urbano-industrial”.²²⁶ E ainda:

Se nos dias atuais é difícil, ou quase impossível, encontrar o caipira real, ele sobrevive, contudo, e bem forte, no imaginário nacional, popular ou não, urbano ou rural. Tal sobrevivência se dá via mecanismo em que se misturam o ridículo e o idealizado, compondo o perfil de um caipira caricatural.²²⁷

Esse imaginário foi, e continua sendo, alimentado de diversas formas se perpetuando ao longo dos tempos e dos espaços. Idealizado como um elemento “autêntico”, depositário das tradições genuinamente brasileiras, o caipira acabou encontrando, a despeito de seus traços rústicos, um lugar na galeria dos símbolos nacionais. Em que a literatura de Marins também fez parte da sua construção.

A preservação nacional em Marins está ligada à preservação da

²²⁵ MARTINS, José de Souza. Cultura e educação na roça, encontros e desencontros. In: **Revista USP**, nº 64, dez/fev 2004-2005, p. 30.

²²⁶ *Ibidem*, p. 30.

²²⁷ PEREIRA, J. B. B., QUEIROZ, R. S.. Op. cit., p. 12.

cultura caipira, do meio-ambiente e da história. É isto que suas histórias sugerem. Preservar é impedir que a influência da vida citadina destrua o folclore brasileiro; é proteger a fauna e flora, com a ajuda do Curupira; é relembrar a história do país e não permitir que este modo de vida seja esquecido. Além disso, preservar o Brasil rural significava ainda impedir que transformações ocasionassem o desaparecimento de uma determinada visão de Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução desta dissertação remetemos à personagem de “Jeca Tatu”, criada por Monteiro Lobato, em 1914, como a responsável pela perda do referencial do próprio indivíduo sobre o qual foi inspirada e caricaturada: o caipira.

A literatura do “Jeca” foi, em grande parte, responsável por um dia Marins querer retratar a vida sertaneja em outro sentido, ressignificando o mundo rural e o homem do campo, estigmatizado como atrasado e ignorante.

Marins começou com os contos. O primeiro deles, *Ritinha*, foi premiado pela revista *O Malho* do Rio de Janeiro (1938). Entusiasmado, o escritor passou a escrever outros contos e publicar na imprensa de Botucatu. Em seguida escreveu *Mulita* e *Antes tarde... do que nunca*. Mas foi em 1945, com seu primeiro livro infantil, *Nas terras do Rei Café*, que Marins ganhou visibilidade no campo literário. Indicado como “excelente recurso para o aperfeiçoamento da linguagem”, pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o livro foi inserido no mercado do livro didático, promissor nos anos 1940. E foi, principalmente, através dele que veiculou a concepção de Marins acerca do mundo rural e do caipira.

Para a análise da abordagem da concepção do mundo rural e do caipira ao longo das primeiras produções literárias de Marins e do seu diálogo com os projetos maiores que intelectuais propuseram para o campo no período do Estado Novo de Getúlio Vargas, dividimos a dissertação em quatro capítulos.

Através da trajetória de Marins, que tentamos apresentar num esboço biográfico, identificamos aspectos que nortearam a sua ressignificação acerca do universo rural. A entrevista realizada com o escritor sugeriu-nos que seu pai havia incorporado um discurso em negativo sobre a própria identidade caipira. Verificou-se que Marins reivindicou posteriormente essa identidade caipira em um sentido positivo e foi a partir dela que orientou a sua concepção sobre o campo e o seu homem. No depoimento de Marins foi possível perceber uma percepção do escritor sobre si mesmo como também um esforço de articular a sua memória com a história, com aquilo que foi exterior à sua vivência individual.

Nos primeiros anos da Faculdade de Direito, e da Academia de Letras, Marins respondeu a um inquérito organizado pelos acadêmicos da Faculdade criticando a escola do *Porque me ufano do meu país*, obra de Afonso Celso. Para o escritor, esse tipo de literatura pretensa em

engrandecer a nação, escondia os problemas reais pelos quais o país passava. Esta preocupação de não se ufanar, mas de trazer à tona os problemas da vida brasileira era também, para Marins, uma responsabilidade dos homens de letras.

No ambiente da Editora *Melhoramentos* Marins conheceu Lourenço Filho, editor chefe no período, que fazia a revisão de todos os livros infantis antes de serem publicados. Marins inscreveu *Nas terras do Rei Café*, seu primeiro livro destinado às crianças e também a primeira história que trouxe o sítio Taquara-Póca para a Literatura Infantil Brasileira. O incentivo à publicação do seu primeiro livro somado ao histórico de publicações nesta editora permitiu-nos inferir que, assim como Lourenço Filho colocou em prática suas estratégias de intervenção cultural através do livro, Marins reivindicou posteriormente este projeto pedagógico para sua obra. A concepção acerca do mundo rural que se formou nos primeiros anos da sua carreira literária e foi levada adiante, com as publicações seguintes, estava vinculada ao projeto literário em que a literatura não era apenas arte, mas serviria de objeto formador de que o escritor se valeu para atingir tanto o público a que se destina o livro, como ao tipo de mercado.

Tanto no ambiente das academias de letras como no da *Melhoramentos*, locais de sociabilidade de intelectuais, Marins teve reconhecimento como um “homem de letras”, o que contribuiu para o reconhecimento da sua literatura também. Em 1960, Marins assumiu o cargo de Editor chefe da *Melhoramentos*, no qual permaneceu até o ano de 1978. Em paralelo ao cargo de editor, desenvolveu inúmeras atividades ligadas à política, ao comércio, à divulgação e à editoração do livro, como também aos direitos autorais, entre outras. Mas as experiências de infância e o ambiente da terra natal, Pratânia, relatados em depoimento, permitiu-nos a aproximação do “vivido”, que, em parte, informaram a sua literatura.

No segundo capítulo focou-se nas manifestações da cultura caipira. *Ritinha, Mulita e Antes tarde... do que nunca*, foram os três primeiros contos escritos por Marins nos quais já estavam esboçados alguns episódios, personagens e temas que o autor recuperou posteriormente tanto na produção infanto-juvenil, na década de 1940, como também nos seus romances, publicados a partir dos anos 1960. Nos três contos identificou-se entremeados na norma culta da língua, o dialeto caipira. Como também o uso da terminologia própria da lida rural e da caracterização dos animais e das plantas. Mas o uso do dialeto está respaldado no estudo de Amadeu Amaral, seguindo alguns padrões de fixação da linguagem caipira que tem o seu correspondente no

português arcaico e não em qualquer variação do uso.

A descrição das personagens ao longo dos contos demonstra os sinais da vida difícil e sofrida daquele tempo. O homem que vive no campo não aparece ligado simplesmente a qualquer mundo. Mas ligado “visceralmente ao trabalho rural”, indicando toda uma estrutura na qual a vida do pequeno sitiante e a auto-suficiência deficitária o expulsa (ou pode expulsá-lo a qualquer momento) para algum lugar que nunca vai ser seu mundo.

A maneira como Marins abordou nos seus contos as atividades ligadas às pequenas propriedades rurais, o medo de perder as terras, os males causados pelas geadas, a colheita do café, entre outros aspectos, vão configurando a sua concepção referente ao mundo rural e ao caipira. Sem dúvida, esta concepção que se faz veicular pela literatura, está marcada pela rusticidade e pelos “valores da terra” do qual o caipira é portador e, possivelmente, guardião.

Em *Nas terras do Rei Café*, observamos uma linguagem mais enfática em relação à valorização dos instrumentos rudimentares utilizados na roça, dos dias cheios de tarefas e desafios, em relação aos animais, às plantas e aos seus inimigos. Os seres humanos e os seres inanimados interagem num mesmo plano.

Percebeu-se também que Marins conciliou o que era divertimento com o que era trabalho, apontando para duas formas de atividades que não estavam separadas, remetendo às duas características apontadas por Candido a respeito das manifestações da cultura caipira: o lazer e o trabalho indissociados, o que constituiu uma das principais causas da estigmatização do caipira.

Por *Taquara-Póca* apresentar inúmeras semelhanças com o Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, no terceiro capítulo traçou-se um paralelo entre os dois sítios e em seguida entre a trajetória intelectual dos dois escritores.

De maneira muito próxima ao sítio do *Picapau Amarelo*, criado em 1921, Marins narrou outras aventuras no sítio Taquara-Póca, a partir de 1945. A vila do Tucano, onde está localizado o sítio do *Picapau Amarelo*, foi a metáfora utilizada por Lobato e que serviria de exemplo para o país. O Petróleo seria a principal alternativa para se chegar aos benefícios. Lobato produziu um discurso acentuadamente industrialista onde as riquezas naturais, o trabalho, o petróleo, o transporte e a criação de um mercado interno, constituíram os elementos norteadores de um projeto de progresso. Ao contrário, Marins permaneceu focado na sobrevivência da pequena propriedade e do seu acesso à modernização, apontando para um discurso ruralista e ao mesmo tempo, para

valorização dos elementos arcaicos da cultura caipira. Em ambos os sítios, foram testadas experiências para o seu desenvolvimento. Porém, em Lobato o sítio permaneceu um local ideal, - uma “Passárgada”, ao passo que em Marins, transpareceu a decadência da vida rural e seus sinais de agonia.

A trajetória intelectual e literária dos dois escritores também apresentam algumas semelhanças. Lobato ganhou visibilidade no meio intelectual pelos primeiros artigos que publicou em notas de suplementos de jornais, especialmente pelo artigo *Velha Praga*. Marins teve reconhecimento a partir de suas histórias infantis que foram publicadas pelas Edições *Melhoramentos*, inicialmente com *Nas terras do Rei Café* (1945).

Lobato e Marins tiveram uma conduta literária eminentemente pedagógica, didática e engajada. Ambos acreditaram no papel que literatura poderia desempenhar no sentido formador e construtivo na infância e, portanto, na construção da cidadania. O paralelo da trajetória dos dois autores demonstrou que ambos continham o objetivo político bem claro de contribuir para a formação de cidadãos, o anseio de despertar nas crianças a curiosidade intelectual e atitude crítica.

No entanto, o início da publicação dos dois escritores foi marcado por uma grande diferença de concepção a respeito do mundo rural e do caipira. Por isso, tratamos também em subitem, da construção “Jeca” na literatura de Lobato, já que a literatura de Marins, em parte, foi iniciada como uma resposta à concepção de Lobato. Observamos que a construção do “Jeca”, em 1914, remete ao pensamento de um setor considerável da oligarquia paulista no início do século, insatisfeita com a política em vigor. Assim, como expressa uma atitude típica do evolucionismo, sob a ótica pessimista, ao atribuir às classes mais pobres, entre elas as comunidades caipiras ou os mestiços, às deficiências do Brasil.

Mas Lobato justificou a situação do “Jeca” em decorrência da higiene e saneamento, o que consolidou a sua revisão do homem o campo, repensando assim a concepção racista que norteou a concepção do “Jeca”, em 1914 até o início de 1918. A ênfase passou para a questão do trabalho, ou melhor, para a “necessidade de se modernizar as relações de trabalho no país, através da melhoria das condições de vida da população rural, paralelamente à introdução de métodos disciplinares nitidamente tayloristas”.²²⁸

Estes valores que remetem ao progresso social e econômico,

²²⁸ CAMPOS, A. L. V.. Op. cit., p. 83.

exaltados na década de 1920 ressurgiram no nacional-desenvolvimentismo nos anos 1940. E o “mundo rural”, tradicionalmente apontado como entrave ao desenvolvimento brasileiro, ressurgiu na literatura, na mídia e em outras formas de expressão artística como vanguarda das iniciativas econômicas.

A partir dessa constatação, o IV e último capítulo focamos no diálogo da literatura de Marins com os projetos maiores que intelectuais propuseram para o campo e que circularam no âmbito do Estado e da elite nacional no período do Governo de Getúlio Vargas.

A obra de Marins pode não estar diretamente relacionada aos projetos maiores para o mundo rural. Mas foi publicada e difundida num período em que intelectuais aliados ou não ao poder pensaram estratégias e projetos para a incorporação do campo e do seu homem no projeto maior de desenvolvimento do país. Dialogou, portanto, com visões de intelectuais e letrados, de uma elite dirigente do país num momento em que a questão atraso/progresso orientou as discussões a respeito da identidade nacional entre outras.

A articulação dos valores em positivo do homem do campo com vistas para a educação configurou a sua abordagem sobre o mundo rural. Se aproximando do saudosismo observado por Candido, que via no campo “o ambiente ideal para a formação dos homens saudáveis e retos, dos grupos harmoniosos, incontaminados pelo artificialismo das cidades”.²²⁹

A descrição do espaço rural e da vida cotidiana do homem do campo não consistiu apenas em promover o espaço rural, mas foi também uma crítica do escritor à ausência de políticas agrícolas efetivas ao longo do governo de Getúlio Vargas. Fosse Rio Turvo ou a “fazendola” da qual fugiu Mulita, fosse Pratânia, onde permaneceu a Prima Rita ou o sítio Taquara-Póca, os problemas e desafios que as pequenas propriedades teriam que dar conta configuraram o rural e a ruralidade da literatura de Marins.

A abordagem da concepção do mundo rural e do caipira presente nas primeiras histórias de Francisco Marins atuou e atua como uma forma de apresentar o próprio Brasil no seu aspecto rural. A vida do caipira marcada pela rusticidade e os comportamentos estimulados e descritos nas suas histórias que configuram a ruralidade da sua literatura seriam uma forma de atingir essa preservação via canal da educação.

Atualmente, aos 87 anos, Francisco Marins trabalha na revisão

²²⁹ CANDIDO, Antonio. As diferenças entre campo e cidade e seu significado para a educação. Op. cit., p. 63.

do seu último livro da quadrilogia dos romances chamado *Sereno da madrugada*. Cabe destacar a permanência da sua obra no mercado que pode ser verificada, por exemplo, pelo número de edições do livro *Nas terras do Rei Café*, que alcançou a 34ª edição em 2006. O crítico literário Leonardo Arroyo afirmou que sua obra alcançou harmonia e homogeneidade,

uma realização plena capaz de distingui-lo perfeitamente dos demais escritores brasileiros para a infância e juventude. Há escritores brasileiros com obra maior. Dispensamo-nos de citar nomes, mas esses mesmos escritores ressentem-se da desigualdade de sua criação, inclusive do ponto de vista dos processos utilizados nessa mesma realização (prosa, poesia, quadrinhos) o que estaria revelando ânsia de projeção que prejudica a própria obra. Marins realizou-se na constância da prosa ou do processo. Ao contrário, há autores de poucos livros, ou de um só, que surpreendem o estudioso pela interrupção do talento do criador.²³⁰

Os livros destinados à infância e juventude também surpreendem por terem sido traduzidos para mais de quinze idiomas. Em entrevista concedida à Revista *Panorama* em abril de 2007, Marins respondeu a respeito do espaço da literatura infanto-juvenil brasileira em outros países, como também da sua literatura e das traduções. Segundo o escritor, primeiro seus livros foram traduzidos para o inglês e espanhol e destes idiomas, foram traduzidos para outros quinze. Alguns, “de maneira inexplicável”, avaliou Marins, foram traduzidos para o africânder, para o checo e para o húngaro.²³¹ Marins atribuiu um motivo a estas traduções, “o interesse de editores e leitores além fronteiras pelos costumes, culturas e lendas do folclore diversificadas presentes em nosso país”.²³²

A repercussão internacional levou o escritor a figurar na *Delphin*, coleção européia de clássicos da literatura mundial para a juventude. Por sua produção recebeu também diversos prêmios e distinções literárias, entre eles, o Prêmio “Carlos Laet” (1954) da Academia Brasileira de Letras, Prêmio “Fábio Prado”, da União Brasileira de Escritores (1957), Prêmio “Município da Prefeitura do

²³⁰ ARROYO, L.. Harmonia e homogeneidade. In **Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

²³¹ Africânder é uma das línguas oficiais da África do Sul.

²³² Entrevista concedida à Revista *Panorama* em abril de 2007, consultada no arquivo pessoal do escritor. Não encontramos maiores referências a respeito desta revista.

Município de São Paulo” (1962), Prêmio “Literatura Infantil” do *Pen Club* de São Paulo, Prêmio “Lourenço Filho” (1986), Prêmio *Calipso* (1987), e o Prêmio *Jabuti* (1963).

Possivelmente a longevidade e as traduções de sua obra foram alguns dos motivos que o levaram à indicação de representante brasileiro ao Prêmio “Hans Christian Andersen” e ao Prêmio Nobel de Literatura pela Academia Paulista de Letras e outras entidades acadêmicas do país. Apesar de ter sido indicado ao prêmio Nobel, como representante brasileiro, havendo possibilidades futuras com o qual o escritor não conta, a literatura de Marins tem uma importância além do mundo das letras, como na preservação da cultura caipira e da filologia no Brasil.

FONTES

- AMARAL, Amadeu. **O dialecto caipira**. São Paulo: Casa Editora “O Livro”, 1920
- LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- MARINS, Francisco. **Nas terras do Rei Café**. Edições Melhoramentos, 1945.
- MARINS, Francisco. **O curandeiro dos olhos em gaze e outros recontos**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.
- MARINS, Francisco. Discurso de posse de Francisco Marins. (25 de março de 1966). In: **Revista da Academia Paulista de Letras**, ano XXV, vol. 71, São Paulo: 1968.
- MARINS, Francisco. O sertanismo Brasileiro. II) O Conto. In **Arcádia**. Publicação da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Ano IX, outubro de 1944, nº 44. 1944.
- DONATO, Hernani. Discursos de Hernani Donato e Francisco Marins. In **Arcádia**. Separata da Revista da Academia Paulista de Letras, nº 80, ano XXIX, São Paulo, 1972.

Entrevistas:

- MARINS, Francisco. **Entrevista com o escritor Francisco Marins**. Local: Botucatu, São Paulo. 3 cassete Nipponic (60 min.), 15/mar/2008. Entrevista concedida a Cristina Dallanora.
- MARINS, Francisco. Francisco Marins começou a escrever a fim de mostrar as belezas da roça. Como vivem e trabalham nossos escritores. **Folha da Manhã**, São Paulo (capital), 10/jun/1956. Entrevista concedida a Raimundo de Meneses.
- MARINS, Francisco. Depoimento da atual geração acadêmica. **Arcádia**. Revista da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Ano IX, outubro de 1944, nº 23. Depoimento concedido a Roberto Salles Cunha.
- MARINS, Francisco. Concursos literários são fábricas de mediocridade. Hora e vez dos escritores. **A Gazeta**, de São Paulo em 09/04/1973.
- MARINS, Francisco. Francisco Marins: o escritor que faz e conta a história de Botucatu. **Revista Vitrini**, São Paulo, nº 23, 1973.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- ANDRADE, C. H. S.. Leitura sociológica de um discurso camponês em chave literária. In: **Revista USP**, São Paulo, nº 56, p. 106-124, dez/fev 2002-2003.
- ARTIÈRES, Phillippe. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**. Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, vol. 10, nº 21, 1998.
- BARROS, L. A.. A toponímia oficial de espontânea na cidade universitária – campos Butantã da USP. In: **Revista USP**, São Paulo, nº 56, dez/fev 2002/2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões da literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Ed. UNESP/HUCITEC, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vº 1. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet], 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, P.. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M.. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.
- CAMBI, Franco. **Historia da pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 10ª ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite**. 5ª ed. revista pelo autor. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10ª ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006
- CARVALHO, B. V.. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1985.
- CHALHOUB, S.; PEREIRA, Leonardo A. M.. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- COELHO, N. N.. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**, (1882/1982). São Paulo: Edições Quiron, 1983.
- DALLANORA, Cristina. **Taquara-Póca**. O Brasil rural de Francisco

- Marins. 2006. 61 f.. Monografia (Graduação em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- DEBUS, Eliane S. D.. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Itajaí: UNIVALI Ed.; Florianópolis: Ed. UFSC, 2004.
- DEL PRIORE, M.; VENÂNCIO, R.. O nascimento do ensino agrícola. In: **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- DEMARTINI, Z. B. F.. Relatos orais sobre a infância e o processo de alfabetização. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Org.). **Linguagens infantis**. Outras formas de leitura. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- DIAS, C. L. S.. **Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o regionalismo**. São Paulo: FFLCH/USP, 1980.
- FERNADES, E. B. B.. Imagens de índios em O MALHO: a imprensa como mediadora de representações. In: **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**, São Leopoldo RS, 2007.
- FERREIRA, A. C.. A fonte fecunda” In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FRANCO, M. S. C.. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. São Paulo: Institutos de Estudos Brasileiros da USP, 1969.
- FREITAS, Marcos Cézár (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Sonho, terra, homem**: estudo da obra de Francisco Marins. São Paulo: Clíper Editora, 2004.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Editora Pioneira, 1984.
- GOMES, A. M. C.. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GONÇALO, Junior. **A guerra dos Gibis**: a formação de mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GUEDES, S.. **Orígenes Lessa e a Propaganda Brasileira**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva os estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico:

uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. In: **Estudos históricos**. Indivíduo, biografia e história. Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997.

IOKOI, Z. M. G. Jeca Tatu contraposto aos Parceiros do Rio Bonito: diálogos entre Lobato e Cândido. In: PESAVENTO, S. J.. (Org.). **Leituras Cruzadas**: diálogos da história com a Literatura. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2000.

JACKSON, L. C.. **A tradição esquecida: Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antônio Candido**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças**. Para conhecer a literatura Infantil Brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.

LAJOLO, M. P., ZILBERMAN, R.. **Literatura Infantil Brasileira**. História e Histórias. São Paulo: Ática; 1984.

LEITE, S. H. T. A.. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas**. A caricatura na literatura paulista (1900-1920). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996.

LOBATO, Monteiro. **O Poço do Visconde**. 21ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

LOURENÇO FILHO. Manuel Bergström. **Introdução ao estudo da escola nova**: base, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 13ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **A formação de professores**: da Escola Normal à Escola de Educação. Organização: Ruy Lourenço Filho. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001, p. 84-87. Também disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/colecao_lourencofilho4_213.pdf>. Acesso em: 04/11/2009.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **A Pedagogia de Rui Barbosa**. Ruy Lourenço Filho (org.). 4ª ed. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001, disponível no site <http://www.inep.gov.br/download/cibec/2001/colecao_lourenco_filho/a_pedagogia_v2.pdf>. Acesso em: 04/11/2009.

LAMARÃO, Sérgio. Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao 'atraso' brasileiro. In **Lusotopie**, 2002/1, p. 55. Disponível em: <<http://lusotopie.sciencespobordeaux.fr/lamarao.pdf>>. Acesso em: 09/08/2009.

LUCA, T. R.. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-apresentação n'A barca de Gleyre. In: **Escrita de si, escrita da história**. Angela M. C. G.. (Org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MARTINS, José de Souza. **O sujeito oculto**: ordem e transgressão na

- reforma agrária. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- MARTINS, José de Souza. “Cultura e educação na roça, encontros e desencontros”. In **Revista USP**. Universidade de São Paulo, n. 64, dez/fev 2004-2005.
- MELLO, F. A. S. **Estudo das tendências da obra infantil de Francisco Marins**. Campinas, 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. (Orientadora: Marisa Philbert Lajolo).
- MENDONÇA, Sonia R.. **O ruralismo Brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MICELI, S.. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOTTA, Márcia. **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MURCE, R.. **Bastidores do rádio**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- NAGLE, J.. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EDUSP, 1974.
- NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira**. Da Roça ao Rodeio. São Paulo: Editora 34, 2005.
- OLIVEIRA, L. L.. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- PARK, M. B.. **Histórias e leituras de Almanques no Brasil**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.
- PARK, M. B.. **Leituras de almanques: O Cordãozinho e o Jeca**, disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio22.html>>. Acesso em: 25/06/2009.
- PASSERON, J. **O raciocínio sociológico: o espaço não popperiano do raciocínio natural**. Tradução de Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- PRADO, A. A. Ruralismo Pedagógico no Brasil do Estado Novo (1937-1945). In: Revista **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, 1995, nº 4, p. 5-27.
- PRADO, A. A. Intelectuais e educação no Estado Novo (1937-1945): o debate sobre a formação do professor primário rural. **Teias** (Rio de Janeiro) vol. 1, 2000.
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 2ª ed. Campinas: Ed. Pontes, 1991.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais a que era. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

- RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. 2ª ed., São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- SAROLDI, L. C.; MOREIRA, S. V.. (Org.). **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.
- SARTRE, Jean-Paul. **O que é a Literatura?** 3ª ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. Editora Ática: São Paulo: 2004.
- SCHWARCZ, L. M.. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 170-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, F. C. T.. Vargas e a questão agrária: a construção do fordismo possível. In: **Diálogos: Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, 1998.
- SILVA, F. C. T.. Conflito e conservadorismo numa sociedade agrária. In: **Mundo Rural e Política: ensaios disciplinares**. Raimundo Santos, Luiz Flávio de Carvalho, Francisco Carlos Teixeira da Silva (Org.). Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.
- SOUZA, C. M. Discursos Intolerantes: Educação Rural e a Representação do Camponês Analfabeto. In: **Histórica**. Revista Eletrônica do Arquivo do Estado. Imprensa Oficial: Ed.03, julho de 2005. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao03/materia02/rural.pdf>>. Acesso em: 04/11/2009.
- SOUZA, C. C.. **A literatura infantil e juvenil de Francisco Marins: uma representação de certa realidade brasileira**. 2002. 369 f.. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.
- TOTA, Antônio Pedro. **Locomotiva no ar: Rádio e Modernidade em São Paulo – 1924-1934**. São Paulo, Secretaria do Estado de Cultura/PW, 1990.
- ZILLY, Berthold. Nação e Sertanidade: Formação étnica e civilizatória do Brasil, segundo Euclides da Cunha. In: **Zwischen Literatur und Philosophie, suche nach dem Menschlichen**. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag, 2000.

VELLOSO, M. P. A literatura como espelho da nação. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 1, n° 2, 1988.

WILLIAMS, Raymod. **A cidade e o campo:** na História e na Literatura. [Trad. Paulo Henrique Brito]. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.